UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

JENNYANE VASCONCELOS RAMOS DE MOURA RUFINO

A EDUCAÇÃO EXTRAESCOLAR DO MOVIMENTO ESCOTEIRO NO PIAUÍ (1930 – 2020): HISTÓRIA E MEMÓRIA

TERESINA (PI)
2021

JENNYANE DE VASCONCELOS RAMOS DE MOURA RUFINO

A EDUCAÇÃO EXTRAESCOLAR DO MOVIMENTO ESCOTEIRO NO PIAUÍ (1930 – 2020): HISTÓRIA E MEMÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEd) do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Piauí, como exigência para defesa do Mestrado em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas

Orientadora: Profª. Drª. Maria do Amparo Borges Ferro

TERESINA (PI)

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processos Técnicos

R926e Rufino, Jennyane de Vasconcelos Ramos de Moura.
A educação extraescolar do movimento escoteiro no Piauí (1930-2020) : história e memória / Jennyane de Vasconcelos Ramos de Moura Rufino. – 2021.
137 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2021.
"Orientadora: Profª. Drª. Maria do Amparo Borges Ferro."

1. Educação. 2. Movimento Escoteiro. 3. Cultura educacional escoteira. 4. História e Memória. I. Ferro, Maria do Amparo Borges. II. Título.

CDD 370.981 22

Francisca das Chagas Dias Leite – Bibliotecária – CRB-3/1004

JENNYANE VASCONCELOS RAMOS DE MOURA RUFINO

A EDUCAÇÃO EXTRAESCOLAR DO MOVIMENTO ESCOTEIRO NO PIAUÍ (1930 – 2020): HISTÓRIA E MEMÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEd) do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Piauí, como exigência para o exame de qualificação do Mestrado em Educação.

APRESENTADO EM: 23/06/2021

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Maria do Amparo Borges Ferro
Universidade Federal do Piauí – UFPI/PPGED
Orientadora

Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti
Universidade Federal do Piauí – UFPI/PPGED
Examinador Interno

Profª PhD Sônia Maria dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia – UFU/PPGED
Examinadora Externa

Profª. Drª. Josânia Lima Portela Carvalhedo
Universidade Federal do Piauí – UFPI/PPGED
Examinadora Interna - Suplente

Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento
Universidade Federal de Sergipe – UFS/PPGED
Examinador Externo - Suplente

Dedico este trabalho principalmente à minha mãe, Sandra Lima de Vasconcelos Ramos, inspiração diária e constante, paradigma autêntico na minha formação profissional e pessoal, exemplo de mulher, mãe, esposa, estudante e profissional, nunca deixando que as limitações tivessem veracidade em seu próprio conceito de ser limitante; à todos os irmãos escoteiros, em especial àqueles no 1º GE Visconde de Cairú, que tanto contribuíram para minha formação juvenil enquanto membro juvenil e na minha jornada enquanto membro escotista, destaque ao escoteiro Ícaro Alex Soares Bezerra, que me fez ingressar e conhecer essa parte da minha vida e da minha história da qual nunca mais pude me desvincular; à minha família, destacando-se meu esposo Pablo Henricky Moura Rufino, que teve paciência e quem mais me incentivava a continuar em tempos sombrios e de pandemia onde meu inimigo de escrita era a procrastinação, ele estava ali me dando suporte e alicerce e me impulsionando a persistir; meus pupilos Ellen Júlia Castelo Branco Rufino e Arthur Castelo Branco Rufino e minha filha Jenna Vasconcelos Ramos de Moura Rufino, pelos quais me tornei escotista e que me impelem cada vez mais a ser exemplo para eles como minha mãe é para mim.

Jennyane Rufino

AGRADECIMENTOS

“Exorta semelhantemente os jovens a que sejam moderados” Tito 2:6
Alerta, ó escoteiros!

Minha gratidão, primeiramente, a Deus, por todas as portas que Ele abriu para que hoje eu aqui estivesse.

Aos meus pais, Fernando e Sandra, por toda força, por todo apoio desprendido, por cada valor de caráter em mim forjado em exemplos de puro amor.

Aos meus sogros, Raimundo e Francisca por sua confiança e consideração e por serem minha válvula de escape, sem eles não seria fácil essa caminhada.

Ao meu esposo, Pablo Henricky, tão cúmplice e maior incentivador, que abre a cada dia os meus olhos para o universo do diverso, meu exemplo de superação diário e suporte que me motiva a avançar.

Aos meus enteados, Júlia e Arthur, minha esperança e amor, meu ímpeto de me superar cada vez mais.

À minha filha Jenna, que sempre foi projeto em meu coração e fruto gerado nas etapas finais desse mestrado.

À professora Amada pelo apoio, incentivo, ensino e correções, alicerçando meu texto, me ajudando a delinear meus pensamentos e ideias.

À professora Teresinha pela disposição, apoio, incentivo, ensino e correções, apesar de tantos infortúnios me ajudou muito a chegar ao resultado final deste trabalho.

À professora Amparo, minha orientadora, por suas orientações e direcionamento, em especial por sua fé em mim, sem seu apoio eu não teria alcançado o êxito neste trajeto.

Aos meus irmãos de lenço, interlocutores da pesquisa, por sua total disponibilidade e contribuição.

Ao chefe Bruno Daniel pela paciência e cuidado, sempre disposto a ajudar em qualquer situação necessária à pesquisa.

Aos professores das Bancas de Qualificação e Defesa, sem as quais não teria as contribuições tão essenciais para quem almeja a excelência da pesquisa.

Aos irmãos em Cristo, que me resguardaram em orações a Deus, pelo estímulo e amizade.

Aos demais amigos, familiares, professores e companheiros de mestrado, meus agradecimentos, por cada dúvida respondida, ideia compartilhada, conhecimento adquirido e cuidados prestados.

Muito obrigada!

Sempre Alerta!

RUFINO, Jennyane de Vasconcelos Ramos de Moura. **A educação extraescolar do movimento escoteiro no Piauí (1930-2020)**: história e memória. 137f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2021.

RESUMO

Este estudo, intitulado de “A educação extraescolar do movimento escoteiro no Piauí (1930 – 2020): história e memória”, traz no cerne de sua pesquisa a trajetória do escotismo desde sua fundação na Inglaterra em 1908, sua chegada ao Brasil em 1910, e no estado do Piauí em 1930. Procura um aprofundamento teórico-metodológico do objeto de estudo a partir do percurso histórico do Movimento Escoteiro Mundial, no Brasil e no Piauí. Objetiva reconstituir o conhecimento histórico do Movimento Escoteiro do Piauí; identificar aspectos importantes da cultura escoteira, (re) construindo memórias de dirigentes, escotistas, escoteiros e familiares sobre o passado e presente do Movimento; analisar práticas educativas do Movimento Escoteiro no Piauí e suas contribuições para a formação integral dos sujeitos partícipes desse movimento, ao longo de seu percurso histórico. Como orientação metodológica, optou-se pela realização de uma pesquisa historiográfica de natureza qualitativa, tendo em vista dar significado às informações coletadas, por meio de interpretação mais aprofundada da complexidade humana (MINAYO, 2003). Foram escolhidos 8 (oito) Grupos Escoteiros entre os 16 (dezesseis) existentes no Piauí, em um total de 24 interlocutores, sendo 13 (treze) escotistas, 5 (cinco) familiares e 6 (seis) escoteiros. A relevância da pesquisa se evidenciou pela possibilidade de reconstituir o conhecimento histórico e a memória do Escotismo no Piauí, com foco nos processos de organização, estruturação e funcionamento, bem como na importância das práticas educativas utilizadas pelo movimento, para a formação de valores. Entre os teóricos que fundamentam a história do Movimento e Cultura Escoteira conta-se com as contribuições de: Baden-Powell (1993), Boulanger (2000), Nascimento (2008). Fávero e Valla (1977), Gutierrez (2004), Thomé (2006), Catarino, Queiroz e Barbosa-Lima (2017), e outros, que contribuíram para as reflexões sobre educação extraescolar, assim como Souza (2000), Julia (2001), Buffa (2002), Gatti Jr (2002), Faria Filho et al (2004), Ferro (2010) e Magalhães (1998, 2004) que trabalham cultura escolar e instituições educativas. Além desses teóricos, Halbwachs (1990), Burke (1991,1992), Certeau (1994), Le Goff, Chartier e Revel (1998), Thompson (2001), entre outros, contribuíram com os preceitos da História Cultural.

Palavras-chave: Educação. Movimento Escoteiro. Cultura educacional escoteira. História e Memória.

RUFINO, Jennyane de Vasconcelos Ramos de Moura. **The extracurricular education of the scout movement in Piauí (1930-2020)**: history and memory. 137f. Dissertation (Masters) – Federal University of Piauí, Graduate Program in Education, Teresina, 2021.

ABSTRACT

This study, entitled “The out-of-school education of the scout movement in Piauí (1930 - 2020): history and memory”, brings to the heart of his research the trajectory of scouting since its founding in England in 1908, its arrival in Brazil in 1910, and in the state of Piauí in 1930. It seeks a theoretical and methodological deepening of the object of study from the historical path of the World Scout Movement, in Brazil and Piauí. It aims to reconstruct the historical knowledge of the Scout Movement of Piauí; identify important aspects of the Scout culture, (re)building memories of leaders, Scouts, Scouts and family members about the past and present of the Movement; to analyze educational practices of the Scout Movement in Piauí and their contributions to the integral formation of the subjects participating in this movement, along its historical path. As a methodological guideline, we opted for conducting a qualitative historiographical research, in order to give meaning to the information collected, through a more in-depth interpretation of human complexity (MINAYO, 2003). Eight (8) Scout Groups were chosen among the 16 (sixteen) existing in Piauí, in a total of 24 interlocutors, being 13 (thirteen) Scouts, 5 (five) family members and 6 (six) Scouts. The relevance of the research was evidenced by the possibility of reconstructing the historical knowledge and memory of Scouting in Piauí, focusing on the processes of organization, structuring and functioning, as well as on the importance of the educational practices used by the movement, for the formation of values. Among the theorists who base the history of the Scout Movement and Culture are the contributions of: Baden-Powell (1993), Boulanger (2000), Nascimento (2008). Fávero and Valla (1977), Gutierrez (2004), Thomé (2006), Catarino, Queiroz and Barbosa-Lima (2017), and others, who contributed to the reflections on out-of-school education, as well as Souza (2000), Julia (2001), Buffa (2002), Gatti Jr (2002), Faria Filho et al (2004), Ferro (2010) and Magalhães (1998, 2004) who work with school culture and educational institutions. In addition to these theorists, Halbwachs (1990), Burke (1991,1992), Certeau (1994), Le Goff, Chartier and Revel (1998), Thompson (2001), among others, contributed to the precepts of Cultural History.

Keywords: Education. Scout Movement. Scout educational culture. History and Memory. Values.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - 1º GE Visconde de Cairú.....25

Figura 2 - Formulário de autorização dos pais para participação em atividades de campo.....26

Figura 3 - Declaração de providências de segurança e apoio logístico para atividade de campo.....27

Figura 4 - 2º GE Erivaldo Sandro.....27

Figura 5 - 3º GE Nitish Laharry.....28

Figura 6 - 12º GE Dom Severino Vieira de Melo.....29

Figura 7 - 18º GE Aldrin Barbosa.....30

Figura 8 - 28º GE Raul Furtado Bacellar.....31

Figura 9 - 29º GE Seção Escoteira Autônoma 29 de julho.....32

Figura 10 - 30º GE Seção Escoteira Autônoma Sobradinho.....33

Figura 11 - Capa do 3° Jornal de Blumenau: Der Urwaldsbote.....44

Figura 12 - Capa do Jornal de São Paulo: O correio Paulistano.....47

Figura 13 - Robert Baden-Powell, pintura de Sir Hubert von Herkomer - óleo sobre tela, 1903, ...55

Figura 14 e 15 - Imagens do primeiro acampamento da história do escotismo e da ilha de Brownsea 57

Figura 16 - Warington Baden Powell.....59

Figura 17 - Major Brigadeiro Godofredo Vidal.....60

Figura 18 - Foto do voo realizado pelo 1º Grupo Escoteiro do Ar East Grinstead, publicada em 1912.....60

Figura 19 - Lady Olave Baden Powell.....62

Figura 20 - Família Baden Powell – Lady Olave, Lord BP e seus três filhos Arthur, Heather e Betty. 63

Figura 21 - Mapa do Brasil com a marcação territorial por Unidades da Federação de Escoteiros em atividade até 2019 69

Figura 22 - Divisão por gênero e faixa etária 70

Figura 23 e 24 - Capa da Parte II do livro Escotismo para Rapazes, em sua versão original de 1908 e capa da edição brasileira, impressa e distribuída pela UEB. 70

Figura 25 - Jerônima Mesquita, primeira chefe escoteira nacional (Comandante Chefe, na nomenclatura do bandeirantismo). 72

Figura 26 - Promessa das primeiras escoteiras (bandeirantes) no Brasil 73

Figura 27 e 28 - Símbolo do escotismo mundial e nacional, respectivamente. 77

Figura 29 - As três pontas do distintivo do Escotismo e os três dedos da saudação lembram ao escoteiro as três partes da Promessa Escoteira. 78

Figura 30 e 31 - Chefe Escoteira, escoteiros e lobinhos utilizando o sinal escoteiro para saudação 78

Figura 32 e 33 - Chefe Escoteira cumprimentando Lobinho com o aperto de mão escoteiro durante cerimônia de entrega de distintivos e certificados e a ilustração do aperto de mão feita por BP 79

Figura 34 - Ala da Chefia em desfile cívico, demonstrando a variedade de uniformes e adereços aceitos pela União dos Escoteiros do Brasil. 80

Figura 35 - Traje e uniforme escoteiro, respectivamente, no início dos anos 2000.

Figura 36 - Exposição de uma coleção de lenços escoteiros em evento realizado no dia da criança. 80

Figura 37 - Quadros demonstrativos de distintivos por ramo - Sede da Região Escoteira do Piauí 81

Figura 38 e 39 - Destaque da mesa com certificados e distintivos a serem entregues aos lobinhos e escoteiros durante cerimônia e capa do guia de especialidades. 82

Figura 40 e 41 - Lista de participantes de acampamento de grupo em 2001 - arquivo sede da região escoteira do Piauí 83

Figura 42 - Placa concedida à região escoteira do Piauí
Escoteiros reunidos após desfile cívico para grito de guerra do grupo.....83

Figura 43 - Página da Revista Expressão contendo reportagem detalhada sobre o escotismo no Piauí..... **88**

Figura 44 - Galeria de troféus na sede da região escoteira do Piauí.....90

Figura 45 - Certificado concedido à Região do Piauí em reconhecimento a serviços prestados à escola.....94

Figura 46 - Detalhe do decreto Nº 1438/1933 97

Figura 47 - Ata de fundação do grupo Visconde de Cairú 103

Figura 48 e 49 - Estátua de Caio Vianna Martins, em Juiz de Fora/MG e fotografia de Aldo Chioratto.....111

Figura 50 - Fotografia feita na escada da passarela da estação ferroviária da Barra Funda, em São Paulo, em 1942.....112

Figura 51 e 52 - Lobinhos do 1º GE Visconde de Cairú em reunião em 2019 e em 1996 – Vestimentas e uniformes.....115

Figura 53 - Quadro de nós - sede da Região escoteira do Piauí.....116

Figura 54 - Detalhe do livro "Nós e Amarras" com ensinamentos e usos para diferentes nós e amarras 116

Figura 55 - Detalhe de partitura com o Hino da Promessa.....118

Figura 56 - Hino Alerta em publicação oficial da UEB.....118

SUMÁRIO

1 INTRODUÇAO..... 15

2 *PISTAS*: AS BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA INVESTIGAÇÃO..... 19

2.1 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A HISTÓRIA CULTURAL..... 20

2.2 PESQUISA HISTORIOGRÁFICA E A CONDUÇÃO METODOLÓGICA DA INVESTIGAÇÃO..... 21

2.3 EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO-FORMAL E EXTRAESCOLAR: ÁREAS DE ATUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS..... 35

2.4 EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA E ESCOTISMO: UM DIÁLOGO SIGNIFICATIVO..... 40

3 *TRILHA*: RETROSPECTIVA HISTÓRICA DO MOVIMENTO ESCOTEIRO..... 54

3.1 HISTÓRIA DO ESCOTISMO NO MUNDO..... 55

3.2 MODALIDADES DO MOVIMENTO ESCOTEIRO MUNDIAL..... 58

3.2.1 Escoteiros do mar..... 58

3.2.2 Escoteiros do ar..... 59

3.2.3 Escotismo feminino..... 61

3.2.4 Escotismo do mar no Brasil..... 71

3.2.5 Escotismo do ar no Brasil..... 71

3.2.6 Escotismo feminino no Brasil..... 71

3.3 CULTURA ESCOTEIRA..... 73

4 ***RUMO:* HISTÓRIA E MEMÓRIA DO MOVIMENTO ESCOTEIRO NO PIAUÍ**..... 86

4.1 HISTÓRIA DO ESCOTISMO NO PIAUÍ: QUANDO E ONDE TUDO COMEÇOU..... 87

4.2 CULTURA ESCOTEIRA NO PIAUÍ REGISTRADAS NAS MEMÓRIAS DE DIRIGENTES, ESCOTISTAS, ESCOTEIROS E FAMILIARES..... 106

4.3 PRÁTICAS EDUCATIVAS DO MOVIMENTO ESCOTEIRO NO PIAUÍ E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DOS SUJEITOS PARTÍCIPES DESSE MOVIMENTO..... 120

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA *TRAVESSIA*..... 130

REFERÊNCIAS..... 133

INTRODUÇÃO

Meu Senhor e meu Chefe
Ajudai-me a ser vencedor nas minhas lutas
A fazer o melhor possível,
A cumprir os meus deveres
A esquecer de mim e pensar primeiros nos outros
A estar de olhos abertos para ver as maravilhas que criastes
A estar de ouvidos abertos para poder te ouvir
Ajuda-me Senhor a cumprir minha promessa
Assim seja
Amém.

(Oração do Lobinho)

1 INTRODUÇÃO

> *O filho chega em casa, acompanhado pelo segurança de uma mercearia, acusado de cúmplice de furto. O segurança o havia interrogado veementemente com a certeza de que ele havia testemunhado o crime cometido, mas o garoto continuava negando, na tentativa de proteger seu amigo. Rapidamente a mãe pediu: - Dê sua "palavra de Escoteiro" de que seu amigo não furtou aquele perfume! Sem saída, o menino calou! Não poderia dar sua "palavra de Escoteiro"!*

A epígrafe destaca o valor da **"**palavra de escoteiro**"** para quem um dia participou do movimento. Percebe-se que, uma vez que o indivíduo, na infância ou adolescência, participa do Movimento Escoteiro, acaba por construir e agregar valores importantes para sua vida adulta, como por exemplo, o valor de uma palavra dada.

Segundo o site oficial do movimento escoteiro, organizado pela União dos Escoteiros do Brasil, **"**O Escotismo é um movimento educacional que, por meio de atividades variadas e atraentes, incentiva os jovens a assumirem seu próprio desenvolvimento, a se envolverem com a comunidade, formando verdadeiros líderes**"** (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2019). Com 113 anos, o Movimento Escoteiro tem feito parte da vida de milhares e milhares de pessoas pelo mundo. No Brasil, o Escotismo chegou em 1910, no Rio de Janeiro, trazido por um grupo de oficiais que fundou a primeira associação escoteira, chamada de Centro de *Boys Scouts* do Brasil. Seu reconhecimento como instituição extraescolar reforça a relevância de se pesquisar a temática proposta sob o título **"**A educação extraescolar do Movimento Escoteiro no Piauí (1930 **–** 2020): história e memória**"**.

Este estudo contribuiu para reconstituir a história e memória do Escotismo no Piauí, analisando seus processos de organização, estruturação e funcionamento, destacamos a importância das práticas pedagógicas utilizadas pelo movimento para a formação de valores. Um dos elementos motivadores da escolha por esse tema foi a oportunidade de ter participado do grupo de Escoteiros durante parte da infância e adolescência, e, atualmente, por estar atuando como líder voluntária. Como integrante do movimento, pudemos conhecer a visão, a missão, os princípios e os propósitos do Escotismo por meio de práticas pedagógicas voltadas para a formação do caráter e para o desenvolvimento moral, social e intelectual do ser humano.

Partimos da história e memória do sistema de educação extraescolar do movimento Escoteiro no Piauí no período de 1930 a 2020, para enfatizar as práticas

educativas/pedagógicas dos escotistas, no intuito de, a partir dessa investigação, contribuir para o registro histórico do Escotismo no Piauí e revelar essas práticas e sua relação com a educação em ambientes não escolares que são de significativa importância para formação de valores e para o desenvolvimento de habilidades e de competências voltadas para a inclusão educativa e social de crianças, adolescentes e jovens.

Nesse sentido, emergindo das reflexões sobre a necessidade de se valorizar as rotinas escotistas como práticas educativas e seu desenvolvimento no contexto histórico, surgiu nosso problema de pesquisa: Historicamente, como o Movimento Escoteiro do Piauí, ao longo de seu percurso, vem contribuindo com suas práticas educativas para a formação integral dos sujeitos partícipes dessa instituição?

A resposta a esse questionamento é de grande relevância histórica, social, cultural e científica, pois o Escotismo enquanto movimento educacional tem sido pouco abordado e estudado pela historiografia brasileira e, ainda menos, o Escotismo no estado do Piauí. Portanto, objetivamos reconstituir o conhecimento histórico do Movimento Escoteiro do Piauí; identificar aspectos importantes da cultura escoteira, (re) construindo memórias de dirigentes, escotistas, escoteiros e familiares sobre o passado e presente do Movimento; analisar práticas educativas do Movimento Escoteiro no Piauí e suas contribuições para a formação integral dos sujeitos partícipes desse movimento, ao longo de seu percurso histórico. Nesse sentido, pretendemos que esta investigação venha a contribuir para a ampliação dos conhecimentos sobre a Educação do Piauí em espaços não escolares, incentivando e subsidiando outros estudos nessa área.

Encontramos na progressão escoteira a alusão metafórica ideal para representar a progressão de nossa investigação sobre a história e memória do movimento escoteiro no Piauí. Nesta alusão, as etapas do estudo realizado são representadas por cada distintivo recebido dentro do ramo escoteiro. Ou seja, no título de cada seção constam os termos: pista, trilha, rumo e travessia, exatamente na mesma ordem dos passos de progressão pessoal do escoteiro dentro de sua caminhada no escotismo. Alusivamente, as etapas da investigação foram organizadas desse modo, pois achamos coincidente serem também representações de nosso caminhar e progresso dentro da pesquisa histórica sobre o Movimento.

As pistas, no escotismo, são a base dos saberes que o escoteiro irá adquirir ao longo de sua caminhada. Do mesmo modo, na primeira seção, intitulada “*Pistas*:

as bases teórico-metodológicas da investigação", são apresentados os fundamentos teóricos e metodológicos deste estudo. Para um melhor entendimento, essas bases foram organizadas em quatro subseções: Reflexões teóricas sobre a História Cultural; Pesquisa Historiográfica e a condução metodológica da investigação; Educação formal, não-formal e extraescolar: áreas de atuação e características; e, Educação, Pedagogia e Escotismo: um diálogo significativo.

A trilha se desdobra após as pistas serem seguidas e representa o percurso que o escoteiro pretende seguir no Movimento. Do mesmo modo, alusivamente, a segunda seção de nosso trabalho, intitulado "*Trilha*: retrospectiva histórica do movimento escoteiro, nos convida a revisitar o passado, para através do conhecimento sobre a história e memória do Movimento Escoteiro construir as pontes necessária entre a pedagogia e o método de formação e ensino deixado por seu fundador, Baden-Powell. Para tanto, foram organizadas duas subseções. A primeira apresenta a história do escotismo, realçando aspectos da cultura escoteira e destacando as contribuições do escotismo para a formação de valores. Na segunda, discorremos sobre o Movimento Escoteiro no Brasil.

O rumo, por sua vez, constitui o terceiro distintivo a ser alcançado pelo escoteiro, onde o jovem aprende a perceber a direção que aquele caminho percorrido leva. Na terceira seção intitulada "*Rumo*: História e memória do Movimento Escoteiro no Piauí", a similaridade com o distintivo escoteiro encontra-se no fato de que, a partir da caracterização dos sujeitos pesquisados, destacamos os caminhos escolhidos e percorridos por cada um.

Finalmente, assim como os escoteiros, realizamos nossa travessia, dando lugar a fala dos participantes e chegando ao destino da nossa pesquisa. Todos os distintivos trabalham no jovem o seu desenvolvimento físico, intelectual, de caráter, afetivo, social e espiritual, sendo este último enfatizado por esta pesquisadora no destaque em cada início de seção das orações escoteiras utilizadas rotineiramente nas atividades e solenidades do escotismo.

Como universo da pesquisa foram selecionados os seguintes grupos de escoteiros do Piauí: 1º GE Visconde de Cairú, 2º GE Erivaldo Sandro, 3º GE Nitish Laharry, 12º GE Dom Severino Vieira de Melo, 18º GE Aldrin Barbosa, 28º GE Raul Furtado Bacellar, 29º GE Seção Escoteira Autônoma 29 de Julho e 30º GE Seção Escoteira Autônoma Sobradinho. Como amostra da pesquisa, foram escolhidos 24 (vinte e quatro) sujeitos distribuídos entre esses 8 (oito) grupos.

Como técnicas de produção de dados, desenvolveu-se a observação, a aplicação de entrevista semiestruturada, a produção de relatos de experiências e a análise de documentos. A entrevista semiestruturada contou com 12 (doze) perguntas a respeito da experiência no movimento e de aspectos gerais que ligam o movimento à educação no Brasil.

A relevância da pesquisa se evidenciou pela possibilidade de reconstituir a história e memória do Escotismo no Piauí, analisando seus processos de organização, estruturação e funcionamento e destacando a importância das práticas pedagógicas utilizadas pelo movimento para a formação de valores. Este estudo teve como foco as práticas educativas do Movimento Escoteiro e teoricamente, desenvolveu-se em torno de dois eixos: instituições educativas e cultura educacional escoteira.

Entre os teóricos que fundamentam a história do Movimento e Cultura Escoteira contamos com as contribuições de: Baden-Powell (1993), Boulanger (2000), Nascimento (2008). Fávero e Valla (1977), Gutierrez (2004), Thomé (2006), Catarino, Queiroz e Barbosa-Lima (2017), e outros, contribuíram para as reflexões sobre educação extraescolar, assim como Souza (2000), Julia (2001), Buffa (2002), Gatti Jr (2002), Faria Filho et al (2004), Ferro (2010) e Magalhães (1998, 2004) que trabalham cultura escolar e instituições educativas embasaram as análises sobre esses temas. Além desses teóricos, Halbwachs (1990), Burke (1991,1992), Certeau (1994), Le Goff, Chartier e Revel (1998), Thompson (2001), entre outros, que contribuíram com os preceitos da História Cultural.

Portanto, o presente estudo denominado “A educação extraescolar do Movimento Escoteiro no Piauí (1930 – 2020): história e memória” emerge da progressão pessoal, parte da formação do indivíduo dentro do ramo escoteiro e a importância desta investigação se justifica a partir de sua contextualização. Nessa perspectiva, pretendemos destacar, dentro do contexto histórico educacional, como o movimento, de caráter extraescolar, enquadra-se entre as instituições destinadas a complementar a educação formal de crianças e jovens com vistas à formação de valores e à construção de um mundo melhor.



Senhor,
Ensinai-me a ser generoso,
A servir-te como Tu mereces,
A dar sem medir,
A combater sem medo de ser ferido,
A trabalhar sem descanso
E a não esperar por outra recompensa
Senão há de saber que faço a tua vontade.
Assim seja
Amém.

(Oração do Escoteiro)

2 *PISTAS*: AS BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA INVESTIGAÇÃO

Nesta seção, são apresentadas as bases teórico-metodológicas da investigação realizada, ou seja, as teorias que serviram de base para o desenvolvimento do trabalho.

No que tange à questão teórica, as práticas educativas do Movimento Escoteiro no Piauí e sua contribuição para a formação integral dos sujeitos partícipes desse movimento, objeto desse estudo, foram analisadas a partir de dois eixos: instituições educativas e cultura educacional escoteira. Quanto ao método de investigação, nesta seção, descreve-se o percurso da investigação, destacando o tipo de pesquisa e abordagem adotada, as etapas do trabalho investigativo, os instrumentos de produção de dados e os procedimentos de análise dos mesmos.

2.1 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A HISTÓRIA CULTURAL

A presente investigação é orientada pelos preceitos da História Cultural, antigamente chamada de Nova História, mas que, cada dia mais, se firma dentro dos preceitos da História e já não é mais tão nova para que se justifique o uso do termo. Burke (1992, p.9) destaca que a expressão “Nova História” ficou conhecida na França devido a uma coleção de ensaios do Jacques Le Goff. Se tratava de ensaios sobre uma “nova” História feita pelos franceses, associada à Escola dos Annales, precisamente à revista Annales: economia, sociedade e civilização.

A “nova” História surge como reação contra o modelo tradicional, ou melhor, contra o senso comum usado no tratamento da História, limitando-se a relatos e documentos oficiais, de pessoas conhecidas e/ou famosas e que fizeram algo que se destacou na história. A visão dos Annales era distinta da visão que vinha regendo a História, como era conhecida até então. Era uma visão que buscava perceber pessoas comuns dentro do recorte histórico estudado. Pessoas que não fizeram coisas grandiosas ou de destaque, cujos escritos e vozes nunca haviam sido vistos, estudados ou ouvidos. A chamada “História vista de baixo”, no dizer de Thompson (apud LOPES, GALVÃO, 2001, p. 33).

Barros (2011, p. 41) destaca que, segundo o que se tinha como paradigma, havia um limite em relação ao que se percebe como fonte histórica, fato considerado um desafio a ser enfrentado pela História Cultural. O historiador deve lidar com a "contaminação de estereótipos", sendo esse um dos problemas mais desafiadores da chamada História Cultural. A partir do reconhecimento de uma História total, que percebe tudo o que rodeia, o recorte histórico que está sendo estudado como fonte, mesmo aqueles escritos não oficiais, a História Cultural cria corpo e espaço. E é dentro desse escopo que nosso trabalho toma forma (BARROS, 2011).

Ainda sobre a História Cultural, Certeau (1994) nos adverte sobre os escritos como fonte histórica. Para ele toda leitura modifica o seu objeto, pois ler não se limita a um sistema de signos verbais ou icônicos. A leitura é, na verdade, uma reserva de formas que, pela maneira como é lida, vai ganhando sentido.

> Se, portanto, o livro é um efeito (uma construção) do leitor, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de lectio, produção própria do 'leitor'. Este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a 'intenção' deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações (CERTEAU, 1994, p. 264).

Nesse sentido, o autor também destaca o desafio da História Cultural que a partir do reconhecimento de uma História Total, não se limita a fonte escrita ou aos escritos oficiais, buscando perceber realmente tudo o que rodeia o recorte histórico que está sendo estudado.

2.2 PESQUISA HISTORIOGRÁFICA E A CONDUÇÃO METODOLÓGICA DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa histórica permite conhecer e refletir sobre o fenômeno, sendo muito importante dominar conceitos e hipóteses que compreendem a relação da História e do Tempo, com a Memória e/ou Espaço.

Nessa perspectiva, sobre a importância da memória para a pesquisa histórica, Halbwachs (1990, p. 51) destaca que "[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que

ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios".

Portanto, a pesquisa historiográfica é um processo complexo e dinâmico. No entanto, para o pesquisador que opta por realizar esse tipo de pesquisa, sua complexidade o desafia na mesma medida em que sua dinamicidade o encanta e aguça sua curiosidade epistemológica. Tendo em vista ser o objeto desta pesquisa "as práticas educativas/pedagógicas do Movimento Escoteiro no Piauí e sua contribuição para a formação integral dos sujeitos partícipes desse movimento", esse tipo de pesquisa se encaixou com as expectativas deste estudo, ou seja, optou-se pela realização de uma pesquisa histórica, pois esta permite, através das memórias e histórias orais dos protagonistas dessas práticas, interlocutores da pesquisa, alcançar os objetivos propostos para a investigação.

A opção pelo estudo qualitativo se deu tendo em vista dar significado às informações coletadas. Minayo (2003), Marconi e Lakatos (2009) destacam que a abordagem qualitativa está preocupada em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano, sendo, portanto, uma análise detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento.

Na reconstituição da história do Escotismo no Brasil, inicialmente realizamos uma breve historiografia sobre sua origem e práticas, relacionando-a aos movimentos da educação no Brasil, e destacando o importante papel da União dos Escoteiros do Brasil no contexto da educação extraescolar.

Por conseguinte, esse trabalho de pesquisa assumiu um caráter exploratório, pois o tema pesquisado é pouco estudado e conhecido. Foram utilizadas fontes escritas e orais, reconhecendo a fala, como uma fonte confiável de reconstrução histórica (LOPES; GALVÃO, 2001). Para tanto, como etapas da investigação, realizou-se pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

A – Pesquisa bibliográfica

Reportou-se a pesquisa bibliográfica cujas fontes principais são livros, artigos e outros impressos que tratam sobre as questões básicas do trabalho. Segundo Gil (2008, p. 50), a pesquisa bibliográfica é "desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos".

Contudo, compreende-se que a pesquisa bibliográfica não é suficiente para abranger toda a natureza daquilo que está sendo pesquisado, pois necessita de documentos e relatos específicos dos personagens envolvidos no universo da pesquisa.

B – Pesquisa documental

Além da pesquisa bibliográfica, destaca-se, no contexto desse estudo, a pesquisa documental realizada, que, segundo Fonseca (2002, p. 32) recorre a fontes mais diversificadas, como tabelas, cartas, filmes, vídeos, fotos, pinturas, materiais diversos, jornais, revistas, atas, relatórios, documentos oficiais, entre outros, lançando mão de importantes possíveis evidências dos fatos.

No caso desta pesquisa, como fontes materiais, foram tomados documentos históricos como: leis, decretos, relatórios, regulamentos, atas, ofícios, boletins, fotografias e outros. Importante destacar o entendimento de documento histórico como qualquer vestígio da ação humana deixado em seu percurso. Segundo Le Goff (2003), a palavra documento, em latim *documentarum*, deriva de *docece* ‘ensinar’, e foi evoluindo para o vocábulo ‘prova’. É a partir do século XVII que se difunde na linguagem jurídica francesa a expressão equivalente a “títulos e documentos”, sendo que o sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX. Nesse sentido, passou-se a considerar “documento” como o fundamento do fato histórico, sendo, em si mesmo uma prova histórica, mesmo que resulte da escolha do historiador. (LE GOFF, 2003, p. 536).

C – Pesquisa de campo

A realização de uma pesquisa de campo tornou-se relevante na trajetória investigativa, principalmente, diante do fato de que o Movimento Escoteiro do Piauí se encontra ativo e operante nos dias atuais. Segundo Fonseca (2002, p. 33), esse tipo de pesquisa se caracteriza pela coleta dos dados junto às pessoas, que ao serem interpeladas, podem através de suas memórias, se reportar ao passado, recuar no tempo buscando as origens do Movimento Escoteiro, além de descrever e destacar a importância das práticas educativas/pedagógicas para sua formação como indivíduo.

Entre os dados coletados na pesquisa de campo, foram encontrados vestígios iconográficos (fotografias), que contribuíram para uma comprovação de fatos registrados ao longo do tempo. O uso da fotografia como fonte histórica começa a ser considerado com mais ênfase na França, a partir da terceira geração dos Annales. O historiador Pierre Nora (1995) observa que, a partir dos anos de 1970, no Século XX, o texto visual, principalmente a fotografia, passa a fazer parte da escrita da história. Juntamente com Le Goff (1998), o autor avança nas discussões sobre a necessidade de novas abordagens e os novos objetos históricos, atribuindo à fotografia o caráter de fonte documental e resgatando sua importância para o trabalho de reconstrução do passado. Para Le Goff (1998), a fotografia deve ser considerada documento para se fazer história, como prova de que algo aconteceu. Canabarro (2005) destaca que Le Goff (1998):

> [...] observa que a fotografia permite conhecer a riqueza da vida, mesmo sendo realista, porque o próprio realismo é também uma criação. A fotografia representa uma inegável expressão do indivíduo, da face, do retrato e, também, expressão da vida cotidiana [...]. A imagem mostra toda a riqueza do simples ato de ver, por ser um texto visual que exprime a plenitude do humanismo. O autor finaliza salientando que se existem provas concretas do passado e a fotografia é uma delas (apud CANABARRO, 2005, p. 27).

Portanto, tanto as fotografias do Movimento Escoteiro mundial e nacional, quanto os registros fotográficos relativos ao Movimento Escoteiro do Piauí, foram considerados importantíssimos no contexto desta investigação. Como destaca Sônego (2010, p. 119), o uso da fotografia na história “permite conhecer aspectos significativos da memória coletiva, indo muito além de meras descrições, e trazem expressões vividas em outros tempos”.

Lopes e Galvão (2001) afirmam que, embora *ver* tenha precedido como fonte, *ouvir* passou ter muito espaço na historiografia contemporânea. As entrevistas permitem visualizar os rostos e escutar a voz da população composta por indivíduos tão singulares. A história oral, segundo Bom Meíhy (1998), veio servir aos anônimos, trazendo protagonismo as suas vozes e sentido as suas experiências vividas; fazendo com que estes se sintam sujeitos sociais, legítimos fazedores de História.

2.2.1 A amostragem da pesquisa

Como amostragem nesta investigação, foram escolhidos, entre os 16 (dezesseis) Grupos Escoteiros existentes no Piauí, os seguintes grupos: 1º GE Visconde de Cairú, 2º GE Erivaldo Sandro, 3º GE Nitish Laharry, 12º GE Dom Severino Vieira de Melo, 18º GE Aldrin Barbosa, 28º GE Raul Furtado Bacellar, 29º GE Seção Escoteira Autônoma 29 De Julho e 30º GE Seção Escoteira Autônoma Sobradinho. Os 8 (oito) grupos selecionados representam 50 % do total de GEs do estado. Os grupos selecionados são assim caracterizados:

⚜ 1º GE Visconde de Cairú

Sede: No prédio do Serviço Social do Comércio (SESC)
Endereço: Rua Heitor Castelo Branco, nº 2700 - Bairro Ilhotas
Município: Teresina (PI)
Ramos: Lobinho (crianças de 7 a 10 anos), Escoteiro (crianças de 11 a 14 anos), Sênior/guia (adolescentes de 15 a 17 anos) e Pioneiro (jovens de 18 a 24 anos), além da chefia (adultos com faixas etárias distintas).
Filiados: 90 membros
Observação: Este foi o primeiro grupo registrado em Teresina (PI) e que se encontra em plena atividade.

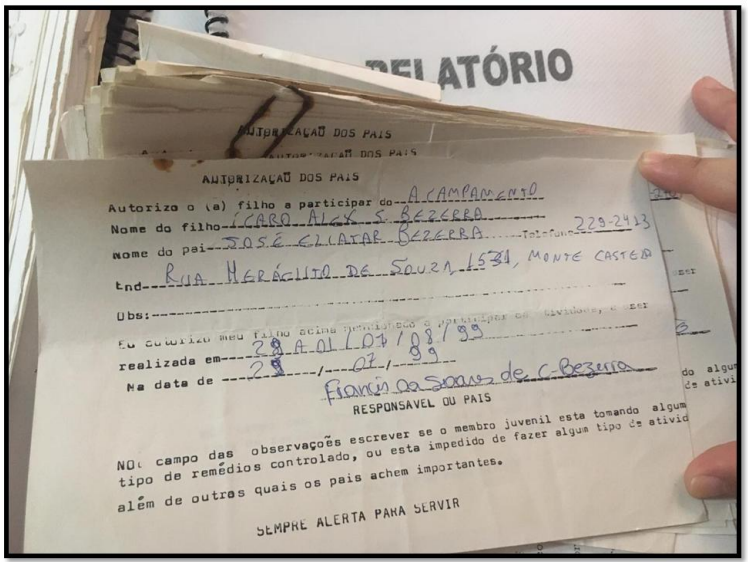
Figura 1 - 1º GE Visconde de Cairú



Fonte: Instagram do GE, 2020

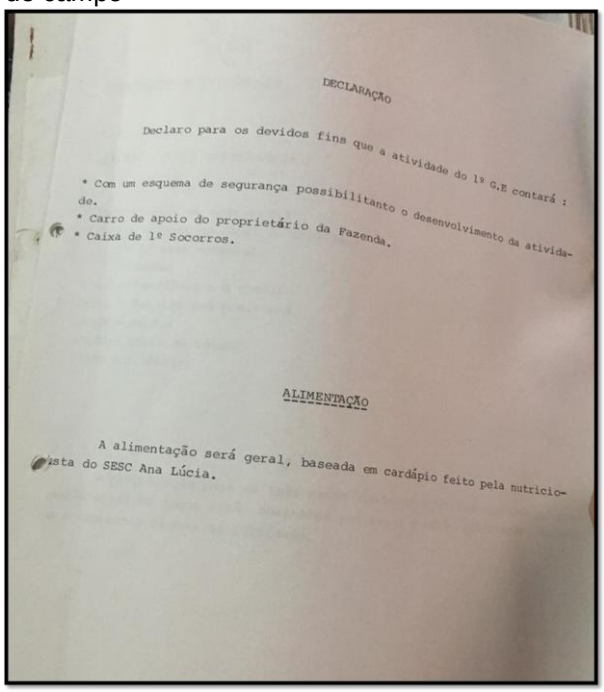
Na Figura 1, os escoteiros, acompanhados pelos chefes do grupo, estão em uma atividade de campo, extra sede, em um dos parques ambientais de Teresina. Essas atividades são planejadas previamente, no sentido, tanto de elaboração de um plano de ação bem definido, com, também, visando garantir a total segurança das crianças, inclusive com ação da polícia rodoviária ou outros órgãos quando preciso. As Figuras 2, autorização dos pais para participação nas atividades de campo, e, Figura 3, declaração do apoio logístico e providências de segurança para realização da atividade, pudemos observar que o ME zela e cuida dos escoteiros nos mínimos detalhes.

Figura 2 – Formulário de autorização dos pais para participação em atividades de campo.



Fonte: acervo da autora, 2020.

Figura 3 – Declaração de providências de segurança e apoio logístico para atividade de campo



DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que a atividade do 1º G.E contará :

* Com um esquema de segurança possibilitanto o desenvolvimento da atividade.
* Carro de apoio do proprietário da Fazenda.
* Caixa de 1º Socorros.

ALIMENTAÇÃO

A alimentação será geral, baseada em cardápio feito pela nutricionista do SESC Ana Lúcia.

Fonte: acervo da autora, 2020.

⚜ 2º GE Erivaldo Sandro

Sede/Endereço: Avenida Deputado Raimundo Holanda Sobrinho, Sn - Centro

Município: Piripiri (PI)

Ramos: 4 ramos em atividade

Filiados: 72 membros

Figura 4 - 2º GE Erivaldo Sandro



Fonte: Instagram do GE, 2020.

O grupo Erivaldo Sandro aparece na Figura 4, na sede, após a realização das atividades propostas pelos chefes.

⚜ 3º GE Nitish Laharry

Sede/Endereço: Avenida Duque de Caxias, s/n - Zona Norte – Bairro: Primavera II
Município: Teresina (PI)
Ramos: Todos os ramos funcionando
Filiados: 51 membros

O grupo escoteiro Nitish Laharry teve início na casa do professor Moacir. Quando o professor, o chefe Dico, que é um advogado, tomou conhecimento, ele trouxe para ele o controle e estruturou o Grupo Nitish Laharry. A primeira condição foi encontrar uma sede que, para ele, naquele tempo seria o melhor.

Na Figura 5, em acampamento, o grupo se reúne para hasteamento das bandeiras, de grupo, do Piauí e do Brasil.

Figura 5 - 3º GE Nitish Laharry



Fonte: Instagram do GE, 2020

⚜ 12º GE Dom Severino Vieira de Melo /PI

Sede/Endereço: Rua Firmino Pires, 1472 – Bairro: Vermelha
Município: Teresina (PI)
Ramos: Lobinho, Escoteiros, Sênior e Pioneiro
Filiados: 89 membros

O grupo que aparece na Figura 6, são Lobinhos, Escoteiros e chefes do Grupo Dom Severino em atividade de campo.

Figura 6 - 12º GE Dom Severino Vieira de Melo



Fonte: Instagram do GE, 2020

⚜ 18º GE Aldrin Barbosa

Sede/Endereço: Av. Nossa Senhora de Fátima, BR 343-3ª - Cia da Policia Militar
Município: Altos (PI)
Ramos: Todos os ramos
Filiados: 12 membros

A Figura 7 registra o desfile de 7 de Setembro do grupo Aldrin Barbosa pelas ruas de Altos/PI.

Figura 7 - 18º GE Aldrin Barbosa



Fonte: Instagram do GE, 2020

⚜ 28º GE Raul Furtado Bacellar

Sede: Escola CEMTI

Endereço: Avenida São Sebastião s/nº.

Município: Parnaíba (PI)

Ramos: Lobinho, Escoteiro, Sênior/guia e Pioneiro.

Filiados: 92 membros

Observação: O grupo funciona há 7 (sete) anos

A Figura 8 mostra o grupo Raul Furtado Bacellar em atividade de sede.

Figura 8 - 28º GE Raul Furtado Bacellar



Fonte: Instagram do GE, 2020

⚜ 29º GE Seção Escoteira Autônoma 29 de Julho

Sede/Endereço: Colégio Municipal Hugo Prado

Município: Coivaras (PI) – Zona Rural

Ramos: Escoteiro

Filiados: 3 membros

A Figura 9 mostra os escoteiros da Seção Escoteira Autônoma 29 de Julho em atividade de sede. Os chefes usaram os lenços para vendar os olhos das crianças e trabalhar os outros sentidos.

Figura 9 - 29º GE Seção Escoteira Autônoma 29 de julho



Fonte: Instagram do GE, 2020

⚜ 30º GE Seção Escoteira Autônoma Sobradinho

Sede/Endereço: Colégio Municipal Hugo Prado
Município: Coivaras (PI) – Zona Rural
Ramos: Lobinho
Filiados: 2 membros

A Figura 10 mostra os Lobinhos da Seção Escoteira Autônoma Sobradinho em atividade de campo.

Figura 10 - 30º GE Seção Escoteira Autônoma Sobradinho



Fonte: Instagram do GE, 2020

2.2.2 Interlocutores da pesquisa

Foram selecionados 24 (vinte e quatro) interlocutores distribuídos entre 8 (oito) grupos de escoteiros. Desses 24 (vinte e quatro) interlocutores, selecionamos 13 (treze) escotistas, 6 (seis) escoteiros e 5 (cinco) familiares. Dos dirigentes, três deles serão identificados pelos seus nomes, os demais interlocutores serão assim identificados: Familiar (1,2,3,4 e 5), Escoteiro (1, 2,3, 4, 5 e 6) e Chefe (1, 2...11).

Esses sujeitos foram selecionados de forma aleatória entre os participantes dos grupos: 1º GE Visconde de Cairú, 2º GE Erivaldo Sandro, 3º GE Nitish Laharry, 12º GE Dom Severino Vieira de Melo, 18º GE Aldrin Barbosa, 28º GE Raul Furtado

Bacellar, 29º GE Seção Escoteira Autônoma 29 de Julho e 30º GE Seção Escoteira Autônoma Sobradinho.

2.2.3 Instrumentos de produção de dados

Como instrumentos de produção de dados foram utilizados a observação em campo, a análise de documentos, a entrevista semiestruturada e os relatos de experiência.

Como técnica de pesquisa social, associada à observação, a entrevista foi usada inicialmente por Booth, em 1886, em estudo sobre as condições sociais e econômicas dos habitantes de Londres. Gradativamente, a entrevista foi difundida nas pesquisas qualitativas e nas pesquisas quantitativas. Gil (2008) considera que a utilização da entrevista como técnica de coleta de dados teve enorme importância no desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas.

Portanto, optou-se pela aplicação de entrevistas semiestruturadas pois, nesse tipo de entrevista, o entrevistador tem um conjunto de questões predefinidas, mas tem liberdade para colocar outras cujo interesse surja no decorrer da entrevista. Esta técnica para Richardson (1999), além de dar maior liberdade ao entrevistado, permite que ele desenvolva suas opiniões e informações do modo que achar conveniente; como norteador do conteúdo a ser descoberto, mas também como um estimulador.

Além das entrevistas, os relatos de experiência oportunizaram o acesso a descrição das práticas educativas/pedagógicas realizadas no âmbito dos grupos escoteiros e sobre a impressão dos envolvidos nessas práticas quanto a formação de valores a partir delas.

Também foram levados em consideração os aspectos organizacionais, sociais e culturais dos Grupos Escoteiros. Quanto aos aspectos organizacionais, foram considerados os documentos que apresentam os princípios, objetivos e o método escoteiro. E quanto aos aspectos sociais e culturais foram observadas as atividades dentro dos G.Es. e as relações de convivência.

A análise de todos esses aspectos, diretamente relacionados à cultura escolar (e, por extensão à cultura escoteira) é recomendada por muitos autores que se dedicam ao tema, a exemplo de Magalhães (1998), Gatti Jr. (2002) e Buffa (2002),

entre outros. Para Faria Filho et al (2004, p. 153), por exemplo, “A noção de cultura escolar tem significado, sem dúvida, um refinamento metodológico e analítico de nossas pesquisas e tem possibilitado o fortalecimento do diálogo, por um lado, com a historiografia e, por outro, com as demais áreas e ciências da educação”.

A entrevista contou com 12 (doze) perguntas a respeito da experiência no movimento e de aspectos gerais que ligam o movimento à educação no Brasil. Os relatos de experiência foram conduzidos pela seguinte proposta de produção textual apresentada aos sujeitos investigados: Descreva algumas práticas educativas/pedagógicas propostas nos G.Es., destacando sua importância para a formação de valores dos escoteiros.

Foram também realizadas observações das atividades dentro do grupo, uma vez que a pesquisadora participa ativamente do Movimento Escoteiro junto ao corpo da chefia.

2.2.4 Análise de dados e resultados

O tratamento das informações na análise de conteúdo realizada neste estudo foi fundamentada nas ideias de Bardin (2011). Importante destacar que, a análise de conteúdo exige muito cuidado com a descrição e execução de cada uma das fases da análise. Esse rigor garante confiabilidade e validade, ainda que se mantenham a flexibilidade e a criatividade do pesquisador. O pesquisador deve ter cuidado com o planejamento da pesquisa, com o detalhamento do processo de investigação, e com uma adequada exposição/redação dos dados. Para ele, uma boa redação dos resultados da pesquisa demonstra uma organização fundamental.

2.3 EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO-FORMAL E EXTRAESCOLAR: ÁREAS DE ATUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

Segundo Magalhães (2004, p. 20) “a educação é uma construção humana de maturação, conhecimento, capacitação técnica e atitudinal, conscientização e sentido crítico, estético, ético”. O que significa que a educação contribui para o desenvolvimento do ser humano enquanto sujeito, individual e socialmente. O processo educativo, portanto, contribui para que o indivíduo se desenvolva de acordo com os valores considerados importantes no grupo social e cultural do qual

faz parte, valores morais, éticos e estéticos. Dentro desse contexto educativo se organizam as instituições, que segundo o autor associam-se à ideia de permanência, de sistema, de normas e de regras necessárias à vida em sociedade.

Portanto, instituições são grupos sociais organizados que segue regras específicas, como: a igreja, a escola, a família, os sindicatos, as associações, etc. Neste estudo, o foco das discussões se dará em torno das instituições educativas que oferecem educação formal, não formal e extraescolar.

Saviani (2005, p. 29), destaca que a educação acontece em todas as sociedades humanas, desenvolvendo-se, originariamente, de forma espontânea, assistemática e informal. Entretanto, a educação formal necessita de regras para que se conduza de acordo com aquilo que é esperado como resultado de aprendizagem. Nesse caso, torna-se necessária a institucionalização dessa educação formal, atendendo a objetivos determinados e de acordo com um currículo organizado previamente.

Buffa (2002, p. 153) destaca, ainda que, as instituições escolares, que oferecem educação formal, possuem como princípio educativo a distinção social e o trabalho, ou seja, há uma complexa integração histórica entre o mundo do trabalho e a escola. Ou seja, a intenção de criar um cidadão que esteja preparado para o futuro profissional dentro da sociedade influenciou diretamente nos processos educativos do homem.

No caso da educação extraescolar, não é diferente. Ela também emerge no seio de instituições formalizadas e reconhecidas socialmente, e acontece de modo intencional e de forma sistemática.

Nesse sentido, optou-se pelo uso do termo Instituição Educativa referindo-se a instituições que oferecem, tanto a educação formal, quanto a educação extraescolar, exatamente por ser mais abrangente e englobar a educação sistematizada não apenas restrita à escola. O Movimento Escoteiro, portanto, faz parte das instituições educativas oferecendo, formalmente, educação extraescolar. Gutierrez (2004, p.9) assim define educação extraescolar:

> São atividades que são complementárias ao sistema formal de educação e geram imagens de atendimento de habilidades esportivas, artísticas, físicas e sociais, um espaço onde o aluno é guiado a afinar suas qualidades pessoais, tentando fortalecer especialmente habilidades físicas em relação a um esporte especifico, para obter bons resultados nas competições esportivas e/ou eventos.

Na citação acima, o autor configura que as atividades extraescolares não se propõem a substituir a educação escolar, porém, são complementares ao que se aprende no ensino formal. O ensino formal segue um currículo, um roteiro previamente definido por estudiosos da educação que traçaram uma relação entre as matérias e seu corpo de conhecimento. Esse currículo atende a uma sequência lógica, com estimativa temporal (faixa etária) para alcance das aprendizagens propostas a serem alcançadas por nível de ensino. De acordo com Moreira (1998, p.29), os conteúdos propostos no currículo objetivam organizar o sistema de relações lógicas e psicológicas dentro de um ou vários campos de conhecimento, para que assim se favoreça o processo ensino-aprendizagem.

Até chegarmos a esse currículo que temos atualmente, muitas mudanças ocorreram na educação, inclusive na configuração das salas de aula. Por exemplo, foi apenas após a instituição da república em nosso país que as crianças nas salas de aula foram separadas em séries, por suas faixas etárias, como acontece até hoje, porém, no período anterior, a configuração das salas de aula era mista (ROMANELLI, 1986, p. 41). São as leis que vigoram no país que organizam essa estrutura, instituindo o que deve e não deve ser feito ou modificado no currículo escolar.

Para uma melhor compreensão das instituições escolares e de suas caracterizações, convém retomar os termos para diferenciar o que seria educação formal, informal, extraescolar e incidental.

A educação formal, como já foi dito, é aquela que ocorre nos moldes do sistema de ensino tradicional, enquanto que a não formal (ou extraescolar) corresponde às iniciativas organizadas de aprendizagem que ocorrem fora do sistema de ensino tradicional. A informal e a incidental, ambas, ocorrem ao longo da vida através das experiências adquiridas de forma espontânea, através das experiências sociais. Catarino, Queiroz e Barbosa-Lima (2017) afirmam que “sobre a educação não formal, sabe-se que até a década de 1980 recebia pouca atenção, representando um espaço de menor importância no Brasil, tanto para as políticas públicas quanto para os educadores”. Os autores também afirmam que “não há legislação específica para essa educação, enquanto a educação formal deve responder a demandas metodológicas, legais e administrativas”.

Entretanto, a educação extraescolar também possui um currículo próprio, que atua de forma complementar à educação formal. Geralmente, as instituições que oferecem educação extraescolar não costumam organizar seus conteúdos por faixa etária e nem limita conhecimentos trabalhados em uma grade curricular. Embora existam leis em vigor no país que regulamentam os limites de atuação dessa educação auxiliar, essas leis tratam de questões mais gerais. No caso do escotismo, por exemplo, apesar de ter um regimento e estatuto próprios, por seu caráter educacional, se encaixa perfeitamente na definição legal que se tem acerca da educação extraescolar e, portanto, é assim considerada.

> No Brasil, a instituição do Escotismo, tida como extra escolar (paraescolar), pela sua natureza, enquadra-se historicamente entre as instituições escolares destinadas a complementar a educação formal nos estabelecimentos de ensino, forma muito em voga no Brasil após o Estado Novo de 1937, com ênfase após a Redemocratização de 1946, como: clubes agrícolas, pelotões de saúde, jornais e murais, ligas de bondade, ligas pró-língua nacional, bibliotecas, círculos de pais e professores, associações de pais e ex-alunos, clubes de leitura, varais literários, grêmios estudantis, etc. (THOMÉ, 2006, p. 4902)

A partir do Decreto-Lei nº 8.828, de 24 de janeiro de 1946, o Escotismo passou a ser reconhecido no país como uma instituição extraescolar, conforme descrito neste ato oficial:

> Art. 1º - Fica reconhecida a União dos Escoteiros do Brasil no seu caráter de instituição destinada a educação extra-escolar, como órgão máximo de escotismo brasileiro. Art. 2º - A União dos Escoteiros do Brasil manterá sua organização própria com direito exclusivo ao porte e uso dos uniformes, emblemas, distintivos, insígnias e terminologia adotados nos seus regimentos e necessários à metodologia escoteira. Art. 3º - A União dos Escoteiros do Brasil realizará, mediante acordo, suas finalidades em cooperação com o Ministério da Educação e Saúde. Art. 4º - A União dos Escoteiros do Brasil será anualmente concedida no orçamento geral da República, a subvenção necessária para a satisfação dos seus fins (BRASIL, 2019, p. 1).

Como iniciativa regional no país, temos o exemplo do Distrito Federal, que, pela Lei nº 1.267, de 21 de novembro de 1996, projeto de autoria do Deputado Distrital Benício Tavares, que incluiu o Escotismo como método complementar de educação:

> Art. 1 ° O Escotismo é considerado como método complementar de educação no Distrito Federal, reconhecido como de relevante utilidade pública, devendo receber toda a assistência e auxílio do Poder Público para

> seu exercício. Art. 2° Vetado Art. 3° O Governo do Distrito Federal, por seus órgãos especializados, regulamentará, em noventa dias, a forma pela qual se processará a colaboração entre o Escotismo e o Poder Público. Art. 4° Esta Lei entra em vigor noventa dias após sua publicação. Art. 5° Revogam se as disposições em contrário (BRASIL, 1996, p. 1).

As determinações legais que tratam do Movimento Escoteiro (ME) demonstram o reconhecimento de sua importância como instituição extraescolar e de seu caráter complementar para a educação formal. As contribuições do ME para a formação de seus integrantes foi, dessa forma, evidenciada. Observava-se que conceitos como o “senso de responsabilidade” para com seus deveres, máxima do ME, se refletiam no ambiente escolar, desenvolvendo no jovem ou criança o interesse pelas atividades escolares e pela aprendizagem dos componentes curriculares.

Muitos dos conhecimentos explorados e ensinados no ME são também trabalhados na escola, como, por exemplo, o ciclo de uma planta na natureza, que é um componente curricular de ciências, é explorado na prática pelos membros juvenis. Dentro das práticas escoteiras, inclusive, é trabalhada a convivência em grupo, o respeito às autoridades (que incluem professores e funcionários da escola), o que contribui para a melhoria do ambiente escolar e para a boa harmonia social entre os participantes.

O aluno que é escoteiro é estimulado a desenvolver a capacidade de adaptação às mudanças de ambiente, à superação da adversidade e ao enfrentamento de novos desafios. Além disso, o ME enquanto instituição de caráter educacional extraescolar trabalha em seus membros a criatividade na solução de problemas, a capacidade de trabalho em grupo, e, também, individualmente, a liderança, tanto em situações de comando quanto de subordinação. O condicionamento escoteiro já traz em si conceitos e atitudes que as organizações tentam implementar através de diferentes tipos de treinamento. De acordo com o Escritório Nacional da União dos Escoteiros do Brasil (UEB) em Curitiba, o ME preocupasse com a formação integral e harmoniosa dos jovens. Isso fica claro no livro Programa de Jovens: objetivos finais e intermediários do movimento:

> [...] embora seja perfeitamente admissível que uma ou duas áreas de desenvolvimento se destaquem sobre as demais, em um determinado momento, em função do diagnóstico que os Escotistas e/ou os próprios membros de um Ramo façam a respeito de suas necessidades imediatas, quando da elaboração da programação a ser cumprida em um dado ciclo de programa, é absolutamente

> imprescindível que todas as áreas de desenvolvimento sejam contempladas com ações concretas, no contexto geral da aplicação do Programa de Jovens. O que se pretende com este cuidado é assegurar à criança e ao jovem o desenvolvimento harmonioso de toda a sua personalidade (CURITIBA, 2019).

Essa preocupação em formar valores morais e ensinar condutas que levam ao exercício pleno da cidadania que o ME demonstra é algo de valor inestimável.

2.4 EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA E ESCOTISMO: UM DIÁLOGO SIGNIFICATIVO

O país passava por grandes transformações no cenário político no momento em que o escotismo surgiu na Inglaterra, em 1907. Foram várias reformas educacionais na chamada primeira república (1890-1920). Segundo Bomeny (1993, p. 24), em 1900, o Brasil tinha uma população de 17 milhões de habitantes e cresceu tão rapidamente que, em um século aumentou pelo menos dez vezes sua população.

Em meio a tantas reformas educacionais, sempre envoltas em interesses político-partidários, o ME enfrentou a resistência de alguns grupos. Mas não era só no Brasil que existiam dilemas envolvendo a prática do escotismo nos moldes de Baden-Powell. No mundo estava prestes a estourar a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A educação de crianças era direcionada de acordo com os interesses do momento em questão, motivo pelo qual o escotismo foi abolido em alguns países. Apesar disso, “a proposta de Baden-Powell era vista em todas essas nações como o projeto pedagógico mais adequado para a formação da juventude.” (NASCIMENTO, 2008, p. 278).

Décadas depois, quando a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) eclodiu, muitos países continuaram rejeitando os ideais de BP, e, mesmo após o fim da guerra, o ME nesses países jamais voltou a existir. Em alguns lugares, no entanto, o movimento escoteiro surgiu de modo positivo para modificar as visões separatistas, como no caso da África do Sul, por exemplo, que ainda em 1935 necessitou da visita de Baden-Powell e sua esposa para buscar levar solução aos dilemas de imposição da legislação racial. Sobre esse fato, Nagy (1987, p. 116) relata que:

> Não foi, exatamente, uma vitória total das ideias de B.P., mas, pelo menos, era o ponto de início [...]. Uma brecha foi, desta maneira, aberta na política cruel de “apartheid”, permitindo atividades de escotismo para raças mistas, embora de forma semiclandestina.

Em poucos anos a União Escoteira da África do Sul foi alcançando a igualdade racial de seus componentes, um reconhecimento que deveria existir desde o princípio. Qualquer forma de discriminação é inaceitável para os participantes do Movimento Escoteiro e a história demonstra que sempre foi assim, desde sua criação.

Aqui no Brasil a escravidão foi abolida legalmente através de decreto-lei assinado ainda no Brasil Império, em 1888. Essa abolição deu seus primeiros passos na primeira república, terreno que o escotismo encontrou quando aqui chegou em 1910. Era um país, segundo Bomeny (1993, p. 24), com 60% da população rural, recém-abolicionista e com taxas altas de analfabetismo (75% da população) em um cenário, até certo ponto, homogêneo, apesar da extensão territorial.

Porém, o investimento escolar ainda era bem precário. A população começava a sair da zona rural rumo à zona urbana, e o trabalho na cidade exigia uma qualificação que o homem negro, antes escravo e agora livre, não possuía. Por esse motivo, muitos permaneceram nas lavouras.

Com vistas no crescimento econômico do Brasil, o governo preocupava-se em direcionar a educação aos trabalhadores, buscando fortalecer o ideal republicano que crescia ao redor do mundo.

No âmbito da educação, a ideia central era a educação moral e cívica, para que estes estivessem preparados para a disciplina que o trabalho exigia deles e que fossem cidadãos capazes de respeitar e cumprir os códigos e leis que eram instituídas. Porém, ainda faltava muito a ser perseguido nesse cenário nacional e isso trouxe alguns “atropelos” dentro de uma legislação que buscava avanços e necessitava urgentemente de mudanças,

No cenário educacional torna-se importante refletir sobre as reformas que ocorreram nesse contexto, para entender como o escotismo se organizou no cenário brasileiro.

Bomeny (1993, p. 05) conta que, em 1911, a reforma que estava ainda em vigor era a Reforma Epitácio Pessoa, que promoveu a visão de ensino seriado e a inclusão das ciências como campo de aprendizado nas escolas – antes o ensino era atrelado à religião católica, sendo os jesuítas os principais responsáveis pela instrução escolar. Foi então que Rivadávia Correia revogou formalmente essa

reforma, criando uma nova lei em que o Estado deixou de interferir no setor educacional. Ou seja, o ensino se tornou livre, sem necessidade de certificados oficiais para reconhecimento de cursos secundários, bastando um exame de admissão, caso alguém necessitasse ingressar em uma faculdade.

Não é preciso dizer que essa reforma ficou, ainda segundo a autora, marcada na historiografia da educação brasileira como aquela que propiciou o caos na educação por promover a omissão do Estado em sua condução. Portanto, a reforma promovida por Carlos Maximiliano em 1915 voltou atrás em vários aspectos, sendo, um dos principais, o reestabelecimento da interferência do Estado nas questões educacionais, sendo mantida da reforma anterior apenas a eliminação dos privilégios escolares: o aluno continuaria prestando exames de admissão nas faculdades que quisesse ingressar.

Na década de 1920, nos estados de São Paulo (1920, 1926), Rio de Janeiro (1922, 1925, 1926), Ceará (1922), Minas Gerais (1927), Bahia (1925), Pernambuco (1928, 1930) e Distrito Federal (1928), foram muitas as reformas que ocorreram a fim de aumentar o número de crianças alfabetizadas e democratizar o ensino, além de direcionar a educação para o trabalho, pois considerava-se que a educação moral e cívica, a educação profissionalizante e a orientação sob critérios científicos formavam o tripé sobre o qual a educação deveria ser conduzida. Eram anos em que a visão social se voltava para a industrialização e de urbanização.

No Ceará, por exemplo, a taxa de semianalfabetismo entre os professores era alta e não havia instrução na zona rural, que precisava ser alcançada. Era necessário haver unificação dos métodos de ensino e avaliação. Devido a isso, os estados se dividiam entre a defesa de um teste que pudesse verificar a maturidade necessária dos indivíduos a fim de decidir que conteúdos ele teria acesso no meio escolar.

> A psicologia fundamentaria o desenvolvimento dos métodos de ensino. O movimento dos testes – medida, escala métrica, inteligência –, com provas breves e objetivas, aplicação de questionários, recursos de psicotécnica para orientação profissional, foi a estratégia utilizada. Os testes ABC – verificação da maturidade necessária para a aprendizagem da escrita e da leitura – ficaram sempre associados [...] na historiografia da educação. (BOMENY, 1993, p. 8)

Também foram os anos da moralização do ensino e o período em que houve uma campanha nacional em favor de uma nova política de criação de universidades no país. Eram os primeiros passos dos educadores em direção ao que seria, em

1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Outra preocupação da década era a formação e qualificação de professores (curso Normal).

> A Revolução de 1930 iria redesenhar a política nacional. Data desse ano a criação do Ministério da Educação e Saúde, cujo primeiro titular foi Francisco Campos. As perspectivas continuavam, porém, preocupantes: em 1930, a taxa de matrícula nas escolas correspondia a 30% da população em idade escolar. (BOMENY, 1993, p. 11)

Diante de tantas mudanças no contexto da educação brasileira, embalada pelas demais mudanças externas ao país:

> Compreende-se, então, que essa maneira [da Escola Nova] de entender a educação, por referência à pedagogia tradicional, tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos e processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretivismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência e na lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma trata-se de uma vertente pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender. (SAVIANI, 2005, p.8)

Nesse sentido, vemos que o escotismo, em seu início, encontrou em nosso país terreno fértil e apto a germinar, quando alguns almirantes perceberam o potencial educativo do movimento escoteiro para a juventude brasileira e insistiram em compartilhar suas vivências em nossa pátria. A visão social em relação à juventude era bastante propícia às ideias que Baden Powell trazia em seu método. Foi então que, em 1910, na cidade do Rio de Janeiro, o Centro de *Boys Scouts* do Brasil foi criado.

> O primeiro registro do Movimento Escoteiro no Brasil foi em dezembro de 1909, em uma publicação na revista “Ilustração Brasileira” que trazia fotos do acampamento de Brownsea. Porém, foi só um ano depois, em 17 de abril de 1910, por meio de militares que vinham de uma viagem na Europa e puderam acompanhar o enorme sucesso do Escotismo na Inglaterra, que os primeiros uniformes e acessórios escoteiros chegaram ao Brasil. (CURITIBA. UEB, 2010)

Foi após a criação da Associação Brasileira de Escoteiros no Estado de São Paulo em 1914, que o escotismo tomou corpo e se popularizou no país. As suas práticas foram estimuladas atreladas às práticas escolares e diversos grupos e

associações já existiam em vários estados do Brasil. Segundo Nascimento (2008, p. 232), os termos “escoteiro” e “escotismo” começaram a ser usados em livre tradução às palavras *scout* e *scouting*, no inglês original. Antes disso os dois termos existiam no país, porém “escoteiro” era usado para se referir a quem viajava sozinho e “escotismo” se referia à doutrina de Escoto, teólogo da linha de Tomás de Aquino. Por esse motivo também se podia utilizar “escoteirismo” para se referir ao movimento escoteiro, mas o termo caiu em desuso e é pouco utilizado.

Figura 11 - Capa do 3° Jornal de Blumenau: Der Urwaldsbote.


Der Urwaldsbote

Fonte: Site do Grupo Escoteiro Duque de Caxias, 2020

A demonstração da ligação do movimento com a educação da juventude brasileira se demonstra no recorte desse jornal de Blumenau (SC), que traz um importante registro de quando os preceitos da Escola Nova no ensino primário traziam uma mudança no cenário educacional, e o grupo escoteiro George Black organizou uma apresentação em 24 de setembro de 1916 no Teatro Frohsinn, para angariar fundos para a Cruz Vermelha, com um programa que incluía Canções,

Poemas, Poesia, Dança e Jogos de Sombra. O Jornal Der Urwaldsbote[1] assim descreveu o evento:

> O festival apresentado no último domingo pelo grupo escoteiros da Escola Nova em benefício da mobilização da guerra foi um sucesso completo. Raramente a sala do teatro estava tão cheia, com cerca de 800 pessoas, incluindo os escoteiros. A primeira parte, composta de canções e poemas demonstra o valor e importância que a Escola Nova dá para desenvolvimento do canto e do discurso, que podem ser obtidos com jovens através de muitos anos de trabalho determinado e dirigido. Na primeira parte, uma peça variada e cômica foi a apresentação das alunas com a dança "Jovens e Velhos".

A Primeira Guerra em andamento contribuía ainda mais para que o caráter ligado a moral e ao civismo prevalecesse na educação de crianças e jovens, o que fez com que o escotismo fosse adotado dentro dos espaços de escolas públicas. Nery (2003) afirma que em 1917 havia uma estreita relação entre as atividades escoteiras e a Liga de Defesa Nacional (LDN) e os chefes escoteiros eram inspetores de ensino. Segundo Nascimento (2008), há registros de que o Almirante Bernard David Blower adotou o escotismo na Quarta Escola Masculina do Distrito Federal (em 1915) e que Azevedo Sodré, o prefeito, introduziu o escotismo nas escolas públicas. O autor ainda ressalta que, em São Paulo, durante uma solenidade da Escola Normal, professoras foram designadas para compor o Curso Intensivo de Formação de Chefes Escoteiros (1917). Ainda no mesmo ano foi publicada a Lei nº 1.579 que integrava o escotismo à formulação de um programa para o ensino cívico. Em 1920, como parte da Reforma Sampaio Dória, em São Paulo, o escotismo foi regulamentado como atividade curricular e os chefes eram professores e professoras da escola normal e complementar.

Carvalho (2003) destaca que a Associação Brasileira de Educação (ABE[2]) apoiava o escotismo e nos debates das Conferências Nacionais da Educação foram registradas várias teses que mencionavam a inclusão do escotismo nas escolas desde a reforma de 1920. O ME era uma prática que direcionava a criança e o

[1] Der Urwaldsbote, que pode ser traduzido para o Mensageiro da Floresta ou Mensageiro da Mata, surge em 1893 quando o Pastor Hermann Faulhaber compra o que havia sido o Immigrant. Durante cinco anos, esse jornal foi porta voz da comunidade luterana sem posicionar-se na disputa entre republicanos e federalistas, mas com a morte do Pastor no ano de 1920, o jornalista Eugen Fouquet assume o jornal. Fouquet que era republicano, passa a travar disputas com o Blumenauer Zeitung e consegue fazer do Urwaldsbote um importante disseminador de ideias políticas. Chegou ao fim no ano de 1941.

[2] Não confundir com Associação Brasileira de Escoteiros, fundada em 1914.

jovem a ser formado como produtivo, republicano e patriótico. Além disso, o aprendizado dos elementos do método escoteiro contribuiu para que os membros participassem nas campanhas pela erradicação do analfabetismo e exercessem práticas de cidadania nas escolas primárias. O artigo 147 do Decreto 5.884, de 21/4/1933 traz como atribuição dos núcleos de escoteiros:

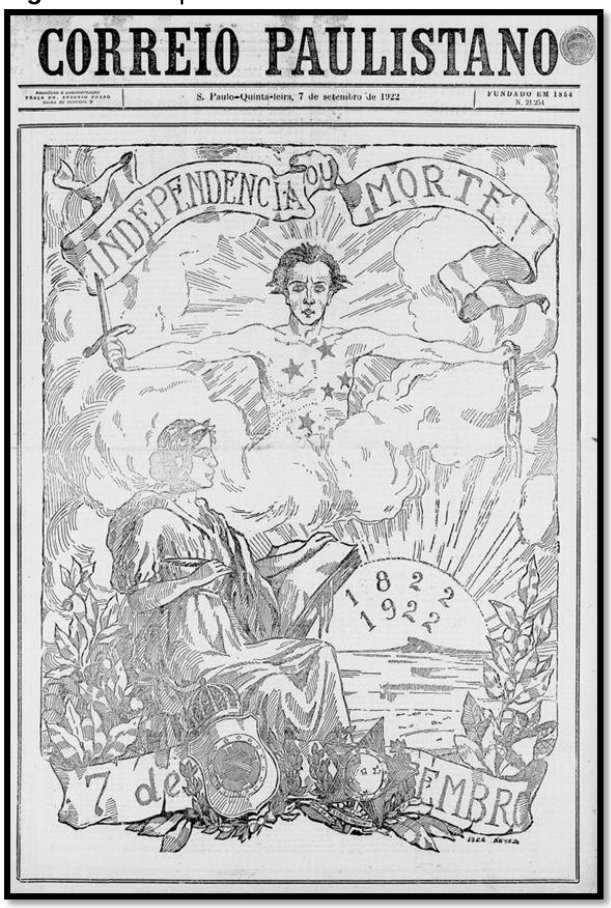
> Além de outros trabalhos de assistência social, cabe aos núcleos de escoteiros escolares: 1 - desenvolver, principalmente nas zonas de população dispersa, do interior, campanha contra o analfabetismo, organizando escolas ambulantes e fazendo distribuição de livros e impressos; 2 - difundir, por todos os meios ao seu alcance, noções de higiene rural.

Braga (apud Souza, 2000, p.115) também destaca a parceria entre a educação e o escotismo no Brasil, nesse período:

> Escola admirável de educação física, moral e cívica, o escotismo mereceu de nós o maior carinho. Não conhecemos, confessamos sinceramente, outra escola que melhores resultados possa produzir na formação do caracter dos nossos pequenos patrícios. Tudo o de que precisamos para infundir entre as crianças o amor à Pátria, à família, à escola, aos trabalhos, aos exercícios físicos, à solidariedade humana, em suma, o amor do que é belo, nobre e útil, nela encontramos.

Souza (2000) afirma que, na década de 20, havia uma publicação intitulada Revista Escolar que trazia uma seção sobre o escotismo e que no Centenário da Independência (1922) diversas foram as preparações relacionadas aos símbolos pátrios. Os escoteiros, cerca de 100 mil, se reuniam em concentrações preparatórias.

Figura 22 - Capa do Jornal de São Paulo: O correio Paulistano.



Fonte: Site da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, 2021.

Há registros dessa comemoração e da participação dos escoteiros através do jornal Correio Paulistano:

> À esquerda do monumento, partilhando suave declive da montanha verde, um quadro de incomparável beleza e de uma significação profundamente profética sugeria aos olhos da multidão delirante de entusiasmo, toda a visão do Brasil de amanhã. Era o acampamento de escoteiros [...] Instantes depois, marchavam, entre os aplausos delirantes, os rumores das palavras e os vivas frenéticos que reboavam, eletrizando a massa popular, e vinham colocar-se no local que lhes estavam destinados. Eram doze mil crianças. Cada uma, um Brasil pequenino. Todas, o Brasil imenso, simbolizado nelas, vivo nelas, presente em sua galhardia, na beleza infantil de seu porte (SOUZA, 2000, p. 115).

No Decreto Nº 5.884, de 21/4/1933, que trata do Código de Educação, em seus artigos 144, 145 e 146 encontra-se a determinação de colocar à cargo das escolas o incentivo da criação e manutenção dos núcleos escoteiros:

> Art. 144 - Entre as instituições peri e extra-escolares, fica compreendido o escotismo, que será organizado e praticado por meio da Associação Escolar

> de Escoteiros, como instituição auxiliar de educação física, moral e cívica, constituída de alunos das escolas públicas que, com mais de 11 anos, o quiserem, e tiverem, para isso, o assentimento por escrito, dos pais, tutores ou responsáveis. Art. 145 - O Departamento de Educação promoverá a filiação da Associação Escolar de Escoteiros á Associação Brasileira de Escoteiros. § 1.º - O Departamento de Educação convidará um professor que se tenha distinguido em trabalhos de escotismo e em organização de serviço educacional, para superintender todo o movimento de escotismo escolar. § 2.o - Serão nomeados, em comissão, oito professores, com os vencimentos do cargo, de preferência formados pela Escola de Instrutores de Escotismo da Associação Brasileira de Escoteiros, para instrutores do escotismo escolar. Art. 146 - Os diretores dos estabelecimentos de ensino primário serão os delegados técnicos da Associação Escolar de Escoteiros, e envidarão esforços para fundar, com a cooperação da população local, núcleos de escoteiros, nos respectivos estabelecimentos. § único - Os delegados regionais do ensino e os inspetores escolares deverão estimular a criação de núcleos de escoteiros, e auxiliar seus diretores e professores especiais, na orientação dos trabalhos escotistas.

Torna-se pertinente fazer uma observação sobre o caráter educacional a que se propunha e se propõe o movimento, estabelecendo uma relação entre a Psicologia da Aprendizagem e o Escotismo. Temos, segundo Piaget (1996), que existem quatro estágios no processo de desenvolvimento cognitivo. Ele propôs a chamada Teoria do Desenvolvimento Cognitivo. Uma vez que no ano em que BP idealizou aquele primeiro acampamento em 1907 calculamos que Piaget tinha apenas 11 anos, sabemos que este grande teórico não poderia ter influenciado BP através de sua teoria evolutiva, pois, esta, ainda não existia. Mas observando a organização das crianças e jovens, separadas por suas faixas etárias dentro de suas capacidades de aprendizagem, imagina-se que Piaget poderia ter participado ou tido contato com o movimento. Inclusive, o Escotismo caminha em consonância com os estudos desse renomado psicólogo, tão importante dentro da esfera educacional:

Quadro A - Comparação entre as fases de desenvolvimento cognitivo e os ramos escoteiros

Fases do Desenvolvimento Cognitivo segundo Piaget (1996)	**Faixa Etária**		**Ramos do Escotismo**
Sensório motor	18 a 24 meses	0 – 2 anos	Não há atuação do

Pré Operatório	2 – 7 anos	2 – 5 anos	movimento escoteiro. Há referências, no entanto da implementação do ramo Castor a partir de 4 anos, em alguns países.
Operacional Concreto		7[3] – 10 anos	Lobinhos – fase educativa
	8 -11 anos		
Operacional Formal	12 anos em diante	11 – 14 anos	Escoteiros – autonomia
		15 – 18 anos	Sênior/Guia – identidade
		19 – 21 anos	Pioneiros – Projeto de vida

Fonte: Elaborado pela autora, 2020

Diante do exposto, percebe-se que a divisão etária dentro do Movimento Escoteiro funciona de forma similar a resposta das fases de desenvolvimento cognitivo observadas e postuladas pela teoria piagetiana. Inclusive, o próprio Piaget(1996) reconheceu e admirou a organização pedagógica imersa na visão de BP ao criar o escotismo:

> O apelo à honra para formar o caráter, à ajuda aos outros e o equilíbrio entre a saúde física e a saúde moral são os preceitos usados; quando Baden-Powell busca relatar, em seus escritos, os artigos de sua pedagogia moral não suplanta em quase nada os melhores autores sobre lições de moral. Mas, na prática, que psicologia! [...] O instrutor não deve ser nem um professor de escola, nem um oficial de tropa, nem um pastor, nem um monitor, ele deve ser 'um homem-criança', ele deve ter, em si, a alma de uma criança; ele deve colocar-se no mesmo plano daqueles de quem vai ocupar-se. [...] Por fim, estando a manifestação da moral da colaboração autônoma ligada, na criança, à prática das regras dos jogos coletivos, nota-se que uma das instituições mais notáveis do escotismo é a de ter ligado a

[3] A Resolução 002/2010 do Conselho de Administração Nacional altera a regra nº 13 do Princípio de O e Regras, modificando a idade de entrada no ramo Lobinho para 6,5 anos se alfabetizado.

> educação do caráter e do altruísmo a todo um sistema de jogos organizados. (PIAGET, 1996, p. 25, 26)

Ou seja, sabemos que na época da criação do movimento escoteiro ainda não haviam os estudos de Piaget (1996) para nortear a área da psicologia infantil que percebia na aprendizagem do indivíduo as fases de desenvolvimento cognitivo separando-as em faixa etária e adequação dos conteúdos a essas fases, entretanto, BP já reconhecia essa evolução cognitiva e assim organizou os ramos do ME.

Os estudos de Piaget (1996) têm sido considerados como princípios básicos da pedagogia até hoje; e embora o conceito de infância e da própria pedagogia estivesse ainda engatinhando, uma vez que a divisão seriada era recente novidade no contexto escolar, B.P. já tinha essa percepção, uma vez que trabalhava os aprendizados práticos nos indivíduos e tinha, ele mesmo a visão dessa separação em tropas de acordo com a idade.

Além disso, à semelhança de Piaget (1996), BP reconhecia o caráter do sistema de jogos organizados como fator propício ao desenvolvimento da autonomia e motivação infantil para a autoeducação. O método adotado por BP se traduzia em sua própria experiência e experimentação, sendo incorporado ao movimento escoteiro como um método educacional próprio: o Método Escoteiro.

Nascimento (2008) afirma que o grande segredo do que ele chama de Pedagogia de Baden-Powell é levar as ideias das crianças em consideração, a despeito dos moldes escolares tradicionais que centralizavam a figura do ensino apenas no professor, sendo por vezes visto como o principal responsável pela aprendizagem do aluno. No escotismo, a criança molda sua aprendizagem com base nas suas próprias experiências e em seu próprio ritmo, sendo orientada e estimulada pelos líderes de grupo. Segundo o site oficial da UEB, o Escotismo é interessado em contribuir para que o jovem assuma seu próprio desenvolvimento. É mais importante a formação de atitudes do que a aquisição de conhecimentos ou habilidades específicas.

> Interessar a criança em qualquer assunto, por meio do Espírito Escoteiro, é este o nosso método educativo. Ele pode ser aplicado ao desenvolvimento dos princípios fundamentais da religião sem favorecer nenhuma crença em especial, é um auxílio para todas. (...) do ponto de vista moral, ser sábio não interessa muito à criança, fazer qualquer coisa de bem, atrai muito mais. (BADEN POWELL, Guidismo II, p. 21, 22, 1993)

Como movimento educacional, não existe envolvimento na disputa pelo poder político dentro do ME. Entretanto, os princípios em que se baseia o movimento orientam as opções políticas pessoais de seus membros e a formação de cidadãos responsáveis, participantes e úteis, inspirando-os a permanecerem atentos à realidade política. Afirma Florestan Fernandes (1986 apud RIOS, 1995, p. 60):

> Se o professor pensar em mudança, tem que pensar politicamente, não basta que disponha de uma pitada de sociologia outra de psicologia ou de biologia educacional, muitas pitadas de didática para que se torne agente de mudanças. É desta forma que o professor pode tornar-se contribuinte, através do ensinamento comprometido para as transformações necessárias à sociedade

À semelhança do professor, o "Chefe" Escoteiro também é educador, mesmo que não seja formado por uma universidade ou faculdade para a docência. Inspiradas nele as crianças constroem um paradigma que as auxilia a superar seus medos e resolver problemas de forma proativa. De acordo com o dicionário Aurélio (1999), o conceito para educar é o seguinte: "v.t.d ep 1. Promover o conhecimento da capacidade intelectual, moral e física de (alguém), ou de si mesmo. Instruir (-se). § Educador (ô) adj. e s.m.". Diferente dos tempos de outrora, em que a educação era intimamente ligada à formação do escotista e que haviam leis a respeito da formação destes indivíduos, atualmente qualquer voluntário que deseje ser um escotista pode assumir este cargo.

Porém, ainda é exigido que, como educador, o líder do ME não seja completamente alheio as práticas educativas. É o que se comprova conforme o Estatuto dos Escoteiros, que também está regulamentado no P.O.R. – "Princípios, Organização e Regras", e Resoluções emanadas da União dos Escoteiros do Brasil.

> Art. 2º - São fins da UEB: [...] III - propiciar a educação não-formal, valorizando o equilíbrio ambiental e o desenvolvimento do propósito do Escotismo, junto às crianças e jovens do Brasil, na forma estabelecida pelo P.O.R. - Princípios, Organização e Regras e pelo **"**Projeto Educativo**"** da UEB. (BRASIL, 2011, p. 06). Art. 45 - São deveres dos associados da UEB zelar pelo cumprimento deste Estatuto, do P.O.R. - Princípios, Organização e Regras e dos regulamentos dos órgãos da UEB e, além disso: (...)
> II - buscar compreender mais profundamente a proposta do Escotismo Brasileiro (Fundamentos e Projeto Educativo); (BRASIL, 2011, p. 32)

Refletindo sobre o ME, observa-se que Baden-Powell foi influenciado pelos debates e experiências da renovação pedagógica que marcou o século XX. Isso ficou impresso na maneira como este educador direcionou o escotismo desde sua

fundação. As palavras dele, quando conceitua educação em uma palestra publicada em 1923, deixam isso claro:

> É preciso saber servir-se de todos esses atrativos para “dourar a pílula” da educação. A educação, tal como a entendo, não consiste em introduzir no cérebro da criança uma certa dose de conhecimentos, mas sim, em despertar-lhe o desejo de conhecer e indicar-lhe o método de estudo. Além da formação puramente escolar, a educação moderna procura desenvolver o caráter, a habilidade técnica e a saúde do corpo. Esse desenvolvimento poderá ser alcançado por meio das atividades enumeradas acima, desde que se elabore um sistema inteligente e hábil. (BADEN POWELL, 1923, p. 5)

Muitos profissionais da educação naquele período eram entusiastas do que hoje chamamos de construtivismo, e os estudos nessa temática continuaram ainda por todo o século XX. No âmbito da psicologia, atrelada à educação, tivemos as contribuições de David Ausubel sobre a aprendizagem significativa e sua visão sobre a motivação, que bem se encaixa no pensamento que BP expressava.

Conclusivamente, podemos dizer que o escotismo em sua pedagogia se propunha a ensinar disciplina aos jovens, fixar valores, desenvolver habilidades e dar a eles acesso ao conhecimento, conforme a influência das correntes educacionais do período e que se refletiam nas reformas educacionais propostas em nosso país. Sobre esse assunto Bilac (1929, 7-11) acrescenta:

> O Escoteiro, desde que se inicia no aprendizado, caminha, corre, pula, nada, pratica equitação, combate, aprende a se defender, não se aproxima do uso de drogas; aprende física, química, botânica, astronomia, anatomia, geografia, topografia; aprende a se orientar pelo sol, pela posição das estrelas, pelo relógio, pela bússola, manuseia o termômetro e o barômetro, mede o caminho que percorre; estuda os mapas; sabe acender o fogo e cozinhar; recebe e transmite comunicações pelos telégrafos Morse e Marconi; aprende tática e estratégia; pode socorrer feridos e vítimas de quaisquer desastres, e enfim, conhece a história e as leis do seu país, é patriota e estimula a sua iniciativa. Basta isso para que se veja que, no Escotismo, se inclui todo ensino da infância e da adolescência. Como o compreendia Platão, dizendo: **‘**a educação tem por fim dar ao corpo e ao espírito a beleza e toda a perfeição de que eles são susceptíveis.**’** Esta admirável escola ao ar livre abrange todos os pontos, que se contem no programa da moderna pedagogia. Primeiro, o ensino físico: o restabelecimento ou a conservação da saúde, pelo asseio e pela medicina e a evolução progressiva e normal de todas as funções do corpo, pela ginástica e pelos jogos escolares. Depois, o ensino intelectual: o treinamento dos cinco sentidos, a astúcia exterior e a interior, a experiência e o conhecimento; a individualidade, a consciência, e o livre-arbítrio; o poder de conservação - a lembrança; e os poderes de elaboração - a atenção, a abstração, a generalização, o bom senso, o entendimento, e a criatividade. Enfim, o ensino moral; a sensibilidade, e os seus costumes; o amor próprio e a consideração da propriedade, o amor da pátria, a disciplina, a coragem, e a formação de atitudes. E isso tudo é ensinado e

> aprendido em plena natureza, na alegria da vida desportiva, pelo gosto próprio, pela pratica, pela lição das coisas. O Escotismo forma homens e, ainda mais, heróis. [...] No Escotismo, a idéia da honra define-se: é a honra do indivíduo, a honra do cidadão; o altruísmo e a generosidade não são apenas gestos formosos; são ações justas para a perfeição humana e úteis para a grandeza da Pátria.

Atualmente o Movimento Escoteiro é reconhecido no Brasil como educação extraescolar pelo Decreto Federal nº 5.487 de 1928 e o Decreto-Lei n. 8.828 de 1946. Ambos conferem à União dos Escoteiros do Brasil a condição de órgão máximo do escotismo brasileiro. Drucker (1993) se refere, no final do século XX, a uma “sociedade do conhecimento”, que seriam essas novas capacidades e novas habilidades dentro da área de produção e recursos humanos. Para esse autor, ainda persiste em nós a adequabilidade ao novo, a capacidade criadora, a autonomia, o diálogo, a ação e a colaboração em temos onde os profissionais precisam se destacar pela competência de procurar, intercomunicar-se, dar frutos conhecimento, de saber usar o que se tem, de aumentar o exame e saber desenvolver sua profissão de forma contextualizada e com espírito de equipe. Como se pudesse vislumbrar os anos vindouros, o escotismo se propõe até hoje a dar aos jovens as bases para esse destaque, segundo o método ao qual se submetem enquanto escoteiros.



Dá-me Senhor:
Um coração vigilante,
Para que nenhum pensamento vil o afaste de ti;
Um coração nobre,
Para que nenhum sentimento indigno o rebaixe;
Um coração reto,
Para que nenhuma maldade o desvie;
Um coração generoso para servir
Assim seja.
Amém.

(Oração da Guia e do Sênior)

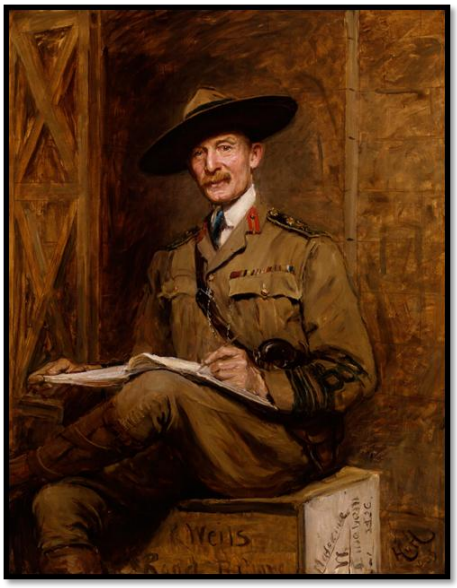
3 *TRILHA:* RETROSPECTIVA HISTÓRICA DO MOVIMENTO ESCOTEIRO

3.1 HISTÓRIA DO ESCOTISMO NO MUNDO

A história do escotismo começa em 1907, quando um homem chamado Robert Baden-Powell resolveu realizar um acampamento com alguns jovens, na ilha de Brownsea, litoral inglês. Faz parte da cultura e da formação escoteira conhecer a história do Movimento. O acampamento em Brownsea tornou-se exemplar no que se refere aos acontecimentos ocorridos ali, ecoando, até hoje, nas práticas de grupos escoteiros em todo o mundo.

Robert Stephenson Smith Baden-Powell (BP) foi o fundador do escotismo. Era o mais novo de sete irmãos. Seu pai, pastor da igreja anglicana, faleceu quando Baden-Powell tinha apenas três anos de idade. É comum, nas reuniões de escoteiros, se mencionar que Baden-Powell era carinhosamente apelidado de BP (lê-se Bipí). BP não era um aluno excepcional. Estudante da escola de Charterhouse (Londres, Inglaterra), ele tinha dificuldades em algumas disciplinas; porém, obteve bolsa para estudar na Índia, por meio do exército britânico, ingressando como subtenente aos 19 (dezenove) anos. Com 26 (vinte e seis) anos já era capitão e com 42 (quarenta e dois) anos já era coronel.

Figura 33 - Robert Baden-Powell, pintura de Sir Hubert von Herkomer óleo sobre tela, 1903,



Fonte: Site National Portrait Gallery, Londres. 2020.

Robert Baden-Powell, conhecido por BP, era famoso devido aos seus méritos dentro da carreira militar. Dois desses méritos, que aconteceram na África do Sul, se destacaram: 1. A vitória do cerco de Mafeking, em 1899, durante a guerra do Transvaal e, 2. Sua participação na guerra dos Boers. Por esse feito BP foi promovido a major-general e já era visto como herói e como figura mais popular em seu país.

> Mafeking era uma pequena cidade da África do Sul, que, no entanto, possuía, então, um enorme valor estratégico, pois se localizava no entroncamento ferroviário, vital para o abastecimento da zona de conflito. Como houvesse poucos soldados regulares, Baden Powell treinou todos os cidadãos capazes de empunhar uma arma e para isso teve que organizar um grupo de jovens cadetes, com adolescentes da cidade que desempenhavam todas as tarefas de apoio, tais como: cozinha, comunicações, primeiros socorros etc. (GUIA SÊNIOR, 2001, p. 27).

Graças a tomada de decisão de BP e a sua capacidade de comandar grupos a cidade resistiu aos ataques do inimigo até que chegassem reforços. Nesse evento, BP ficou impressionado com a capacidade e responsabilidade dos jovens para atuar em situações de conflito. Isso o inspirou a trabalhar com jovens.

Em 1901, quando retornou à Inglaterra, percebeu sua popularidade entre os moços, que buscavam imitá-lo, seguindo suas instruções de brincadeiras juvenis em textos escritos por ele para os militares. Um livro de BP ficou bem conhecido: "*Aids to scouting*" – ou, em tradução livre, "Ajuda para escoteiros". Nesse livro ele explicava o programa para treinamento de seus soldados, inspirado na situação de solidão do jovem militar em exercício. Foi assim que ele percebeu um desafio descortinando-se diante de seus olhos: como ajudar a juventude a ser tão participativa quanto gostariam? E o embrião do movimento escoteiro passou a germinar no coração e mente daquele homem.

Figura 44 e 15 - Imagens do primeiro acampamento da história do escotismo e da ilha de Brownsea



Fonte: Livro Ser Escoteiro, 2001

Em 1907, ele resolveu fazer uma experiência reunindo 20 (vinte) rapazes, em quatro patrulhas com nomes de animais (Maçarico, Corvo, Lobo e Touro), adotando um sistema semelhante ao militar e que até hoje é adotado nas tropas escoteiras. Após o acampamento, os relatos publicados em fascículos nos jornais da época foram transformados no livro “Escotismo para rapazes”. BP nem sonhava com a repercussão que isso teria.

Em 1910 ele percebeu que essa “segunda vida”, como ele costumava chamar, exigia bem mais de sua atenção e propósitos. Portanto, pediu demissão do exército e passou a se dedicar exclusivamente ao adestramento – no sentido de disciplinamento - da juventude de seu país.

Muito rapidamente, o ME alcançou outros países, seguindo o modelo inglês proposto por Baden-Powell. Reunia-se crianças e jovens de diversas faixas etárias com o objetivo comum de aprimorar valores como: honra, moral, ética, bondade. Se, nessa época, no campo educacional e social, as influências políticas agiam diretamente sobre a práxis dos professores, pode-se dizer que esses anos foram naturalmente favoráveis ao crescimento de um movimento que, em sua essência, buscava forjar positivamente o caráter de jovens aprendizes. Na época, Baden-Powell estava viajando ao redor do mundo para conhecer os grupos formados e acompanhar de perto o projeto que nasceu em seu coração.

Tão logo o movimento eclodiu na Inglaterra, milhares de jovens em vários países tiveram o interesse particular de participar e conhecer o movimento. O choque entre algumas culturas e noções fez com que BP unificasse diversos conceitos que puderam ser difundidos como parte da cultura escoteira dentro do movimento. O principal conceito foi o lema escoteiro “Be prepared”, traduzido no

Brasil como “Sempre Alerta!” Esse lema é, em resumo, o ponto de interseção entre os artigos da Lei Escoteira e a Promessa Escoteira.

3.2 MODALIDADES DO MOVIMENTO ESCOTEIRO MUNDIAL

Sabemos também que as modalidades inspiradas na marinha e aeronáutica também foram incorporadas ao Movimento Escoteiro idealizado por BP. Essas duas modalidades são os Escoteiros do Mar e do Ar, respectivamente, sendo que os Escoteiros do Mar foram também fundados por BP, em 1909, e os Escoteiros do Ar foram privilégio de fundação de três brasileiros: Vasco Alves Secco, Godofredo Vidal, e Jayme Janeiro Rodrigues, em 1938. Ambas as modalidades são bem aceitas dentro do Movimento Escoteiro Mundial e vigoram em diversos países, incluindo o Brasil.

3.2.1 Escoteiros do Mar

A modalidade de escoteiros do mar foi idealizada por Baden Powell em 1909, a exemplo da modalidade básica, em um primeiro acampamento realizado às margens do rio Beaulieu e que rendeu o livro Escotismo do Mar para Rapazes. Uma das principais inspirações foi Warington Baden Powell, seu irmão mais velho, a quem inclusive solicitou um manual completo com técnicas para os Escoteiros do Mar. Warington conduzia na infância de BP os ensinamentos da marinha e as aventuras de navegações. Na ocasião de sua morte, Baden Powell (apud Rosa, 2010) lamentou:

> Ele, a quem eu sempre considerei como fundador do Escotismo do Mar, acaba de morrer. Ele era Warington, meu irmão mais velho. Em meus dias de infância, ele ocupou o lugar de um pai para mim e me formou com um grande amor pelo mar e pela prática habilidosa de atividades flutuantes.
> Com o espírito jovial que ele possuía, mesmo em seus últimos dias, infundiu muita jovialidade e romance entre mim e o grande mar, treinando minha formação pela primeira vez; e eu faço o balanço do resultado desses dias com os dias da minha escola pública (valiosos como foram), eu me dei conta de que o Escotismo do Mar foi uma educação em si que foi muito mais valorizada em minha carreira. Foi dessa experiência profissional que eu tão persistentemente criei e desenvolvi o Escotismo do Mar entre os jovens pelos homens que sabem alguma coisa sobre a vida no mar e que têm "o irmão mais velho" que toca a sua natureza.

Warington faleceu por tuberculose e devido a isso não pôde se envolver diretamente com os escoteiros do mar. Um fato interessante é que Warington Baden-Powell praticamente instaurou o totem escoteiro como equipamento do escoteiro, antes o totém era apenas da tropa, grupo ou seção e levava emblemas, distintivos, distinções, símbolos ou nomes. Atualmente o bastão é usado nas três modalidades e em cada patrulha, dos quatro ramos do movimento escoteiro, servindo como elemento de medida, transporte para feridos em jornadas, entre vários outros usos de quem o carrega.

Figura 16 - **Warington Baden Powell**



Fonte: 175º GeMar Albatroz

O ponto é que a principal diferença desta modalidade é que as crianças e jovens realizam suas atividades preferencialmente na água, mesmo que não seja no mar, como o nome da modalidade indica, porém em local que possua água onde se possa navegar, seja em rio, lagoa, lago, açude e etc. Esses escoteiros são levados a desenvolver o gosto pelas técnicas marinheiras e de navegação, pela pesca, estudo dos oceanos, pela exploração e esportes náuticos. As atividades são totalmente voltadas para esse estímulo. Aqui no Brasil há registros dos primeiros escoteiros do mar apenas em 1921, com os esforços do tenente Benjamin Sodré e dos comandantes Frederico Villar e Gumercindo Loretti, segundo dados da UEB.

3.2.2 Escoteiros do Ar

Os escoteiros do ar, diferentes das outras duas modalidades, não foram criados por BP, porém tiveram a aprovação dele. Quem mais idealizou e incentivou essa modalidade foi o major-brigadeiro Godofredo Vidal que era apaixonado pela

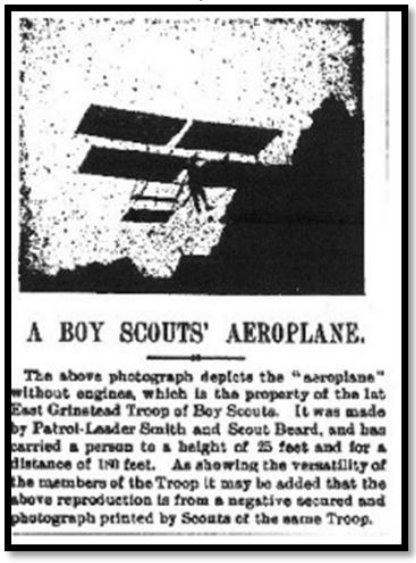
aeronáutica e por isso estudou e avaliou profundamente o escotismo desenvolvendo a possibilidade de aplicar princípios da aeronáutica dentro do Movimento Escoteiro.

Figura 17 - Major Brigadeiro Godofredo Vidal.



Fonte: 9º GeAr Salgado Filho

Figura 5 - Foto do voo realizado pelo 1º Grupo Escoteiro do Ar East Grinstead, publicada em 1912.



A BOY SCOUTS' AEROPLANE.

The above photograph depicts the "aeroplane" without engines, which is the property of the 1st East Grinstead Troop of Boy Scouts. It was made by Patrol-Leader Smith and Scout Beard, and has carried a person to a height of 25 feet and for a distance of 180 feet. As showing the versatility of the members of the Troop it may be added that the above reproduction is from a negative secured and photograph printed by Scouts of the same Troop.

Fonte: Centro Cultural do Movimento Escoteiro

Há algumas contradições sobre a fundação desta modalidade, onde se encontra registros em sites de grupos escoteiros que afirmam que o primeiro grupo desta modalidade nasceu no Brasil, tendo sido aqui fundado, porém Rosa (2010) traz a informação de que o pai do escotismo do ar foi Baden Fletcher Smyth Baden-Powell, irmão mais novo de BP, que concebeu o escotismo do ar desenvolvendo as primeiras atividades em forma de pipas, sendo que algumas eram semelhantes a

modelos de avião. O autor refere que em 1908, logo após a publicação do livro de BP, Escotismo para Rapazes, foi fundado o primeiro grupo de escoteiros do ar, que era inicialmente da modalidade básica e como muitos outros foi se modificando para a modalidade do ar.

> Em 24 de agosto de 1912 a revista 'Gazeta Headquartes', do Observatório de East Grinstead, publicou a notícia e um breve relatório que os Escoteiros de EAST GRINSTEAD que haviam pilotado um planador construído por eles próprios, bem grande, aonde puderam se pendurar, e voaram durante uma festa da sua comunidade, a mais de 25 pés acima do solo, o que corresponde a 7 metros. Entre 1910 e 1920 existem diversos registros das atividades deste grupo construindo e tentando voar com os planadores, sendo que a publicação de 1912 é a prova mais antiga. (ROSA, 2010, em centro cultural do movimento escoteiro)

3.2.3 Escotismo Feminino

Foi no ano em que BP se afastou do exército (1910) que o movimento já estava chegando ao Brasil. Além disso, no mesmo ano, após perceber o interesse das moças em participar do escotismo, BP instituiu Olave Saint Clair Soames, sua esposa, como instrutora das garotas. Dentro do Movimento Escoteiro Olave BP foi a pioneira nas ações relacionadas à inclusão feminina. Entretanto, ela quase não é mencionada por seus feitos no movimento, e, sim, apenas por ser a esposa do célebre criador do ME. Muito embora a história dessa importante mulher esteja acessível àqueles que sentem curiosidade em saber sobre sua contribuição para o ME.

Segundo a União dos Escoteiros do Brasil, Olave Saint Clair Soames, nasceu também em 22 de fevereiro (dia de aniversário do BP), porém no ano de 1889. Era inglesa e a caçula de três irmãos. Foi educada em casa, por instrutores da família. Tocava violão e amava música. Poderíamos dizer que "era uma mulher à frente de seu tempo", mas cairíamos no risco de cometer anacronismo. É conveniente, todavia, reconhecer que ela era uma mulher muito inteligente e ativa, que praticava tênis, remo, patinação, montava a cavalo, andava de bicicleta e, quando estava cansada, conduzia carruagem e automóvel.

Figura 19 - Lady Olave Baden Powell.



Fonte: Site oficial da União dos Escoteiros do Brasil, 2020.

Olave já trabalhava com crianças quando atingiu a maturidade. Ainda de acordo com o site da União dos Escoteiros do Brasil, ela recolhia, das ruas, meninos considerados inválidos e cuidava deles em Bornermouth. Foi com 23 (vinte e três) anos que o seu destino se cruzou com o de Lord BP. Na época ele já ostentava o título de Lord, recebido do Rei Jorge V, e era reconhecido e prestigiado em vários países do mundo.

> No dia em que atingiu a "maioridade" completando 21 anos contava com mais de 2 milhões de membros em praticamente todos os países do mundo. Nesta ocasião, B-P recebeu do rei Jorge V a honra de ser elevado a barão, sob o nome de Lord Baden-Powell of Gilwell. Mas apesar deste título, para todos os escoteiros ele continuou e continuará sempre sendo B-P, o Escoteiro-Chefe-Mundial (União dos Escoteiros de Santa Catarina, 2020).

Em 1912, BP conheceu sua esposa, quando o escotismo já havia se consolidado. Ele estava em uma viagem ao redor do mundo para contatar os vários escoteiros em seus respectivos países, quando Olave foi convidada a viajar com seu pai, a bordo do navio “Arcadian”. Nesse navio, Olave foi apresentada a Baden Powell por um amigo do pai. Casaram-se em segredo em 30 de outubro do mesmo ano.

Olave abraçou a segunda vida que seu esposo lhe apresentou. Em 1914 quis assumir o trabalho com as chamadas *Girls Guide S*couts (Guias, em português). Já

nestes anos já havia muitos grupos na Inglaterra com meninas chamadas de escoteiras, presididos pela irmã de Lord Baden-Powell, Agnes.

Em 1916, Olave é nomeada Comissária Chefe. Nesta época a Inglaterra atravessava uma época difícil, pois a guerra impedia que fossem realizadas muitas atividades com as escoteiras, e estas se dedicavam aos primeiros socorros, emergências e serviços. Lady Baden-Powell se manteve em permanente contato com todos os grupos e visitou toda a Inglaterra.

Figura 20 - Família Baden Powell – Lady Olave, Lord BP e seus três filhos Arthur, Heather e Betty.



Fonte: União dos Escoteiros do Brasil, 2020.

3.2.4 Escotismo no Brasil

À medida que o Escotismo se alastrava pelo mundo, em nosso país a educação sofria inúmeras mudanças, pois a República acabava de nascer, trazendo novos princípios que influenciaram o contexto educacional centralizado, formalizado e autoritário. Torna-se importante falar um pouco dessa história da educação no Brasil para entender melhor a evolução do ME no contexto da educação extraescolar.

O ensino público no Brasil começou a se esboçar com a Lei Geral do Ensino, de 15 de outubro de 1827. O sistema seguia o modelo de escolas isoladas. Os

professores eram vistos pelos governantes como inábeis e responsáveis pelo atraso do ensino nas instituições escolares. O ensino secundário era deficitário.

Segundo Palma Filho (2005), durante a Primeira República, desde a instalação em 1889 até 1930, o país passou por cinco reformas educacionais: a Reforma Benjamim Constant, a Reforma Epitácio Pessoa, a Reforma Rivadávia, a Reforma Carlos Maximiliano e a Reforma João Luiz Alvez, como tentativas de implantar algo que fosse unificado nacionalmente.

O ensino voltado aos jovens, ou seja, aquele imediatamente anterior ao Ensino Superior (ou universitário) recebeu várias nomenclaturas ao longo de sua história: instrução secundária, ensino secundário, educação secundária, curso ginasial, curso secundário fundamental.

Como dito antes, o Movimento Escoteiro chegou ao Brasil, em 1910. Pouco antes, em 1907, o Brasil tinha comprado da Inglaterra vários navios de guerra usados pelo Reino Unido e 50 oficiais da Marinha brasileira foram para a Inglaterra para receber treinamento da Marinha Inglesa, sobre a manutenção e uso destes navios considerados modernos para os brasileiros. Ao lado do alojamento dos oficiais havia um Grupo Escoteiro e durante os momentos de folga eles acompanhavam o desenrolar das reuniões. Eles acharam a ideia interessante para os jovens brasileiros, e, quando voltaram, em 17 de abril de 1910, trazendo os navios, no encouraçado "Minas Gerais", discutiram a possibilidade de fundar um movimento parecido com o que eles tinham visto. Compraram livros, uniformes e distintivos para usar no início.

> Juntamente com o tenente Henrique Weaver e outros oficiais e praças da Marinha do Brasil, Amélio [Azevedo Marques] estava na Inglaterra desde 13 de julho de 1907, na Comissão Naval do Brasil na Inglaterra, acompanhando a construção dos novos navios encomendados pela esquadra brasileira. [...] Foram os militares liderados pelo tenente Weaver que desembarcaram do Encouraçado Minas Gerais, no Rio de Janeiro, em 17 de abril de 1910, trazendo na bagagem uniformes escoteiros, e menos de dois meses depois, no dia 14 de junho, durante uma reunião em uma casa na rua do Chichorro, no Catumbi, fundaram o Centro de Boys Scouts do Brasil. (NASCIMENTO, 2008, p. 233)

Em 14 de junho de 1910 (111 anos atrás) foi realizada uma reunião com os suboficiais da Armada Brasileira que estiveram na Inglaterra e que vieram nos encouraçados “Minas Gerais”, e também “Bahia” e “Alagoas”. Nessa data eles fundaram o Centro dos *Boys Scouts* do Brazil e elegeram sua primeira Comissão

Diretora. A sede era na Rua do Chichorro n° 13, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Essa Associação depois passou a se chamar de "Associação Fluminense de Escoteiros do Brasil". Os registros mostram que em 1914 já haviam 5 associações distribuídas por vários estados brasileiros.

O Movimento Escoteiro era visto inicialmente como mais uma possibilidade de educação voltada para os interesses nacionalistas naquele momento, pois se acreditava que os preceitos do Escotismo eram capazes de moldar cidadãos capazes de enfrentar as adversidades, com senso de responsabilidade, consciência de seus direitos e deveres com a sociedade e com a pátria. Além disso, no caso de uma necessidade extrema por um conflito iminente, seria uma forma a mais de treinamento pré-militar.

Dentro do Movimento Escoteiro, além das modalidades já citadas, temos a divisão por tropas de acordo com as faixas etárias. Na escola, as classes deixaram de ser multisseriadas, ou seja, de reunir alunos de várias idades, e passaram a distribuí-los em séries, o chamado ensino seriado. Nesse período, acreditava-se que era do aluno a inteira responsabilidade do aprendizado dos conteúdos propostos (MASETTO, 2008).

Mesmo sem a intenção direta do fundador e dos responsáveis pelo escotismo, a percepção de que as crianças necessitavam de programações direcionadas a sua faixa etária específica fez com que houvesse essa divisão em tropas paralelamente ao que já era percebido e estruturado dentro das salas de aula. Ou seja, o escotismo falava a mesma linguagem da pedagogia que vigorava no país. Desse modo, o ME distribuiu os grupos seguindo essa divisão:

A – Alcateia: grupo destinado às crianças menores de 11 anos e maiores de 6 anos e meio
B - Tropa Escoteira: se destina às crianças de 11 a 14 anos
C - Tropa Guia e Sênior: para os jovens de 15 a 17 anos
D - Clã Pioneiro: para jovens de 18 a 24 anos.

Após ter passado por todos os grupos, a pessoa que quer continuar ligada ao Movimento Escoteiro poderá atuar como voluntário e se tornar Escotista, popularmente chamados de Chefes Escoteiros. Não há limite de idade máxima para

ser Escotista, mas há exigências a serem cumpridas no caso de se fazer esta escolha, assim como para se tornar um participante em qualquer tropa.

O Escotismo enquanto organização possui um método educacional. Ademais, o Método Escoteiro se define como um sistema de autoeducação progressiva e que constitui um todo integrado em que se combinam diversos elementos. Os registros que se seguem, referentes a este método e que tratam da organização e estruturação do movimento Escoteiro, foram coletados do site oficial da União dos Escoteiros do Brasil (GUIA SÊNIOR, 2001).

Dentro do Movimento Escoteiro há um programa a ser cumprido, com atividades variadas, voltadas para os interesses e necessidades dos participantes. Os jogos, a vida ao ar livre em contato com a natureza, o domínio de técnicas e habilidades úteis e de sobrevivência, a interação com a comunidade e a participação em seu desenvolvimento, a mística e o ambiente fraterno, motivam a participação do jovem e explicam porque é tão elevado o índice de comparecimento às atividades escoteiras. Outro elemento que fundamenta o Método Escoteiro é o aprendizado prático, estimulando os hábitos de observação, dedução e indução e o treino da autonomia, baseado na autoconfiança e na iniciativa.

O principal elemento que fundamenta o Método Escoteiro é a aceitação livre à Lei Escoteira, um compromisso com um Código de Ética, assumido diante dos companheiros de Tropa. Há para tanto a chamada Promessa Escoteira (ou Promessa do Lobinho, adaptada para seu lema e idade) que nada mais é do que a aceitação desses princípios que são a base do Movimento Escoteiro no mundo.

Aqui no Brasil, o texto dessa Promessa sofreu algumas modificações até chegarmos da redação que temos hoje (GUIA SÊNIOR, 2001, p. 162):



Prometo pela minha honra fazer o possível para cumprir os meus deveres para com Deus e a minha Pátria, ajudar ao próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer a Lei do Escoteiro.

A Lei do Escoteiro mencionada na Promessa Escoteira possui dez artigos que fundamentam o pensamento escoteiro e que devem ser incorporadas por quem ingressa no Movimento Escoteiro. Tanto a Promessa Escoteira quanto a Lei Escoteira, foram instituídas por BP e traduzidas para os muitos países onde o Escotismo se consolidou. A Lei Escoteira é, segundo o Guia Sênior (2001, p. 162), encontra-se em diversos documentos e publicações do movimento. Entretanto, a proposta não é decorar esses princípios, mas incorporá-los a conduta escoteira em todas as situações, de forma significativa e natural. São princípios vivenciados dia a dia, e, muitas vezes recitados, pois a oralidade é importante nesse processo, ou seja, a informação é ensinada pela chefia através da oralidade. Na tabela abaixo temos a Lei Escoteira e sua adequação para o ramo lobinho.

Quadro B - Lei escoteira e Lei escoteira adaptada para os Lobinhos

LEI ESCOTEIRA			
ESCOTEIRO		**LOBINHO**	
1.	TEM UMA SÓ PALAVRA, SUA HONRA VALE MAIS QUE SUA PRÓPRIA VIDA	1.	OUVE SEMPRE O VELHO LOBO
2.	É LEAL	2.	PENSA PRIMEIRO NOS OUTROS
3.	É CORTEZ	3.	ABRE OS OLHOS E OS OUVIDOS
4.	É ECONÔMICO E RESPEITA OS BENS ALHEIOS	4.	É LIMPO E ESTÁ SEMPRE ALEGRE
5.	É LIMPO DE CORPO E ALMA	5.	DIZ SEMPRE A VERDADE
6.	É OBEDIENTE E DISCIPLINADO		
7.	É AMIGO DOS ANIMAIS E DAS PLANTAS		
8.	É SEMPRE ALEGRE E SORRI NAS DIFICULDADES		
9.	É AMIGO DE TODOS E IRMÃO DOS DEMAIS ESCOTEIROS		
10.	ESTÁ SEMPRE ALERTA PARA AJUDAR AO PRÓXIMO E PRATICA DIARIAMENTE UMA BOA AÇÃO.		

Para os lobinhos, uma versão de Lei adaptada em cinco artigos foi criada, como uma prévia do que viria a seguir nas tropas seguintes. A Lei do Lobinho consta na publicação Alcateia em Ação (2019, p. 44).

Num Brasil de tantas mudanças e jogos políticos, a educação não poderia ficar de fora dos interesses do poder ao longo da história da educação. No início do século XX, o Brasil passava por um momento de crise sócio-política. Os políticos demonstravam preocupação com o agravamento das desigualdades sociais. Este era o cerne da questão política e a preocupação no sentido de agregação de massas. A necessidade de que a política reforçasse o controle e reintegrasse a sociedade trouxe a germinação das ideias nacionalistas e os ideais de direita vieram da Europa e foram reinterpretadas em nosso país. A visão era que o fortalecimento da nação estaria no resgate educacional dos valores, da moral, da ética e no apoio ao desenvolvimento do patriotismo.

Trazendo para o âmbito pedagógico, era o momento de implementação de novas ideias e métodos dentro da educação. Mas que ideias eram essas? Foi em meios a essas novas ideias e concepções pedagógicas que passaram a considerar o professor como um facilitador da aprendizagem que apresentava novas formas mais atrativas de ensinar e aprender, que o Escotismo surgiu no Brasil. De acordo com Zuquim e Cytrynowicz (2002), foi justamente no momento em que os jogos e brincadeiras passaram a ser vistos pelos educadores como estratégias favoráveis à formação educacional.

Na maioria das atividades extraclasse que surgiram na época, a visão era voltada ao treinamento da juventude, que deveria estar preparada para defender a nação. Não podemos esquecer o fato de que o mundo passava pela Grande Guerra. Embora o Brasil não tenha participado ativamente como os demais países, a necessidade de moldar uma juventude disposta a enfrentar batalhas em favor do nosso país, era um ponto alto na atmosfera nacional.

Diversas organizações que valorizavam o civismo e o nacionalismo surgiram, utilizando como treino da juventude a ginástica e os esportes. De acordo com Nagle (1974) em 1916, em São Paulo, foi criada a Liga de Defesa Nacional e a Liga Nacionalista de São Paulo, e no Rio de Janeiro, foram criadas a Propaganda Nativista e a Ação Social Nacionalista. Todas essas iniciativas tinham a educação como ponto central para a implementação de seus projetos políticos e defendiam a elevação da consciência cívica através da educação e do serviço militar obrigatório. Na maior parte das vezes a juventude que passava por estas organizações era treinada para ser mais viril, apta a suportar a vida militar e mais preparada para enfrentar um longo conflito sem perder a coragem (WEBER, 1988).

Pela sua natureza, o ME enquadrava-se entre as instituições extraescolares que visavam complementar a educação formal, o que se configurava como um procedimento comum no Brasil da redemocratização de 1946, após o Estado Novo de 1937 (THOMÉ, 2006). Portanto, ao chegar ao Brasil, o ME sofreu necessárias adaptações devido ao clima, ao local, a cultura; embora não tenha se desviado do firme ao propósito de BP. Tanto que o movimento segue o mesmo 'manual', publicado por BP: Escotismo para rapazes.

O Brasil ocupa atualmente, em contingente, segundo o Relatório Anual da UEB (2019), a segunda posição na Região Interamericana de Escoteiros. Temos 60 Seções Autônomas (4 Seções Autônomas do Ar e 01 Seção Autônoma do Mar), 1325 Grupos de Escoteiros (modalidade Básica), 118 Grupo de Escoteiros do Mar e 100 Grupo de Escoteiros do Ar em atividade no Brasil, registrados devidamente até 2019.

Figura 21 - Mapa do Brasil com a marcação territorial por Unidades da Federação de Escoteiros em atividade até 2019



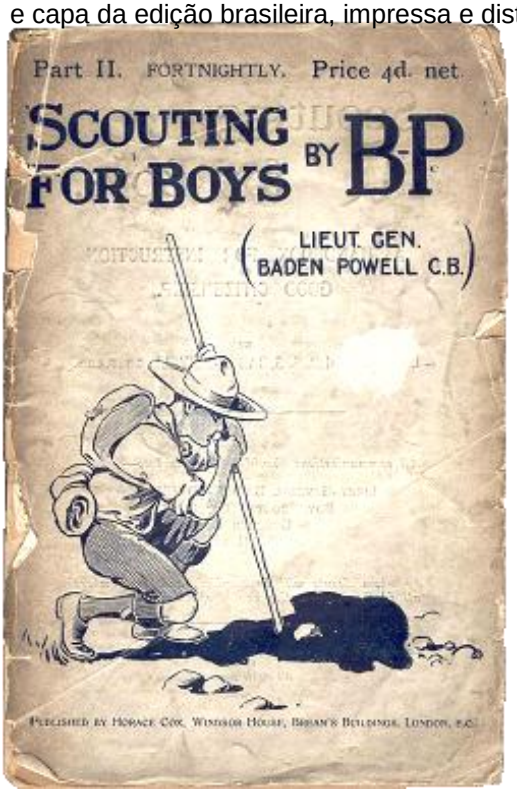
Fonte: Relatório Anual da Ueb (2019)

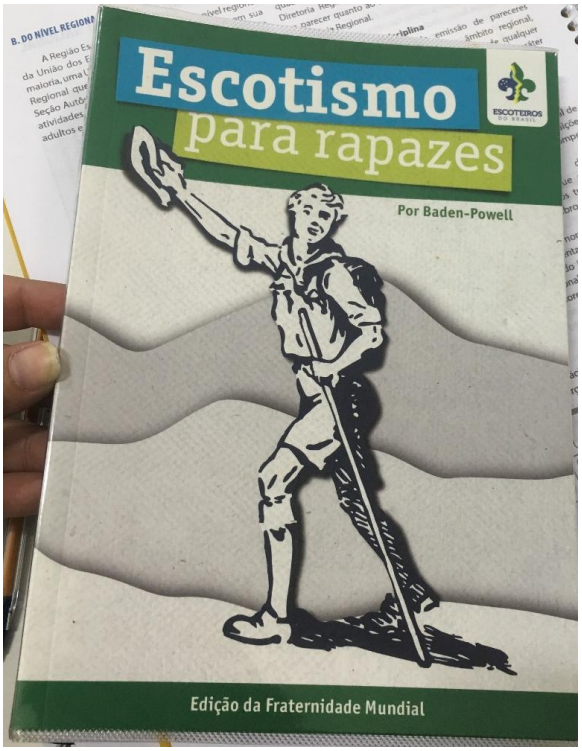
Figura 22 - Divisão por gênero e faixa etária



Fonte: Relatório Anual da Ueb (2019)

Figura 236 e 24 - Capa da Parte II do livro Escotismo para Rapazes, em sua versão original de 1908 e capa da edição brasileira, impressa e distribuída pela UEB.





Fonte: Internet e Acervo da Autora, 2020.

3.2.5 Escotismo do Mar no Brasil

Muitos escotistas se destacaram na fundação do Movimento Escoteiro no país. Podemos dar destaque a Benjamin Almeida Sodré, conhecido como “Velho Lobo”, que por seu passado militar na marinha, semelhantemente ao fundador, deu origem à modalidade de Escoteiros do Mar no Brasil, uma vez que foi almirante e teve destaque dentro do cenário escoteiro e naval. Ele também foi responsável pela criação de um órgão unificador do escotismo no país, a União dos Escoteiros do Brasil em 4 de novembro de 1924, quatorze anos depois da chegada do movimento em terras brasileiras. É autor do “Guia do Escoteiro”, uma das mais importantes obras de âmbito nacional.

3.2.6 Escotismo do Ar no Brasil

Também merece destaque Godofredo Vidal, bem como Vasco Alves Secco e Jaime Janeiro Rodrigues, já citados como responsáveis pela criação da modalidade de Escoteiros do Ar, todos militares da aeronáutica. Assim como BP e o Velho Lobo, eram importantes e se destacaram em seus serviços pátrios na esfera aeronáutica. É importante lembrar que esta modalidade (do ar), é vista por alguns como tendo sido criada no Brasil, por estes três fundadores, que na época serviam em Curitiba. De qualquer modo, o grupo foi oficializado junto à UEB e nesta modalidade foi o primeiro no mundo. Isso aconteceu em 1938, vinte e oito anos após o primeiro acampamento realizado por BP em terras inglesas, o que demonstra que o escotismo foi se adaptando e se consolidando com base nos princípios iniciais do movimento.

3.2.7 Escotismo Feminino no Brasil

O Brasil já sediava o ME desde 1910. Em 1919, Lady BP, sonhando em difundir ainda mais os ideais do Movimento Escoteiro entre as mulheres, escreveu uma carta para as mulheres brasileiras com o propósito de que estas se interessassem em atrair mais e mais meninas para o Movimento. Percebemos com essa preocupação específica o quanto a visão social brasileira ainda permanecia fechada ao envolvimento de meninas em práticas tão similares ao militarismo.

Segundo os dados fornecidos no site oficial da União dos Escoteiros do Brasil, a carta de Olave chegou ao país através de W.S. Barclay, amigo dos Baden-Powell, que vinha ao Rio de Janeiro a negócios. Quando chegou, a família Lynch foi contatada por ele. Henry Lynch e seu irmão Edmund Lionel Lynch, interessados pelo assunto, pediram a sua mãe, Adele Lynch, que promovesse uma reunião em sua casa, convidando diversas autoridades e mulheres que pudessem tomar a iniciativa de fundar o que ficou conhecido como bandeirantismo em nosso país. Esta reunião realizou-se no dia 30 de maio de 1919. Infelizmente, não há registros originais das imagens desta carta, porém, no site, está à disposição em meio digital e virtual o texto atribuído a Olave BP, traduzido para o português. Foi a partir dessa data que o movimento escoteiro no país passou a receber também as meninas. Jerônima Mesquita foi a principal responsável pela implementação desta inclusão feminina em nosso país. Ela havia conhecido o Movimento Escoteiro em Londres, quando atuou como enfermeira na Primeira Guerra Mundial.

Figura 25 - Jerônima Mesquita, primeira chefe escoteira nacional (Comandante Chefe, na nomenclatura do bandeirantismo).



Fonte: Movimento Bandeirante São Paulo, 2020

A visão de meninas uniformizadas e participantes de um movimento educacional não formal tão parecido com organizações militares ser algo ainda considerado um tabu na sociedade da época. Para tornar o movimento mais agradável aos olhos da sociedade brasileira, Jerônima renomeou o grupo feminino, chamando as meninas escoteiras de ‘bandeirantes’, fato este que causou uma segmentação do Movimento Escoteiro, embora mantivessem os mesmos princípios e metodologia, como dois movimentos irmãos “de mesmo pai e de mesma mãe”.

A denominação “bandeirantes” é exclusividade de nosso país e, muito embora com o passar dos anos a visão social tenha se modificado, o reconhecimento do movimento escoteiro (com as mulheres em separado) foi tão forte que, até hoje, é comum ouvir os mais antigos referindo-se às escoteiras como bandeirantes.

Figura 267 - Promessa das primeiras escoteiras (bandeirantes) no Brasil.



Fonte: Movimento Bandeirante de São Paulo, 2020.

3.3 Cultura Escoteira

Para entender melhor sobre a Cultura Escoteira, precisamos refletir sobre o que é Cultura Escolar e aplicar este conceito ao universo do Escotismo, uma vez que já percebemos o caráter educativo do movimento no âmbito da educação extraescolar. Para Julia (2001), a cultura escolar é definida como:

> [...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

Contudo, Julia (2001, p. 10-11) adverte que não se pode analisar normas e práticas sociais sem que se leve em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e a utilizar dispositivos pedagógicos facilitadores dessa aplicação – os professores. Entretanto, para além dos limites da escola, pode-se identificar em um sentido mais amplo, os modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades. Nesse sentido, os modos

de aquisição de conhecimentos e de habilidades acontece por intermédio de processos formais de escolarização.

Portanto, do mesmo modo, acontece a formação da Cultura Escoteira, ensinada através de dispositivos igualmente pedagógicos, tendo os escotistas como os facilitadores da aprendizagem, contudo sem perder de vista que os componentes do ensino no ME são as normas e práticas que definem o caráter do movimento, transmitidas e incorporadas ao longo dos anos.

Para tanto, as práticas no ME podem ser ajustadas, de acordo com a cultura local, com o cenário climático e geográfico, embora se busque manter o modelo criado por BP, com o mínimo possível de variações. Variações essas que incluem, até mesmo, os materiais utilizados com a identidade escoteira.

Para os defensores da História Cultural a Cultura Escolar define a identidade das instituições escolares.

> As tendências que emergem na História da Educação, filiadas às novas correntes historiográficas e à História Cultural, propõem um reexame das relações entre a educação e a cultura, indicando a necessidade de uma acurada atenção aos processos internos à escola, as práticas que consolidam uma determinada existência das instituições escolares e, não obstante, guardam intrínsecas relações com o universo social e cultural [...] (SOUZA, 2000, p. 105).

As práticas do escotismo possuem a finalidade de inculcar valores, normas e comportamentos em todos aqueles que passam a pertencer ao movimento escoteiro, na sua grande maioria, jovens e crianças. O compartilhamento dessa cultura aproxima os participantes, uma vez que produzem marcas próprias, registros de memória e afetividades, causadas pela ativação dessas memórias pelos materiais que compõem essa cultura. Sensação de pertencimento, e intimidade, de comunhão advinda dos testemunhos em comum, da realidade dos acampamentos, reuniões, solenidades e festas, dos relacionamentos com chefes e patrulhas, dos testemunhos orais dos participantes, dos distintivos, uniformes e lenços. Por vezes a expressão “irmãos de lenço” é utilizada, traduzindo esse sentimento de união, e isso, inclusive, está explícito nas entranhas do movimento, na explicação do sinal feito com a mão em saudação aos integrantes do referido movimento.

> A cultura escoteira, portanto, expressou toda a vida do escoteiro, no mesmo sentido empregado por Viñao Frago para explicitar o que compreende por cultura escolar: fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos

> de pensar, dizer e fazer, o espaço e o tempo das práticas, as práticas discursivas e as tecnologias que foram próprias ao fazer do escotismo. Apropriado por distintas sociedades, o movimento escoteiro gestou diferentes culturas escoteiras, algumas delas razoavelmente distanciadas pelo projeto concebido pelo general Baden Powell. Assim, é da mesma maneira que Viñao Frago fala de culturas escolares, é razoável afirmar a existência de culturas escoteiras, no plural, para distinguir os modos através dos quais o escotismo foi apropriado. O conceito de Culturas Escoteiras, portanto, diz respeito ao um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas, rituais, inércias, hábitos e práticas. Formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos sedimentados sob a forma de tradições, regularidades, regras do jogo, tal como observado em culturas escolares (NASCIMENTO, 2008, p.10).

Quando assumimos que as práticas desse movimento fazem parte da cultura, assumimos também a necessidade de que haja uma compreensão da configuração histórica que engloba o escotismo, ou seja, os caminhos trilhados pelo movimento escoteiro até os dias atuais, as formações sociais de que faz e fez parte, o comportamento histórico de seus participantes diante dos fatos grandiosos na história, o modo como esses participantes compartilham e lidam com seu passado em comum, como se produzem enquanto sujeitos da história. A História da Educação, em seu vislumbre da História Cultural, considera essa importância quando traz os registros de falas, testemunhos, memórias, relatos, como fontes essenciais na pesquisa dentro da História.

Nesse tipo de pesquisa, não se pode negligenciar o uso dessas fontes preciosas, tornando possível o comparativo com outras fontes, no caso desta pesquisa, a fim de perceber melhor como as práticas educativas/pedagógicas se relacionaram e se organizaram ao longo dos anos de história do ME. Inclusive, na busca de compreender o que levou Baden Powell a fundar o Movimento Escoteiro. Trilhar o percurso de chegada desse movimento em nosso país esclarece os motivos que fizeram desse movimento uma instituição consolidada. Nascimento (2008, p. 232) ao falar sobre essa consolidação, destaca a importância de unificar o movimento nacionalmente através da União dos Escoteiros do Brasil, assegurando aos escoteiros a continuidade e autenticidade das práticas do movimento idealizado por Baden Powell.

Deve-se ressaltar, no entanto, que o surgimento do movimento escoteiro fez com que surgissem, inspirados nele, outros movimentos. Inclusive, muitos desses movimentos se afastavam dos ideais de criação do movimento original. Além disso, o próprio movimento sofreu adaptações que foram aceitas e incorporadas à Cultura

Escoteira, e que embora não haja registros, teve inspiração clara em outros movimentos que surgiram antes dele. Boulanger (2000), exemplifica:

> As etapas de progressão para escoteiros na Boy Scouts of América e no rito Escocês Antigo da Maçonaria são, por exemplo, muito parecidas. [...] No escotismo e na maçonaria há sinais que somente são feitos pelos seus membros [....] Uma outra característica comum das duas instituições é a tolerância religiosa. Seguidores de qualquer religião podem conviver lado a lado sem nenhum problema. [...] Em nenhuma parte do mundo a maçonaria foi tão forte quanto na Inglaterra (BOULANGER, 2000, p. 172-174)

Entretanto, os princípios do ME se mantiveram sólidos. Por esse motivo é importante identificar os princípios que fundamentam outros grupos que, embora se assemelhem ao ME, não o são. Esses grupos agem como escoteiros, mas não são escoteiros. Sobre isso Nascimento (2008) adverte:

> Desde o século XIX, muitas organizações juvenis foram criadas como associações voluntárias. Durante a primeira metade do século XX, esse tipo de instituição destinada aos jovens conquistou ainda mais prestígio internacional. [...] Uma história social dessas instituições e do papel que desempenharam é indispensável para esclarecer a expansão de práticas como a do movimento escoteiro. Sua ação correspondeu à reivindicação para que se expandisse uma cultura política liberal, característica da modernização de setores urbanos. (NASCIMENTO, 2008, p. 214)

O autor explica que muitas propostas dissidentes surgiram como se fossem parte do movimento de BP. Podemos citar como exemplo o *Nacional Peace Scouts* (Escoteiros Nacionais da Paz), que se constituíram nome em defesa do pacifismo; movimento claramente militarista que se organizou na Inglaterra denominado *Empire Scouts* (Escoteiros do Império), e o *British Boy-Scouts* (Escoteiros Britânicos), defensores de um nacionalismo agressivo. Há também o movimento fundado por John Hargrave, que confundia escotismo e misticismo com ênfase em valores medievais.

A identidade escoteira não se identifica apenas pelo uso de lenço e uniforme. Nem todo jovem ou criança com um lenço atado no pescoço e com uniforme pode ser chamado ou considerado escoteiro. Entenderemos o porquê tão logo percebermos e internalizarmos o que compõe essa dita cultura.

E para um melhor entendimento da cultura escoteira, buscou-se uma aproximação do conceito de cultura escolar discutido por teóricos como: Julia (2001), Souza (2000), Buffa (2002), Gatti Jr (2002), Faria Filho et al (2004) e

Magalhães (1998, 2004). As ideias desses estudiosos serviram de aporte teórico, juntamente com Nascimento (2008), para tratarmos da Cultura Escoteira.

Sobre isso Souza (2000) destaca a relevância da concepção de cultura que envolve saberes e condutas a ensinar, ou seja, como um conjunto de práticas que permite a transmissão de saberes (SOUZA, 2000, p. 105).

Cultura Escoteira é, portanto, tudo o que engloba o ambiente escoteiro. Desde os valores e princípios que fundamentam o movimento, até vestimenta (uniforme), as tradições ou os materiais, que ficam arraigados nas atitudes e nas práticas dos jovens que fazem parte do movimento. Cada Lei é expressão dos valores, cada experiência é resultado das regras, ensinamentos e proposições de Baden-Powell.

O Símbolo que representa o escotismo mundialmente é a Flor de Lis, instituída por BP devido a utilização da mesma em cartas náuticas tendo a representação do norte com a sua ponta, assim como a rosa dos ventos. Além disso, a Flor de Lis foi historicamente utilizada como símbolo da monarquia francesa, símbolo da pureza de espírito, luz e perfeição. BP escolheu a Flor de Lis como representação do movimento por concordar com tais atributos que ela representava, incorporados no escotismo até os dias de hoje.

Figura 27 e 88 - Símbolo do escotismo mundial e nacional, respectivamente.



Fonte: Site oficial da União dos Escoteiros do Brasil, 2021

O Sinal Escoteiro é feito com a mão direita levantada com os dedos indicador, anelar e médio para cima e o dedo polegar dobrado, segurando o mindinho, e a Saudação também, com um toque breve na fronte, em similaridade ao exército, acompanhada sempre do lema “Sempre Alerta”. Os três dedos levantados

representam os três pilares da Promessa Escoteira: o amor a Deus, a Pátria e a si mesmo; os dedos dobrados representam que o escoteiro maior sempre protege o menor e também que os escoteiros dos locais mais distantes sempre se encontram. Há uma pequena variação para o ramo de lobinhos: apenas dois dedos se levantam (indicador e médio) enquanto o polegar prende os dois dedos restantes (mindinho e anelar). Isso se deve a similaridade do formato da mão (enquanto realiza este gesto) com a face de um lobo de orelhas atentas.

Figura 99 - As três pontas do distintivo do Escotismo e os três dedos da saudação lembram ao escoteiro as três partes da Promessa Escoteira.



Fonte: Livro Escotismo para Rapazes, p. 45, 2018

Figura 30 e 31 - Chefe Escoteira, escoteiros e lobinhos utilizando o sinal escoteiro para saudação.





Fonte: Acervo da autora, 2020

O aperto de mão escoteiro também é diferente. Escoteiros se cumprimentam com a mão esquerda, entrelaçando os dedos mindinho e polegar. Conta-se que BP em suas muitas viagens servindo ao exército, encontrou-se com a tribo Ashanti, na África e ao cumprimentar o chefe da tribo, para selar a paz, este lhe estendeu a mão

esquerda, pois ao fazer isso, soltava o escudo que defendia seu próprio corpo e estendia a mão ao inimigo, em sinal de confiança. Para representar essa confiança de um escoteiro para o outro, se cumprimenta como os Ashantis. Os dedos entrelaçados não têm uma explicação dada por BP, porém diz-se que ao entrelaçarmos os dedos, os três dedos usados para o Sinal e Saudação Escoteira ficam em evidência no centro do cumprimento.

Figura 102 e 113 - Chefe Escoteira cumprimentando Lobinho com o aperto de mão escoteiro durante cerimônia de entrega de distintivos e certificados e a ilustração do aperto de mão feita por BP





Fonte: Acervo da autora, 2020 e Livro Escotismo para Rapazes, p. 46, 2018.

Um outro aspecto da cultura escoteira é o uniforme escoteiro. No Brasil a UEB regulamenta o uniforme e o traje escoteiro a ser utilizado em cerimônias e atividades. Aos grupos cabe apenas a opção entre o uso do traje ou uniforme e suas variações materiais devido ao clima local. Há trajes de mangas compridas, mangas curtas, calças compridas ou bermudas, a meia cinza e o tênis de escolha do escoteiro. A cor varia entre o azul (para membros juvenis) e o verde (para escotistas). O uniforme escoteiro é caqui e feito de brim e composto de camisa e bermuda (para os meninos) ou saia (para as meninas) de tamanho padrão com cinto. É opcional o uso do chapéu e outros adereços, porém o lenço escoteiro é a identidade daquele membro uniformizado.

Figura 124 - Ala da Chefia em desfile cívico, demonstrando a variedade de uniformes e adereços aceitos pela União dos Escoteiros do Brasil.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Figura 135 - Traje e uniforme escoteiro, respectivamente, no início dos anos 2000.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

O lenço foi instituído por BP e tem cores variadas, pois cada lenço possui uma representação específica. Ele pode simbolizar a patrulha da qual o jovem faz

parte, o grupo escoteiro a que pertence, o país daquele escoteiro ou o grau de insígnia que ele alcançou.

Figura 146 - Exposição de uma coleção de lenços escoteiros em evento realizado no dia da criança.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Outro item parte da cultura escoteira são os distintivos que o escoteiro recebe após alcançar determinados objetivos dentro da chamada Progressão Escoteira. Os jovens são os protagonistas na escolha dos chamados distintivos de Especialidades, que são divididos em cinco áreas de afinidade do escoteiro: serviços, cultura, ciência e tecnologia, habilidades escoteiras e desportos. A localização do distintivo no uniforme depende da área de escolha, e a cor depende do nível de etapas cumpridas pelo jovem. A exigência dessas etapas dependerá da opção daquela Especialidade. Além desses distintivos, existem os Distintivos de Atividades, os de Progressão Pessoal, de Patrulha (ou matilha), de Grupo, o listel da Região Escoteira, os Especiais, as estrelas de atividade, de monitor (ou submonitor) – no caso de lobinhos, primo ou segundo – a Promessa Escoteira (ou lobinha) e as Insígnias (de interesse especial – aprender, cone sul, lusofonia, boa ação, ação comunitária e desafio comunitário – de modalidade – ar, básica e mar). Cada um tem a sua representação dentro do Escotismo. Nenhum jovem é obrigado a obter a lista de distintivos e insígnias acima, porém trata-se de uma conquista pessoal dentro do movimento e perante os demais.

Figura 37 - Quadros demonstrativos de distintivos por ramo - Sede da Região Escoteira do Piauí

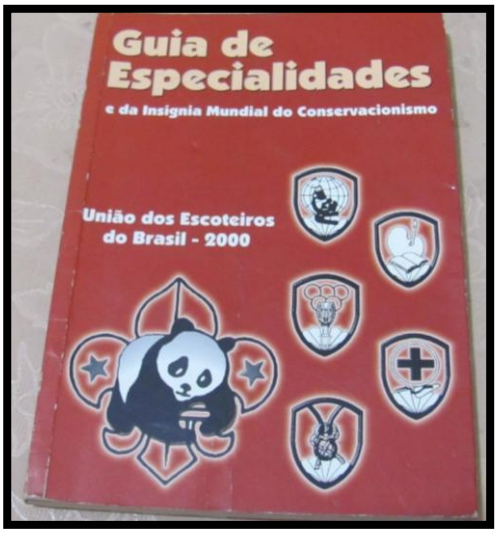


Fonte: acervo da autora, 2020.

A cada um é feito o incentivo de se desafiar e se desenvolver como pessoa, pesquisador, aprendiz, jovem, escoteiro. Porém existe a exigência mínima: a Promessa, primeiro distintivo de todo escoteiro de qualquer ramo do Movimento Escoteiro e que representa a escolha de participar e vivenciar as práticas idealizadas por BP na Lei Escoteira. O distintivo é a prova física de que esse compromisso foi assumido pelo jovem. O restante da lista se trata do comprometimento do próprio jovem diante dos desafios e estímulos vivenciados durante cada reunião de sede e cada acampamento.

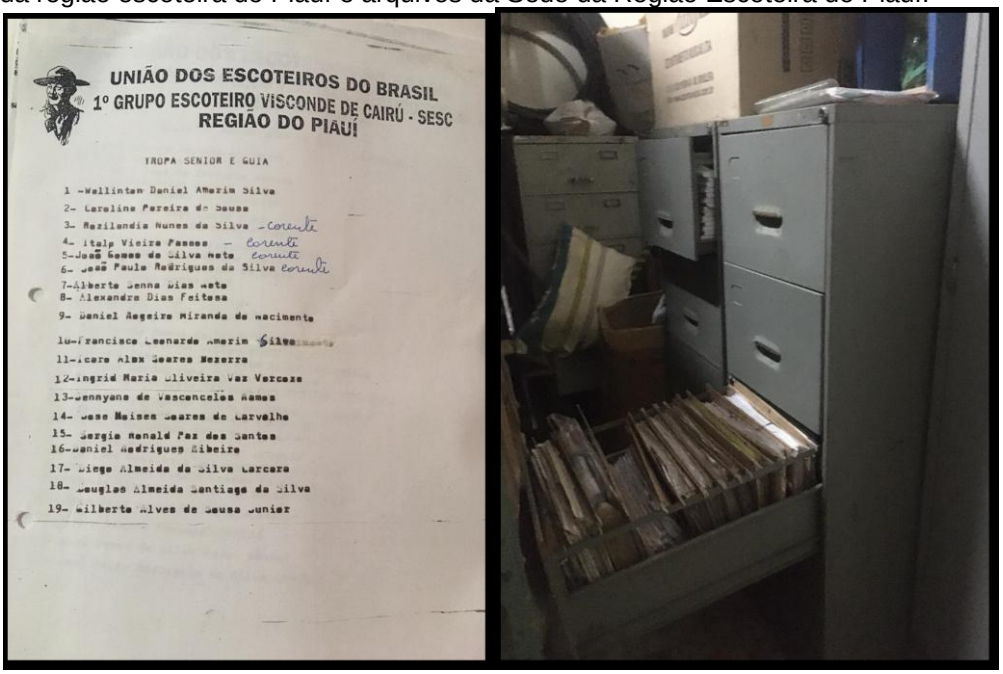
Figura 38 e 159 - Destaque da mesa com certificados e distintivos a serem entregues aos lobinhos e
escoteiros durante cerimônia e capa do guia de especialidades.





Fonte: Acervo da autora, 2020

Figura 40 e 41 - Lista de participantes de acampamento de grupo em 2001 - arquivo sede da região escoteira do Piauí e arquivos da Sede da Região Escoteira do Piauí.

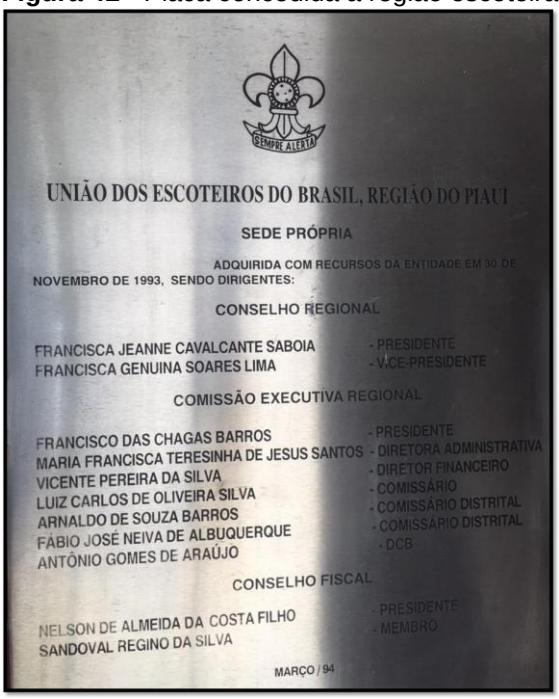

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
1º GRUPO ESCOTEIRO VISCONDE DE CAIRÚ - SESC
REGIÃO DO PIAUÍ

TROPA SENIOR E GUIA

1 -Wellinton Daniel Amorim Silva
2- Caroline Pereira de Sousa
3- Rezilandia Nunes da Silva - corenti
4- Italo Vieira Passos - corenti
5-José Gomes da Silva Neto corenti
6- José Paulo Rodrigues da Silva corenti
7-Alberto Jenna Dias neto
8- Alexandre Dias Feitosa
9- Daniel Aegeire Miranda do nacimento
10-Francisco Leonardo Amorim Silva
11-Icaro Alex Soares Nezerre
12-Ingrid Maria Oliveira Paz Verceza
13-Jennyane de Vasconcelos Ramos
14- Jose Moises Soares de Carvalho
15- Sergio Ronald Paz dos Santos
16-Daniel Rodrigues Ribeiro
17- Diego Almeida da Silva Carcara
18- Douglas Almeida Santiago da Silva
19- Gilberto Alves de Sousa Junior

Fonte: Acervo da autora, 2020

Figura 42 - Placa concedida à região escoteira do Piauí



Fonte: Acervo da autora, 2020

Com o escotista não e diferente, porém há a exigência inicial que, além da Promessa, o educador passe por um curso básico de formação escoteira, onde ele aprende mais sobre a criação de BP, um pouco sobre a história e bastante sobre o Método Escoteiro, aplicado na educação dos jovens. Não é exigida formação curricular universitária: qualquer pessoa que se voluntarie ao Escotismo pode se tornar Chefe, porém é necessário que essa pessoa conheça o Movimento Escoteiro, por isso a UEB padronizou o curso de formação básico para Chefes Escoteiros. Dentro desse curso, de maneira intensiva, o adulto interessado no Escotismo irá aprender a base do que forma o Movimento Escoteiro e a maneira que será repassado aos jovens nas atividades promovidas por aquele Chefe. Além disso os demais chefes sempre estão aptos a orientar o novo chefe diante dos desafios dessas atividades.

Caso o chefe seja bem comprometido, assim como com os jovens, existe uma série de distintivos e insígnias que ele poderá obter diante de seus próprios esforços. Inclusive há a continuação do curso de formação, que sai da modalidade básica para intermediária e avançada. Há distintivos de acampamentos e atividades que esse chefe poderá obter na sua própria jornada como escotista e insígnias (o anel

As canções escoteiras e gritos de guerra também fazem parte da cultura escoteira. Em especial o Hino Escoteiro (Rataplan do Arrebol) a Canção da Promessa, do Sênior e da despedida. Além destas, há um acervo utilizado nas atividades e dentro do movimento que se configuram como parte importante da cultura escoteira.



Senhor!
Dá-me um chefe sênior que seja como um irmão mais velho
Que se interesse por mim e pelos meus problemas
Que me escute até o fim, sem pré-julgar
Que procure me compreender sem sentimentalismo e sem críticas
Mais interessado em me ajudar do que me censurar
Faze com que ele saiba, Senhor
Mostrar-me o que não consigo ver
As outras faces de uma questão
As outras opiniões sobre um mesmo assunto
As outras soluções para minhas dificuldades
Que ele me aconselhe, sem tomar partido
Que ele me informe sobre o que não sei
Porém, deixe para mim
O julgamento, a escolha, a opção, a decisão
Que ele seja o braço me sustentando na hora difícil
Que ele seja agente de Tua Graça
Reconstruindo em minha Alma
A confiança em mim mesmo e minha confiança no futuro
Que ele, sob Tua Inspiração, Tua Sabedoria
Compreenda que eu, apesar de jovem
Sou o próximo que deve amar como a ti mesmo
Sou o outro que deve ser respeitado
Sou um Sênior e merecedor de respeito e confiança
Senhor! Sei que estou pedindo a perfeição em forma de ser humano
E isso, talvez, seja impossível, mas a fé remove montanhas
(Oração do Sênior)

3 *RUMO:* HISTÓRIA E MEMÓRIA DO MOVIMENTO ESCOTEIRO NO PIAUÍ

Para melhor organização e compreensão deste estudo, seguindo o que orienta a classificação de Bardin (2011), apresentamos as análises tomando como eixos temáticos: História do escotismo: quando e onde tudo começou; Cultura escolar e cultura escoteira, e Práticas educativas/pedagógicas do Movimento Escoteiro e formação valores.

Com base nesses eixos, pudemos contextualizar os fatos e reconstituir o conhecimento histórico sobre o Movimento Escoteiro no Piauí, a partir da análise de documentos e dos relatos oriundos da memória dos interlocutores da pesquisa.

Com a devida autorização, dos chefes, três deles serão identificados pelos seus nomes. Para preservar a identidade dos demais sujeitos interlocutores da pesquisa, eles serão assim identificados: Familiar (1,2,3,4 e 5), Escoteiro (1, 2,3, 4, 5 e 6) e Chefe (1, 2...11).

3.1 HISTÓRIA DO ESCOTISMO NO PIAUÍ: QUANDO E ONDE TUDO COMEÇOU

Nas entrevistas aplicadas aos familiares dos escoteiros, pudemos observar que nem todos conhecem a história do Movimento Escoteiro no Piauí. Isso ficou demonstrado na resposta dos familiares interlocutores da pesquisa. Os Familiares 1 e 2 foram diretos ao afirmar que nada sabem dessa história, enquanto que o Familiar 4 admite que sabe pouco sobre o assunto. O Familiar 3 apresentou um pequeno resumo sobre o que sabe, mas fez isso sobre o escotismo de modo geral, sem demonstrar conhecimento sobre a história do movimento no Piauí:

> Resumindo a história do movimento escoteiro: Sei que foi fundado em 1907, por Robert Baden Powell [...] incentivando os jovens a aprender e explicar as técnicas citadas, onde o mesmo se empenhou e de acordo (maneira) com a sociedade muda o movimento escoteiro. **Familiar 3**

O Familiar 5 também admitiu não saber nada da história do escotismo, mas demonstrou satisfação ao destacar o enorme interesse da filha sobre o assunto:

> Não, não. Essa curiosidade é uma curiosidade muito grande da minha filha. Ela sempre se interessou de pesquisar sobre isso, mas eu não conhecia nada sobre a história. Em todo lugar que ela vai ela sempre está olhando [...] Em São Paulo, em Brasília, até fora do país ela buscou visitar os grupos de escoteiros, porque ela sempre gostou muito dessa parte histórica e organizacional do movimento. **Familiar 5**

Esse desconhecimento sobre a história do escotismo no Piauí reforça a necessidade de exploração científica e divulgação desse conhecimento histórico.

Para contar essa história, inicialmente buscamos a documentação oficial. Segundo essa documentação, o primeiro grupo escoteiro do Piauí foi registrado em 1963. Entretanto, há relatos de que o escotismo tenha chegado ao Piauí em meados de 1930.

Em depoimento à revista Expressão (2016, p. 44), o então presidente da Região Escoteira do Piauí declarou que “ainda nos anos 30, funcionava um grupo de escoteiros no Grupo Escolar Matias Olímpio, no bairro Porenquanto e outro no Ginásio Leão XIII”.

Figura 163 – Página da Revista Expressão contendo reportagem detalhada sobre o escotismo no Piauí



O ESCOTISMO NO PIAUÍ

As origens do movimento escoteiro no Piauí remontam à década de 30, segundo declarou à Expressão o atual Presidente da UEB no Estado, Francisco das Chagas Barros, "Chaguinhas", embora os registros oficiais consignem a data de 20 de setembro de 1963 como marco inicial do escotismo em terras mafrenses. Segundo Chaguinhas, naquele dia o escotismo se instalou oficialmente com a criação do grupo Visconde de Cairu, que funcionava nas dependências do SESC, por iniciativa do senhor Zequinha Freire. "Mas temos informações de que, ainda nos anos trinta, funcionava um grupo de escoteiros no Grupo Escolar Matias Olímpio, no bairro Porenquanto e outro no Ginásio Leão XIII". Segundo ele, há remanescentes dessa época que testemunham a existência do movimento: " Um ex-colega de aula chamado Gregório e o corretor de imóveis Geraldo Andrade fizeram parte destes grupos", informa. Cita também o pero aposentado Vital Araújo e o empresário Rala (Grupo Cacique) e seu filho mais velho, como membros do escotismo de então. Consoa as palavras do dirigente maior da institui no Piauí, todos os colégios públicos do Est tinham o seu grupo de escoteiros. Como há um trabalho de pesquisa contando a hist do movimento, prevalece a década de sess como início da organização no Piauí.

Muito embora existisse antes, fo anos 60 que o movimento ganhou corpo e seu apogeu entre nós. Houve a criação de grupos, sendo que o segundo

UNIÃO DOS ESCOTEIROS

Fonte: Acervo da autora, 2020.

Em 1930, o fato da própria União dos Escoteiros do Brasil (UEB) ser recente, com apenas seis anos de existência, pode ter dificultado o registro oficial dos grupos de escoteiros do Piauí mencionados pelo presidente da Região.

Por esse motivo, achamos importante ouvir os membros mais antigos dos escoteiros do Piauí, registrando suas memórias sobre a criação dos primeiros grupos no estado. Um desses entrevistados foi o Chefe Gomes (Antônio Gomes de Araújo), Número do Registro na UEB 004665-5, de 69 anos:

> O primeiro grupo escoteiro que houve realmente no Piauí se chamava Powell Harris (aquele segundo nomezinho de Baden Powell e Harris). Esse grupo escoteiro era só uma tropa de escoteiros do ar e funcionava na base do aeroporto de Teresina, por atuação de funcionários da aeronáutica que trabalhavam aqui no aeroporto, no sistema de navegação aérea. Esse grupo só durou aproximadamente dois anos. Devido ao deslocamento dos oficiais da aeronáutica sediados no aeroporto para outras regiões do Brasil, por falta de adultos o grupo deixou de funcionar. A UEB, nesse tempo, deu a eles o indicativo um, provisório, para funcionamento, para eles se estruturarem, mas como o grupo acabou, a UEB extinguiu. Ele foi extinto. **Chefe Gomes**

Chefe Gomes justifica o nome do primeiro grupo de escoteiro como homenagem a Baden-Powell. Outro Chefe entrevistado foi o Chefe Chaguinha, Francisco das Chagas Barros, 67 anos, Número do Registro na UEB 047088-0, muito conhecido no Piauí. Ele também fala sobre o primeiro grupo de escoteiros do Piauí, mas diz que o nome dado ao primeiro grupo tem outra justificativa:

> Existe a primeira ata de fundação da Região Escoteira do Piauí. Essa ata foi feita no dia 20 de setembro de 1962. Então, logo em seguida fundaram o primeiro grupo que não chegou nem a ser registrado. Era o grupo Powell Harris. Powell Harris era alguém ligado ao Rotary, era uma homenagem dada a uma pessoa que fazia parte do Rotary, mas esse grupo não chegou nem a ser registrado. **Chefe Chaguinha**

Figura 44: galeria de troféus na sede da região escoteira do Piauí



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Chefe Gomes não atua mais efetivamente no Movimento Escoteiro, mas de acordo com o lema: “Uma vez escoteiro, sempre escoteiro!” Ele foi durante treze anos, de 1975 a 1988, Diretor-presidente da Região do Piauí.

> Nesse período [...] eu fiz tudo que essa região tem hoje. A parte de crescimento maior foi o Chagas, mas a parte de padronização, registros, informar a UEB o que existia e o que não existia na região do Piauí só aconteceu comigo. Porque, antes, a gente só tinha a figura do presidente e do Comissário Regional, que era a pessoa técnica, que hoje a gente chama ele de Diretor-presidente da Região. Era preciso ser uma pessoa técnica e eu já era um chefe atuante, tinha uma boa formação. Mas eu só assumi essa função no início de 1975 e levei até 1988. Daí para frente, eu percebi que não deveria mais me envolver [...] **Chefe Gomes**

Na entrevista, ele fez questão de destacar que os dados de histórico dos grupos de escoteiros do Piauí que ele apresenta em seu depoimento, foram baseados em uma pesquisa de campo que durou um ano.

> Quando eu assumi em 1975, incentivado pelo padre Hilário e Padre Ângelo, Padre Hilário me acompanhou muito. Eu fui a todos os locais da região do Piauí, quer

> dizer, a todas as cidades que tinha grupo escoteiro para fazer o levantamento que vou lhe passar. Então, o primeiro levantamento que vou lhe passar foi feito em 1975, o ano todo eu levei para fazer esse levantamento. **Chefe Gomes**

Entretanto, segundo o próprio Chefe Gomes, para essa pesquisa, foi necessário o registro escrito de suas memórias sobre esses dados, se deu porque os dados se perderam.

> [...] isso tudo estava registrado. Quando chegou ao final, para ser mais preciso, foi em outubro [...] Eu conclui meu relatório e digitei com uma maquinazinha Olivetti, tudo o que eu vou lhe mandar, com muitos detalhes. Isso era para existir numa pasta bem montadinha na diretoria regional, para qualquer pessoa pesquisar [...] qualquer um que quisesse, né? Mas não tem. Por quê? [...] porque do jeito que o meu material, que ficou guardado, o cupim comeu, eu tenho certeza que, como eu entreguei esses documentos só grampeados, não entreguei numa pasta, como hoje tudo eu entrego em pasta, bem-acabado, [...] o tempo se encarregou de destruir tudo. Perdeu-se. Mas a gente pode recuperar a memória enquanto eu tenho, né? [...] se a direção regional, todas, inclusive no meu período, a gente tivesse pensado muito mais em futuro, você não estaria pedindo favores a terceiros para saber da nossa história [...] **Chefe Gomes**

Chefe Gomes recomendou que fosse feita uma entrevista sobre esse assunto com o Chefe Chaguinha: “O Chagas pode ajudar. Ele não tem memória retida de detalhes, né? Não sei porque! Ele é mais novo do que eu, mas envelheceu muito mais.” Em sua entrevista, Chefe Chaguinha começa relatando sua experiência como escoteiro, ainda criança:

> O grupo que eu fiz parte quando criança se chamava Grupo Escoteiro Professor Álvaro Freire. Era o 5º grupo escoteiro fundado em Teresina. Esse grupo ficava localizado ali próximo ao hospital Getúlio Vargas, na rua, se não me engano 1º de maio ou 19 de maio. Bem ali, quase entre o 25BC e a avenida Frei Serafim. O Grupo Professor Álvaro Freire. Hoje, lá funciona uma clínica, uma clínica médica grande, um prédio muito bonito. Então, o Grupo Professor Álvaro Freire era em homenagem ao pai do fundador do escotismo aqui no estado do Piauí: Zequinha Freire – José Maria Freire. Ele era um empresário proprietário da Gráfica e Papelaria Freire e Cia. Ainda me lembro do nome de alguns chefes da época. Lembro-me do Chefe Bibiu que hoje reside na cidade de Floriano, é professor de Educação Física e funcionário da AGESPISA. Lembro-me do João Benigno, que hoje é promotor público. Não sei se já se aposentou, mas João Benigno era um dos chefes. Lembro-me também de José Alves, que é dono da Água Limpa. Lembro-me do Geraldo Aquino, que é professor aposentado. Trabalha no estado, na Secretaria de Educação. Lembro-me também do João Luiz da Silva que é funcionário, hoje, do Banco do Brasil. Talvez esteja até aposentado, mas na cidade de São Luís. Enquanto ele morou em Teresina ele foi chefe escoteiro do nosso grupo. Também teve o chefe William, que é um dos mais antigos, que mora próximo ao Palácio do Karnak. Então lembro dessas pessoas [...] Lembro de alguns monitores da época, isso em conversas, a gente vai lembrando. O Gomes iniciou junto comigo nesse grupo, professor Álvaro Freire, o Antônio Gomes de Araújo. Ele foi sênior e na época que eu entrei eu era escoteiro e ele entrou como sênior e passamos uma vida lá. E lá fizemos amizade e somos amigos até hoje. Chefe Gomes, muito conhecido! **Chefe Chaguinha**

Chefe Chaguinha conta que esse grupo se extinguiu quando os dois chefes, Reginaldo e Gomes, tiveram que se afastar. O Gomes saiu para fazer um curso superior na universidade e o Reginaldo foi trabalhar no Banco do Brasil. Chaguinha poderia assumir o grupo, mas foi convidado para reiniciar o Grupo Escoteiro Visconde de Cairú, 1973.

> No Grupo Professor Álvaro Freire eu era idade de pioneiro. Eu atuava na chefia. Já quando eu fui para o Visconde eu tinha a idade de 19 anos. Ia fazer 19 anos, porque o meu mês é o mês de junho. No Álvaro Freire o Reginaldo e o Gomes eram mais velhos do que eu. Eles é que estavam com a maior responsabilidade, por causa da idade. Mas eles faltavam muito. Eu era o mais atuante. Eu sempre assumia sozinho as coisas. O Gomes fazia faculdade e lecionava no colégio Diocesano, não tinha muito tempo. E o Reginaldo preocupado com o emprego dele no Banco do Brasil e às vezes trabalhava até dia de sábado, também. Pouco tempo tinha, só ia quando podia. **Chefe Chaguinha**

Portanto, tanto o Chefe Chaguinha quanto o Chefe Gomes concordam que o primeiro Grupo de Escoteiros do Piauí foi o Grupo Powell Harris, em 1963. Entretanto, o Chefe Chaguinha fez um registro importante sobre outros grupos que funcionaram antes da unificação das Associações dos Escoteiros do Brasil:

> [...] antes da UEB ser UEB, era [...] estava iniciando as Associações dos Escoteiros no Brasil, entendeu? Porque antigamente tinha muita associação de escoteiros no Brasil, não era só a UEB. Aí se juntou todas essas associações e fizeram um órgão só através de uma Lei federal. Aí foi criada a União dos Escoteiros do Brasil, que era a junção de todas as organizações de escoteiros. [...] na época desse homem chamado Afonso Pena, eu não me lembro se ele foi Presidente da República ou se ele foi só ministro. Só sei que foi criado nas escolas públicas esse tipo de grupo de escoteiro, que, na verdade, conversando com alguns que participaram, não era bem o escotismo que é praticado hoje. Os que eu conheci foi esse, que, inclusive foi na praia que nós conversamos, mas já faz muitos anos, ele já faleceu. Conheci também o Andrade, um corretor de imóveis, um dos mais antigos aqui em Teresina. Inclusive até disse que o Vital Araújo, aquele perito criminal, era o chefe dele na época. Esse também já faleceu, tanto o Vital, como o Andrade, já faleceu. E também conheci o Gregório. Esse eu não sei se já faleceu, mas se ele estiver vivo, ele já tem 90 anos ou mais. O Gregório, esse trabalhou comigo, não sei se ele é vivo, nunca mais tive notícias dele. Eu sei que ele morava ali perto da igreja do Cabral, na avenida Pinel, não sei se ele ainda é vivo. Esse, dizendo ele que foi escoteiro no grupo Matias Olímpio. **Chefe Chaguinha**

Ou seja, com a organização da UEB, passaram a ser reconhecidos os grupos constantes nos registros oficiais. Por isso é tão importante resgatar o conhecimento histórico das instituições. E nesse processo a história oral torna-se importante para

rememorar os fatos acontecidos e que nem sempre constam nos documentos escritos sobre essas instituições. Chefe Chaguinha segue contando:

> Aqui em Teresina encontrei um senhor que era o dono da Cacique Pneus [...] ele disse que em 1932 ele participou de um grupo de escoteiros em uma escola chamada Leão XIII. Aí ele disse [...] era um colégio público que existia. E ele disse que participou, e que demorou ainda dez anos nesse grupo. Dez anos. E o filho dele também participou já em 1942. Quer dizer, dez anos depois o filho dele já participava do grupo que se dizia grupo de escoteiros. Até aí eu (Chefe Chaguinha) desconhecia a existência desse passado. Aí eu fui investigar. Eu fui investigar. Aí eu descobri um outro senhor, que trabalhava comigo na repartição, que disse que participou de um grupo de escoteiros que funcionava no grupo escolar Matias Olímpio. Ele explicou como era. Ele disse: Rapaz, não era como os escoteiros de hoje. Chamavam a gente de escoteiros, mas nem farda a gente tinha! Aí a gente andava com o bastão na mão, fazia Ordem Unida, era uma coisa esquisita, era uma educação feita pelo próprio professor. Quer dizer, a ideia de escotismo surgiu na cabeça de algum dirigente público e colocaram que deveria existir esse escotismo nas escolas. Só que não foi de uma forma estruturada, de uma forma organizada. **Chefe Chaguinha**

Analisando os registros orais do Chefe Chaguinha podemos concluir que realmente existiram grupos de escoteiros antes daquele reconhecido como primeiro grupo. Todavia, foi o Grupo Powell Harris que teve seu registro oficial como primeiro grupo de escoteiros do Piauí.

Os grupos anteriores ao Powell Harris surgiram em decorrência de políticas públicas organizadas até mesmo antes da década de 1930. Nery (2003) menciona que, ainda em 1917, no Rio de Janeiro, Distrito Federal, uma escola pública adotou pela primeira vez o escotismo. A partir dessa iniciativa, várias leis e decretos-lei surgiram por todo o país, e foi esse “escotismo escolar” que teve suas primeiras sementes no estado do Piauí.

Figura 45: certificado concedido à Região do Piauí em reconhecimento a serviços prestados à escola.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Ainda na primeira metade do Século XX, houve uma efervescência no âmbito político e social (FERRO, 1996). Isso produziu alterações no cotidiano da sociedade brasileira de modo tal que também movimentou as questões educacionais no estado do Piauí. Segundo a classificação de Brito (1996), esse período ficou conhecido como época de Consolidação da Educação Piauiense (1930), reflexo direto da Revolução que, preocupada com o contexto educacional no país promoveu diversas mudanças neste cenário, incluindo a criação do Ministério da Educação e da Saúde.

Em consonância com essas transformações, o governo decretou, através do artigo 11 do decreto Nº 19.398, de 11 de novembro de 1930 que houvesse em cada um dos estados do país, um interventor federal que assumiria o controle com ação de governo provisório. No Piauí, um dos nomeados para este fim foi Landry Sales Gonçalves (de 1931 a 1935), que nomeou Benedito Martins Napoleão como responsável pela Diretoria Geral de Instrução Pública, que se concentrou em expandir o ensino para o interior do estado, dessa forma, edificando e inaugurando os Grupos Escolares.

Os Grupos Escolares eram, basicamente, um conjunto de escolas que contava com uma direção comum e que se localizava nestes prédios inaugurados e edificados pela Instrução Pública de Benedito Martins, com uma organização administrativa sistematizada e pedagogia moderna (BENCOSTA, 2011). Era um novo modelo de escola que objetivava centralizar e racionalizar sua própria estrutura

de organização. Isso garantia um controle maior do governo sobre os alunos e funcionários.

Segundo Freitas (2013), o ensino do Piauí seguia o modelo dos outros estados, que se alinhavam nos desdobramentos de um movimento de renovação escolar conhecido como Escola Nova. Houve em 1931 a IV Conferência da Educação, da qual Benedito Napoleão participou. E em 1932 houve o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que:

> [...] consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. Ao ser lançado, em meio ao processo de reordenação política resultante da Revolução de 30, o documento se tornou o marco inaugural do processo de renovação educacional no país. Além de constatar a desorganização do aparelho escolar, propunha que o Estado organizasse um plano geral de educação e defendia a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. (FREITAS, 2013, p. 5)

Isso contribuiu para que os Grupos Escolares fossem aumentando em número, o que gerou contratações públicas do estado a fim de que o ensino destes grupos escolares fosse acessível da maneira como defendia o Manifesto dos Pioneiros. Além disso, segundo os moldes da Reforma proposta por Francisco Campos, artigo 9º, a disciplina Educação Física deveria ser obrigatória em todo ensino secundário, o que conferiu, em diversos estados, a proposta de criação de Grupos Escoteiros junto a Grupos Escolares, a exemplo de Minas Gerais, Espírito Santo, Sergipe e Ceará. E assim, em 1922, a Reforma Lourenço Filho incluiu o escotismo no quadro escolar (NASCIMENTO, 2008; ALMEIDA, 2009).

Em consonância com o relato dado à revista Expressão (2016), temos o registro no Decreto nº. 1.068, 27 de janeiro de 1930:

> Crêa um grupo escolar na cidade de Pedro II com a denominação de grupo escolar Marechal Pires Ferreira, passando a fazer parte do mesmo as duas escolas estaduaes lá existentes; crea um grupo escolar no povoado Cocal, do municipio de Parnahyba, com a denominação de grupo escolar “ José Basson”; crea mais uma cadeira de professora do grupo escolar “ Mathias Olympio”, desta capital; extingue duas cadeiras de professora do grupo “ Miranda Osorio” da cidade de Parnahyba crea duas cadeiras no grupo escolar “ José Narciso” da mesma cidade e eleva as escolas reunidas_ Barão de Gurgueia_ desta mesma capital á categoria de grupo escolar, com a denominação de grupo escolar “ Barão de Gurguea”.

O decreto em destaque mostra alguns nomes dados aos Grupos Escolares do Piauí em 1930, sendo citada a criação dos grupos escolares Matias Olímpio e Barão

de Gurguéia, ambos na capital Teresina e nos quais se faz registro dos relatos da existência de Grupos Escoteiros atrelados a esses Grupos Escolares, conforme visto acima.

Em 1935 ocorreu o 7º Congresso Nacional de Educação, promovido pela Associação Brasileira de Educação, onde se discutiram variados assuntos relacionados à criação de conselhos e departamentos estaduais de educação. Carvalho (2003, p. 63), menciona os benefícios da presença do escotismo nas escolas, ressaltando que a ABE apoiava essa iniciativa:

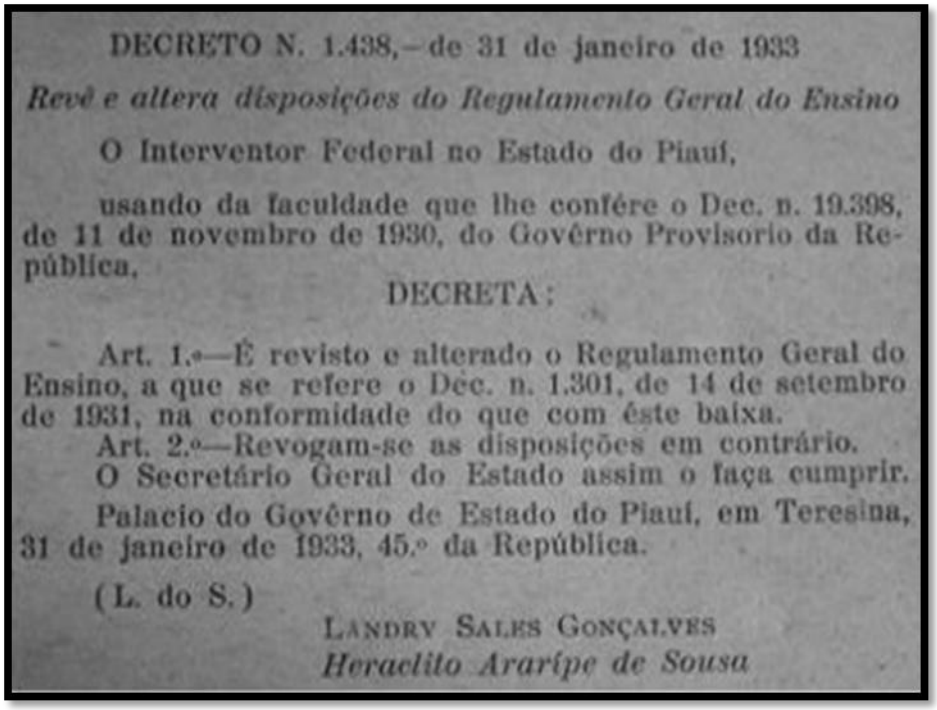
> O esporte e a vida saudável simbolizavam a energia, o vigor, a força, a operosidade, signos de progresso inscritos no corpo que conhece o movimento adequado e útil para cada ato. Preceitos de higiene eram divulgados em palestras e folhetos ou constituídos, ainda, pelo incentivo à organização de Pelotões de Saúde, em preceitos cívicos de bom comportamento. O escotismo - fusão exemplar de vida saudável e moralizada - era iniciativa que contava com todo o apoio da ABE.

A partir desse congresso, de acordo com suas necessidades, cada estado era responsável por organizar seu plano estadual de educação, de modo a abranger todos os graus e modalidades de ensino, e o sistema educativo deveria ser dirigido de maneira autônoma e deveria compreender os serviços administrativos e técnicos (FARIAS, 2013). Eventos como esse trouxeram para o Piauí a visão e as inovações presentes no restante do território nacional conferindo ao meio pedagógico local incentivo a debates acerca dos problemas do estado dentro do campo educacional. Ferro (1996) afirma que o governo efetivou essas reformas educacionais, ou inovações, como resposta às campanhas que eram realizadas em prol da educação, que provocou, aos poucos, mudanças significativas no ensino. Novas formas de comportamento foram se instalando na capital piauiense, mesmo que ela não estivesse entre as cidades mais desenvolvidas do país (QUEIROZ, 2011), fato este que fez com que esse processo de mudanças se realizasse de forma mais lenta se comparada a outras capitais. Ainda assim, a situação econômica do estado era de expansão financeira crescente, conforme percebemos nesse recorte de notícia de 1941 veiculado pelo Diário Oficial *apud* Martins (1941, p. 2):

> É certo que só ultimamente o Piauí entrou em uma fase de trabalho fecundo e tranqüilidade social. [...] Teresina é uma cidade que prima pelo aumento de educandários, pelas atividades em defesa da saúde do povo, pela preocupação de construir prédios modernos, pelo asseio de suas ruas [...].

Isso significa um reconhecimento, em anos posteriores, do avanço alcançado, pelo Piauí, na década de 1930. Brito (1996) afirma que o Governo do Piauí no período de 1933 a 1937, empenhou-se na expansão da rede escolar, construindo novos e modernos prédios escolares no Estado, o que gerou aumento da procura e das matrículas. Seguindo a linha dos demais estados e suas respectivas capitais, os Grupos Escolares e seus novos prédios eram apenas a parte complementar que compunha a estrutura do ensino primário na época. Além dela, havia a parte fundamental, especial e profissional nesse composê (PIAUHY, 1933). As demais peças dessa estrutura, estabelecidas pelo decreto Nº1438/1933, com base nos novos princípios da pedagogia dita moderna, traziam a condução metodológica e prática do ensino primário, também para o Piauí.

Figura 176 - Detalhe do decreto Nº 1438/1933



DECRETO N. 1.438,—de 31 de janeiro de 1933

Revê e altera disposições do Regulamento Geral do Ensino

O Interventor Federal no Estado do Piauí,

usando da faculdade que lhe confére o Dec. n. 19.398, de 11 de novembro de 1930, do Govêrno Provisorio da República,

DECRETA:

Art. 1.º—É revisto e alterado o Regulamento Geral do Ensino, a que se refere o Dec. n. 1.301, de 14 de setembro de 1931, na conformidade do que com éste baixa.

Art. 2.º—Revogam-se as disposições em contrário.

O Secretário Geral do Estado assim o faça cumprir.

Palacio do Govêrno de Estado do Piauí, em Teresina, 31 de janeiro de 1933, 45.º da República.

(L. do S.)

LANDRY SALES GONÇALVES

Heraclito Araripe de Sousa

Fonte: Arquivo Público do Piauí, 2020.

De acordo com esse decreto, o ensino primário fundamental e complementar ficava a cargo do estado, sendo este auxiliado pelos municípios – sempre se sujeitando à inspeção da Instrução Pública. Já o ensino profissional durava cinco anos e era feito por estabelecimentos especiais. O ensino especial era feito através de uma escola anexa, chamada escola de adaptação, exclusiva do Curso Normal. Gabriel (2003) menciona que o diretor das escolas de Curso Normal, devido ao programa de atividades inerentes ao currículo, em algumas localidades, agregou o

escotismo à competência de agentes, designados ao treinamento escoteiro, em trabalhos puramente empíricos, que fugiam da função original da educação presente no método escoteiro.

Antipoff (1935) fez uma crítica sobre esse fato no já mencionado 7º Congresso Nacional de Educação. A autora reprova a anexação do escotismo às escolas, com a designação de professores como instrutores que não conheciam profundamente os propósitos do fundador Baden-Powell e eram designados de maneira empírica para a função de chefe, sem união e articulação entre as tropas, reduzindo a ligação autêntica com o escotismo mundial. Ela defende a autonomia do movimento escoteiro:

> A tropa, a patrulha, a associação escoteira de formação *sui generis,* moldados nos padrões internacionais, representam uma instituição autônoma, com responsabilidades dirigidas apenas para um órgão superior, altamente reconhecido pelas autoridades públicas do país onde elas se desenvolvem. Assim também a orientação, a direção e o controle não podem vir senão dos órgãos especiais do escotismo. (ANTIPOFF, 1935, p. 2)

De fato, esse “escotismo escolar”, era bem mais concebido na dimensão técnica e, principalmente, como um meio de educação intelectual. Ou seja, o escotismo estava atrelado ao ensino como método para impulsionar o gosto pelo trabalho e despertar a criatividade do aluno. Era especialmente vinculado ao ensino de Educação Física, como recurso eficaz para a construção do sentimento patriótico, crescente na época. Devemos lembrar que a orientação do ensino e os processos educativos seguiam a influência da Escola Nova, vigente na época, pautada na visão do método intuitivo, que levava ao desenvolvimento de aulas que fugiam da mera memorização e buscavam uma metodologia que envolvesse os alunos na compreensão do conteúdo, resultando em um raciocínio produtivo. O escotismo, nesse ponto, atendia perfeitamente a esse propósito. Nascimento (2008, p. 299) destaca que:

> Algumas vozes da primeira metade do século XX buscaram no escotismo elementos que nem sempre eram próprios à Pedagogia de Baden-Powell. Certamente a associação entre educação cívica e nacionalismo colaborou de modo significativo para difundir o entusiasmo em relação ao movimento escoteiro no Brasil das primeiras décadas do século XX, induzindo a sua implantação em massa nas escolas públicas brasileiras.

Diante dessas características e diante do caráter de renovação da educação que crescia no estado, essa influência (da Escola Nova) se fez referência na transformação da educação e serviu de suporte para a inclusão de movimentos com ideais nacionalistas, como o escotismo demonstra.

Nesse período, os conteúdos do currículo escolar sofriam fortes influências ideológicas, políticas, religiosas, sociais, econômicas e culturais. Lima (2013) salienta que era notória a idealização da escola como uma redentora da nação, guiada por novos modelos com vistas no progresso, na ordem social e na renovação do povo. O estado do Piauí não ficava fora desse propósito, antes, era através da escola e dos conteúdos ali trabalhados que se enaltecia o estado, em especial pela educação cívica através das comemorações escolares repletas de patriotismo. As orientações eram dadas ao professor da maneira que era exigida pelo Estado, conforme vemos em Melo (2009, p. 83):

> Para apresentações nas comemorações cívicas, para exibição dos alunos com seus corpos bem treinados e adequados ao que propunham as políticas de então, procurando atender as prerrogativas de raça forte, disciplinada e sadia, [...].

Hastear e exibir bandeiras, executar e cantar hinos, a chamada ordem unida, enfatizava o ato político, de maneira a auxiliar na construção do sentimento de nacionalismo, alicerçando a ideia de unidade nacional. A ordem unida era a estruturação dos exercícios a serem feitos e, segundo Baden-Powell (2008, p. 252)

> Quando feitos corretamente, os exercícios de ordem unida, rápidos e perfeitos, dão uma boa preparação, tornando os Escoteiros mais elegantes e ágeis. Esses exercícios fortalecem os músculos que sustentam o corpo, e mantendo o corpo ereto, dão aos pulmões e ao coração espaço suficiente para trabalhar e os outros órgãos internos na posição adequada para a boa digestão dos alimentos.

Para Baden-Powell (1923) a educação deveria se preocupar com a formação intelectual, mas, também, com a formação física e moral do estudante. Nesse contexto, o escotismo constitui uma significativa ferramenta educativa, tanto para conscientizar professores e alunos de seus deveres para com o Estado como para desenvolver o patriotismo. Ao desenvolver práticas de respeito e obediência aos professores e a toda a equipe da comunidade escolar, os estudantes vão se conscientizando de que nas mãos dos professores repousa o futuro da pátria.

Aos familiares, nas entrevistas, foi perguntado se eles acreditavam na relação entre o escotismo e a educação escolar. Apenas o Familiar 2 respondeu que não, pois entendeu que a pergunta se referia ao incentivo dado pela escola à participação dos estudantes no movimento escoteiro: “Não vejo nenhuma escola falando sobre isso e incentivando isso, mas acho que deveria ter” Familiar 2. Os demais familiares responderam:

> Sim, também se trata de educação, pois se trata do ensinamento às crianças, sobre tudo, deveres, obrigações etc. **Familiar 1**
>
> Sim. O método do movimento, por meio de projetos educativos, coloca em prática programas e atividades para jovens, pautado num esquema de progresso que atende e desafia crianças, adolescentes e jovens a tornarem-se autônomos, solidários e responsáveis. **Familiar 3**
>
> Acredito, sim, porque muitos desses chefes, dessas pessoas que estão à frente desses movimentos, eles introduziram na área educacional, também, a participação. Se não me engano, parece que até começaram dentro das escolas esses movimentos de escoteiro. Então creio que ele seja bem interligado com a área da educação. **Familiar 4**
>
> Sim, a educação escolar tem a responsabilidade de oferecer a instrução, os conhecimentos que são construídos ao longo da história humana. Esses conhecimentos são repassados e até ressignificados dentro da escola. E a cultura escoteira ela contribui porque, quando o aluno é escoteiro, ele também compartilha esses valores que ele constrói lá no grupo com os colegas da escola. Então, se houvesse uma parceria maior entre a escola e os grupos de escoteiros, com certeza isso seria bastante proveitoso, porque muitos outros garotos, pré-adolescentes, adolescentes, crianças, iriam querer participar do movimento. **Familiar 5**

Portanto, observamos que os familiares, em sua maioria, reconhecem o papel do movimento escoteiro para a educação e formação moral de crianças, adolescentes e jovens. O Familiar 4, inclusive, demonstra relativo conhecimento sobre como o escotismo, em dado momento histórico, teve estreita relação com o sistema educacional formal.

Mas como se estabeleceu essa relação no Piauí? Assim como em outros estados da federação essa relação escotismo e instituição escolar se deu num contexto de fortalecimento do nacionalismo. Quando Zequinha Freire trouxe o Movimento Escoteiro, conforme os ideais apregoados por BP e regulamentados na, agora bem estabelecida, União dos Escoteiros do Brasil, podemos dizer que uma boa semente foi lançada nas terras piauienses. Uma raiz fortalecida por seus valores e que se enraizou, alimentou o caule e gerou frutos por muitos anos, até os dias de hoje.

É sabido, porém que, de acordo com os dados coletados no Relatório Anual da UEB (2019), no estado do Piauí estão em funcionamento atualmente dezesseis Grupos Escoteiros e duas Seções Escoteiras Autônomas, sendo eles: 1º GE Visconde de Cairú; 2º GE Erivaldo Sandro; 3º GE Nitish Laharry; 8º GE Ventos do Norte; 9º GE Padre Homero; 10º GE Irapuan Rocha; 12º GE Dom Severino Viera de Melo; 18º GE Aldrin Barbosa; 19º GEMar Almirante Antonio Cesar de Andrade; 20º GE Vale da Águia; 22º GE Sebastião Martins; 23º GE Joca Viana; 25º GE Domingos Afonso Mafrense; 28º GE Raul Furtado Bacellar; 29ª Seção Escoteira Autônoma 29 de Julho e 30ª Seção Escoteira Autônoma Sobradinho. Destes, o 19º GEMar não faz parte da modalidade básica de escotismo, sendo o único grupo de escoteiros do mar em atividade no estado do Piauí. No estado não há nenhum grupo de escoteiros do ar ativo.

Dos dezesseis grupos listados, quatro funcionam em Teresina, sendo eles: 1º GE Visconde de Cairú; 3º GE Nitish Laharry; 9º GE Padre Homero e o 12º GE Dom Severino Viera de Melo. Parnaíba tem o segundo maior contingente, com 3 grupos ativos, sendo: 8º GE Ventos do Norte; 19º GEMar Almirante Antonio Cesar de Andrade e o 28º GE Raul Furtado Bacellar. Os demais funcionam em Altos, Campo Maior, Coivaras, Floriano, Oeiras, Picos e Piripiri. O quadro abaixo informa a localização dos GEs, para melhor visualização e orientação espacial:

Quadro C - Localização dos Grupos Escoteiros ativos do Piauí até 2019

Número do GE	Modalidade	Nome do GE	Cidade
1	Básica	Visconde de Cairú	Teresina
2	Básica	Erivaldo Sandro	Piripiri
3	Básica	Nitish Laharry	Teresina
8	Básica	Ventos do Norte	Parnaíba
9	Básica	Padre Homero	Teresina
10	Básica	Irapuan Rocha	Campo Maior
12	Básica	Dom Severino Vieira de Melo	Teresina
18	Básica	Aldrin Barbosa	Altos
19	Mar	Almirante Antonio Cesar de Andrade	Parnaíba
20	Básica	Vale da Águia	Picos
22	Básica	Sebastião Martins	Floriano
23	Básica	Joca Viana	Floriano

25	Básica	Domingos Afonso Mafrense	Oeiras
28	Básica	Raul Furtado Bacellar	Parnaíba
29	Básica	Seção Escoteira Autônoma 29 de Julho	Coivaras
30	Básica	Seção Escoteira Autônoma Sobradinho	Coivaras

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Um observador mais atento perceberia que a numeração dos grupos não segue a sequência exata na numeração, saltando alguns números. Isso se deve ao fato de que, ao longo dos anos, alguns grupos que foram fundados e oficializados junto à UEB, com o tempo perderam seu efetivo, chegando a ser extintos. Também podemos observar que, embora o 19º não seja da modalidade básica (é um Grupo de Escoteiros do Mar), a numeração dele entra na sequência. Isso se deve ao fato de que o órgão máximo do escotismo no país considera as três modalidades parte da mesma raiz de fraternidade mundial, sendo consideradas em sequência, inclusive, as seções autônomas.

Porém, nem sempre esse padrão de numeração foi convencionado pela UEB, o que gera debates e discussões entre os escoteiros sobre quem de fato foi o primeiro grupo em funcionamento no estado do Piauí. Por esse motivo, o Grupo Powell Harris não aparece como primeiro grupo. O Chefe Gomes, em seu relato oral explica melhor sobre isso:

> A criação dos grupos escoteiros até mais ou menos o início da década de 1980, era obrigado pela UEB que os números fossem corridos e ativos. Quando um grupo era extinto, logo que aparecesse a fundação de um próximo grupo, o número mais velho ou que tinha pertencido a um grupo já extinto passava a ser o número de registro daquele grupo novo, não importa se ele se registrou muito tempo depois. Depois de 1988, aproximadamente, para cá, é que a direção nacional não faz mais isso. Ela compreendeu que a substituição cancelava o histórico de um grupo que já não existia mais naquela região. **Chefe Gomes**

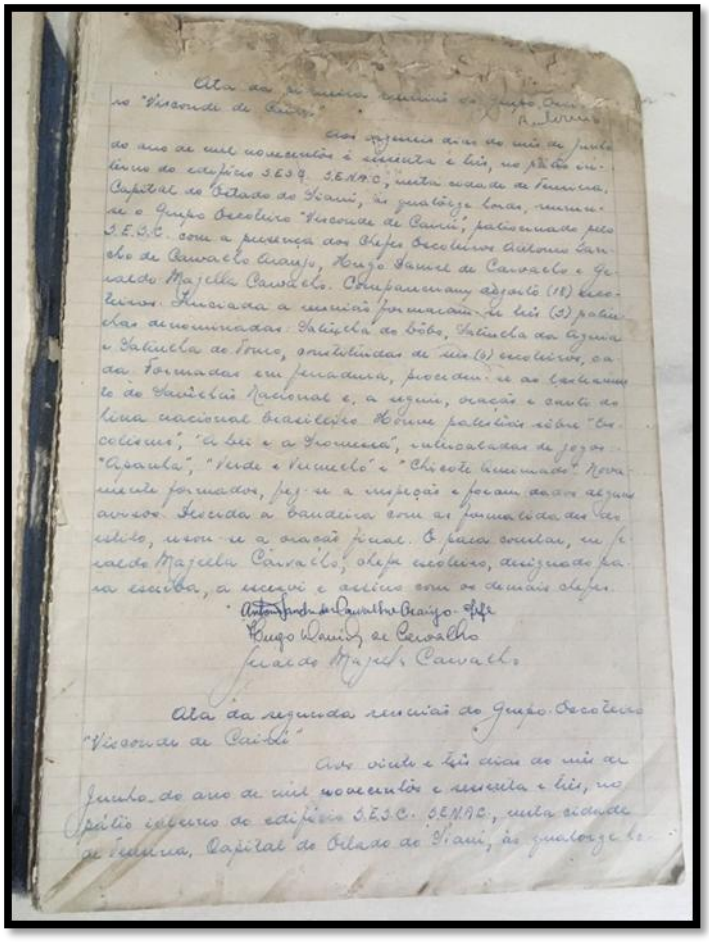
Em outras palavras, na documentação oficial o Grupo Visconde de Cairú é reconhecido como o primeiro grupo, tendo a data da autorização para o funcionamento em 31 de janeiro de 1963, pois no momento em que deixou de funcionar, o Grupo Powell Harris foi extinto dos registros oficiais.

O Grupo Visconde de Cairú, segundo consta na ata de fundação do grupo, teve sua primeira reunião na tarde de 16 de junho de 1963. A ata descreve com

detalhes esse evento. Observamos, entretanto, que já haviam chefes escoteiros designados para assinatura da ata e abertura das solenidades, o que denota que já haviam chefes escoteiros designados para o papel antes mesmo da existência do dito primeiro grupo. Esses chefes eram provenientes do povo teresinense, logo, já haviam grupos de escoteiros instituídos formalmente.

Os relatos de chefes escoteiros mais antigos, já apresentados, inclusive um dos primeiros chefes do grupo, contando já ter sido membros juvenis de outros grupos antes de serem instituídos como chefes do grupo Visconde de Cairú já é demonstrativo suficiente de que havia outros grupos em funcionamento antes da oficialização do grupo que hoje leva o numeral um em distintivo.

Figura 187 - Ata de fundação do grupo Visconde de Cairú



Ata da primeira reunião do grupo Escoteiro "Visconde de Cairú"

Aos vinte e três dias do mês de junho do ano de mil novecentos e noventa e três, no Salão de reuniões do edifício S.E.S.C. SENAC, nesta cidade de Teresina, Capital do Estado do Piauí, às quatorze horas, reuniu-se o Grupo Escoteiro "Visconde de Cairú", patrocinado pelo S.E.S.C. com a presença dos Chefes Escoteiros Antonio Carlos de Carvalho Araújo, Hugo Daniel de Carvalho e Gerardo Majella Carvalho. Compareceram alguns (11) Escoteiros. Iniciada a reunião formaram-se três (3) patrulhas denominadas: Patrulha do Bobo, Patrulha da Agua e Patrulha do Touro, constituídas de três (3) escoteiros, cada. Formadas em fileira, procederam-se os juramentos de Escoteiro Nacional e, a seguir, oração e canto do Hino nacional brasileiro. Houve palestras sobre "Escoteiros", "o Bem e a Promessa", ministradas na ordem "Aguia", "Lobo e Touro" e "Chefe Lourenço". Normalmente formados, fez-se a inspeção e foram dadas algumas ordens. Feita a bandeira com as formalidades de costume, usou-se a oração final. O para constar, eu Gerardo Majella Carvalho, chefe escoteiro, designado para escriba, a escrevi e assino com os demais chefes.

Antonio Carlos de Carvalho Araújo - Chefe
Hugo Daniel de Carvalho
Gerardo Majella Carvalho

Ata da segunda reunião do Grupo Escoteiro "Visconde de Cairú"

Aos vinte e três dias do mês de junho do ano de mil novecentos e noventa e três, no Salão de reuniões do edifício S.E.S.C. SENAC, nesta cidade de Teresina, Capital do Estado do Piauí, às quatorze ho-

Fonte: Acervo da autora, 2019.

Dados coletados por Rebello Filho (2019) registram 31 nomes de grupos que hoje estão inativos. Porém, como já mencionado, a UEB não tinha ainda convencionado o padrão de numeração, sendo que, o grupo que se extinguia,

deixava seu numeral “vago”, por assim dizer, o que permitia que outro grupo, criado posteriormente, utilizasse aquele numeral no momento de sua fundação.

O objetivo era manter a sequência numérica, o que gerou transtornos na hora de pontuar-se os grupos por ordem de fundação, ainda mais sabendo-se que poderiam existir grupos que foram oficializados depois de grupos que já existiam, porém levaram uma numeração acima, bem como grupos que não haviam sido oficializados, mas estavam em atividade e levaram numeração abaixo. Essa pode ter sido a situação do Nitish Laharry, que leva o numeral 3 em distintivo, mas que pode ter existido anos antes de sua fundação, bem como Erivaldo Sandro, que traz o numeral 2 em distintivo, porém foi fundado 23 anos depois do grupo 3. Abaixo, a relação dos 31 grupos inativos do estado, com sua respectiva localização e numeração utilizada na época de seu funcionamento:

Quadro D - Localização dos Grupos Escoteiros inativos do Piauí

Número do GE	Modalidade	Nome do GE	Cidade
2	Básica	Pe. Freitas	Piripiri
2	Básica	Visconde de Parnaíba	Picos
2	Básica	Dirceu Mendes Arcoverde	Teresina
4	Básica	João XXIII	???
5	Básica	Duque de Caxias	Teresina
5	Básica	Barão de Gurguéia	???
5	Básica	Dom José Gonzales Alonso	União
6	Básica	Domingos Afonso Mafrense	Oeiras
6	Ar	Padre Vieira	Pedro II
7	Básica	São José	Teresina
7	Básica	Dom Avelar Brandão Vilela	Teresina
8	Básica	Mirante Olímpico	Luzilândia
8	Básica	Afonso Mafrense	Teresina
11	Básica	Baden Powell	Teresina
13	Básica	São Francisco	Piripiri
14	Básica	Velho Lobo	Parnaíba
14	Básica	Padre Tarcisio Cruz	Monsenhor Gil
15	Básica	Henrique de Coimbra	Teresina
15	Básica	Caio Martins	???
16	Básica	Georg Black	Teresina
16	Básica	Dom Oscar Romero	Teresina
17	Básica	Antenor Martins Neiva	???
20	Básica	Leda Maria Santos	Francisco Santos
21	Básica	Ventos do Norte	Parnaíba
21	Básica	Docati Rufino	Santa Cruz do Piauí
22	Básica	Carlos Antonio Miranda	Picos

23	Básica	São Benedito	Valença do Piauí
24	Básica	Gideões de Inhuma	???
26	Básica	Lord Baden Powell	Piripiri
27	Básica	Cel. Luis Gonzaga	Colônia
GE sem numeral		**Nome do GE**	**Cidade**
	Básica	Cel. Simplício Dias	???

Fonte: Rebello Filho (2019)

Percebemos, no quadro acima, que Rebello Filho (2019) não conseguiu informações suficientes sobre o funcionamento desses grupos, em especial as cidades onde funcionaram, apesar do esforço de pesquisa. O único sem numeração funcionou antes da oficialização na UEB e, provavelmente não foi o único nessa condição, embora tenha sido o único relatado em literatura, tendo sido mencionado seu funcionamento em 1956, sete anos antes do registro oficial do primeiro grupo.

Além disso, dados coletados junto ao antigo diretor da Região Escoteira do Piauí mencionam outros grupos inativos além dos citados por Rebelo Filho (2019), como o 5º GE Álvaro Freire, extinto em 1976, ou o 6º GE Melvin Jones, que funcionou em Floriano nos anos 1970, bem como as cidades que não foram identificadas. Unindo as informações dos dois quadros, temos:

Quadro E – Mescla dos dados coletados junto à Região de Escoteiros do Piauí e Rebello Filho(2019)

Número do GE	Modalidade	Nome do GE	Cidade
1	Ar	Powell-Harris	Teresina
2	Básica	Sesc Parnaíba	Parnaíba
2	Básica	Pe. Freitas	Piripiri
2	Básica	Visconde de Parnaíba	Picos
2	Básica	Dirceu Mendes Arcoverde	Teresina
4	Básica	João XXIII	Teresina
5	Básica	Álvaro Freire	Teresina
5	Básica	Duque de Caxias	Teresina
5	Básica	Barão de Gurguéia	Teresina
5	Básica	Dom José Gonzales Alonso	União
6	Básica	Melvin Jones	Teresina
6	Ar	Padre Vieira	Pedro II
7	Básica	São José	Teresina
7	Básica	Dom Avelar Brandão Vilela	Teresina
8	Básica	Domingos Afonso Mafrense	Oeiras
8	Básica	Mirante Olímpico	Luzilândia
8	Básica	Afonso Mafrense	Teresina
10	Básica	Irapuã Rocha	Campo Maior

11	Básica	Baden Powell	Teresina
13	Básica	São Francisco	Piripiri
14	Básica	Velho Lobo	Parnaíba
14	Básica	Padre Tarcisio Cruz	Monsenhor Gil
15	Básica	Henrique de Coimbra	Teresina
15	Básica	Caio Martins	Teresina
16	Básica	Georg Black	Água Branca
16	Básica	Dom Oscar Romero	Teresina
17	Básica	Antenor Martins Neiva	Picos
20	Básica	Leda Maria Santos	Francisco Santos
21	Básica	Ventos do Norte	Parnaíba
21	Básica	Docati Rufino	Santa Cruz do Piauí
22	Básica	Carlos Antonio Miranda	Picos
23	Básica	São Benedito	Valença do Piauí
24	Básica	Gideões de Inhuma	Inhuma
26	Básica	Lord Baden Powell	Piripiri
27	Básica	Cel. Luis Gonzaga	Colônia
GE sem numeral		**Nome do GE**	**Cidade**
	Básica	Cel. Simplício Dias	???

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Achamos também importante registrar que, da mesma forma que não há registros oficiais da existência do Grupo Coronel Simplício Dias, muito embora ele apareça na literatura, também devem haver outros grupos que não foram considerados oficialmente pela UEB nos anos anteriores a 1963 (ano do primeiro grupo de escoteiros registrado).

3.2 CULTURA ESCOTEIRA NO PIAUÍ REGISTRADAS NAS MEMÓRIAS DE CHEFES, ESCOTISTAS, ESCOTEIROS E FAMILIARES

Todas as vezes em que falamos sobre o Movimento Escoteiro, sua cultura se revela muito forte. O Movimento apresenta de maneira muito clara quais valores defende e estabelece como importantes para a formação da criança, do adolescente e do jovem.

Dessa maneira, como já mencionamos, precisamos destacar o papel dos escotistas, dos chefes, como os facilitadores da aprendizagem, e que, através de práticas pedagógicas bem definidas, têm ensinado as normas que definem o caráter do movimento escoteiro que são transmitidas e incorporadas ao longo dos anos. Em contrapartida, como menciona Julia (2001), essas práticas normativas não podem

ser analisadas sem que se leve em conta o comportamento dos agentes que obedecem a essas normas.

Na Seção 2 deste texto demos destaque a alguns elementos marcantes na cultura escoteira. Contudo, nesta seção procuramos evidenciar esses aspectos revelados nas memórias de seus partícipes, materializadas em práticas oficializadas pelo movimento e interiorizadas pelo grupo de escotistas e escoteiros.

Nesse sentido, os depoimentos dos interlocutores confirmam a relação existente entre a cultura escolar, definida por Julia (2001, p.10) como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar” e a cultura escoteira transmitida e incorporada na forma de condutas e comportamentos. Ou seja, devemos lembrar que “[...] os textos normativos devem sempre nos reenviar às práticas” (JULIA, 2001, p. 19).

LOGO, se as práticas se realizam no centro dos agrupamentos humanos, e, no caso de grupos sociais organizados, dentro das instituições, precisamos contextualizar nossas reflexões sobre a cultura escoteira no âmbito das relações interpessoais estabelecidas dentro do movimento escoteiro.

À medida em que vão demonstrando sua seriedade, eficiência e eficácia, é natural que as organizações e instituições sociais ganhem **credibilidade**. A sociedade passa a reconhecer sua importância e a confiar no alcance de seus objetivos. Foi dessa forma que o Movimento Escoteiro foi ganhando a **confiança** da sociedade, passando a ser reconhecida como um movimento educacional benéfico à formação de jovens e crianças.

Isso se revela nas respostas dadas pelos Chefes, Familiares e escoteiros, interlocutores da pesquisa. A primeira pergunta da entrevista feita aos sujeitos foi: Como você ouviu falar no Movimento Escoteiro (ME)? Observamos que grande parte dos entrevistados conheceu o escotismo ainda na infância, através de colegas que já participavam do movimento. Ou seja, quem participava e gostava, convidava os colegas a participarem. Entretanto, achamos importante destacar as seguintes respostas:

> O meu vizinho pertencia ao 19º GEMAR e devido seu caminho para o grupo ser pela rua onde moro, despertou o meu interesse, de meus pais e de meus amigos. **Chefe 6**
>
> Desde 1998, passei a admirar o movimento escoteiro, pois via muitos chefes fazendo atividades. **Chefe 8**
>
> Após ver uma atividade sendo feita na minha comunidade. **Chefe 9**

> Rapaz, desde criança que eu escuto falar do movimento escoteiro. Via muitos escoteiros passando na rua. Alguns, na época, eram chamados bandeirantes. Nos Bandeirantes, eu via muitas mulheres. E depois, quando meus filhos já estavam mais ou menos na idade de entrar para o movimento de escoteiros, eles ouviram falar e foram lá procurar, buscar, saber como é que funcionava. E depois eu fui lá também nos colégios onde funcionava [...] e eles então passaram a participar do movimento. **Familiar 4**

> Desde criança eu já conhecia o movimento, acho que de uns 12 anos quando eu comecei a estudar, fazer o ensino fundamental, séries finais, eu queria muito ser bandeirante, então eu já conhecia o movimento escoteiro e na época eu achava que bandeirante era a versão feminina do escotismo, não entendia bem como era mas queria muito ser bandeirante que eu via alguns grupos lá em Recife e eu tinha muita vontade de participar. **Familiar 5**

Podemos observar nesses registros que o fato de presenciar as atividades realizadas motivou o desejo de ingresso no movimento, como destacam os Chefes 6, 8 e 9 e os Familiares 4 e 5.

> Disseram que era um movimento para jovens e coloquei meu filho mais velho. Não tive a oportunidade de ser membro juvenil. **Chefe 7**

> Passei a ter conhecimento através de duas vizinhas. Uma era chefe e mantem seus filhos no movimento, a outra era uma mãe que também manteve seus filhos nos escoteiros. As duas me incentivaram a conhecer o movimento e colocar meus filhos. **Familiar 3**

Para o Chefe 7 e o Familiar 3, a motivação se deu pela indicação positiva de outras pessoas que reconheciam no movimento algo relevante para os jovens. O Chefe 11, conta também, como sua mãe se interessou em inscrevê-lo no movimento a partir do momento em que reconheceu, em atividades efetivas dos escoteiros, o quanto o ME poderia ser proveitoso para seu filho:

> Conhecemos o movimento em uma atividade chamada “Ação Global” - um mutirão de prestação de serviços básicos onde os escoteiros faziam parte, ajudando. Quando um agente de endemias visitou minha casa falou para minha mãe do movimento escoteiro e os grupos mais próximos da minha casa. **Chefe 11**

Os escoteiros também tiveram a oportunidade de contar como ingressaram no movimento escoteiro:

> Um amigo meu era escoteiro e sempre me falava sobre o movimento com muita animação. Eu tinha curiosidade em conhecer [...] em assistir uma reunião. Mas a minha mãe não deixava. Então, um dia ela viu meu colega na rua passando de uniforme e depois que insisti muito ela me levou. Ela gostou e eu fiquei participando. **Escoteiro 1**

> Meu pai já conhecia os escoteiros, mas na minha cidade não tinha. Quando mudamos para Teresina ele procurou saber onde funcionava e me inscreveu no

> movimento Ele sempre diz que o movimento escoteiro ajuda na formação do caráter do homem**. Escoteiro 4**
>
> Eu entrei com 10 anos. Naquele tempo eu achava que ser escoteiro ia ser uma grande chatice, só cumprindo ordens como no exército. Mas não é, não. A gente entende a importância de cumprir as ordens e acaba achando isso muito bom. **Escoteiro 6**

Observamos nas palavras dos Escoteiros 1 e 2 o quanto é importante o apoio da família para que a criança entenda a importância do ME e deseje participar. O Escoteiro 6 destaca um aspecto importante do movimento: o modo como as práticas são organizadas para motivar a participação dos escoteiros. Nesse sentido, o planejamento e realização de ações efetivas de intervenção social, com foco em desenvolver na criança e no jovem sentimentos como **empatia, responsabilidade e consciência social**, também fazem parte da cultura escoteira. Por conhecer algumas das atividades que os escoteiros faziam, para o Familiar 2 o desejo de participar do ME era enorme. Ele se queixa de não ter sido convidado a participar quando ainda era adolescente.

> Quando eu estudava no colégio Mérito D'Martonne tinha um colega da minha turma, o nome dele era Antony e eu sabia que ele era escoteiro. Aí também quando eu fazia educação física na quadra do 25 BC eu via vários meninos de uniforme, estavam indo para algum lugar e esperando o ônibus. Eu até tinha vontade de entrar no movimento escoteiro mas achava que era uma coisa difícil e não era para todo mundo porque meu colega nunca falava nada, nunca convidou então eu achava que era algo para poucas pessoas, via os meninos na quadra de lenço e uniforme, achava bonito mas achava que não era para mim, que eu não podia entrar. Mas anos depois conheci minha esposa que disse que era algo simples e todos podiam entrar e ela acabou colocando toda a família no movimento. Ela é escoteira e enche o saco de todo mundo com esse negócio de escotismo. Também teve um acidente que falaram na época que foram escoteiros que se afogaram no Rio Poty, depois minha esposa explicou que era outro movimento que tinham se afogado, os Desbravadores. Mas todo mundo que usava lenço a gente pensava que era escoteiro, uma visão geral, né? Acho que nessa época todo mundo ouviu falar em escoteiro por causa desse acidente. **Familiar 2**

A resposta do Familiar 2, demonstra que a cultura escoteira era reconhecida através das ações, vestuário e organização de seus membros. E o evento mencionado, de afogamento do grupo de meninos, realmente levou a muitos a confundirem o grupo com um grupo de escoteiros porque os Desbravadores também são uniformizados de modo semelhante.

Ao serem questionados sobre "Como foi a sua primeira experiência/contato com o Movimento Escoteiro?", chamou a atenção a resposta do Chefe 6, que

afirmou: “Foi um choque, pois era diferente de tudo o que eu conhecia.” O “choque” a que ele se refere tem uma conotação positiva que se revela quando, em outra resposta, ele destaca: “A educação brasileira tem muito a aprender com o movimento escoteiro”.

Observamos também um aspecto importante que marca a cultura escoteira, sua contribuição para o processo de **socialização** de seus membros. Na resposta dos Chefes 3 e 4 isso fica evidente.

> Minha primeira experiência foi assim meio complicada, cheguei meio tímido e um pouco envergonhado por não conhecer nada do escotismo. Chefe 3
> Foi maravilhoso! No início eu era bem vergonhosa, mas com as amizades que fiz, fui perdendo o medo e a vergonha. Os chefes me acolheram com muito amor e felicidade. **Chefe 4**
>
> Fui sem conhecer nada e sem saber o que estava fazendo ali no momento, mas me agradou de primeira os jogos divertidos e as possibilidades de fazer novas amizades. **Chefe 11**
>
> Muito gratificante, tanto que me chamou a atenção que fiz minha progressão em todas as etapas e quis entrar para a equipe de formação devido a relevância que o movimento teve para mim. **Chefe 7**
>
> Me senti gratificada desde a primeira experiência e contato com os escoteiros. Pela experiência dos que compõem o movimento, pela relação que há no movimento com as iniciativas de regeneração da juventude. Me senti emocionada, uma experiência incrível. **Familiar 3**

A resposta do Chefe 7, enfatiza o **engajamento** que alguns membros assumem, trabalhando duro para progredir rapidamente dentro do movimento. Esse aspecto destaca que o **sentimento de pertencimento** faz parte também da cultura escoteira, o que se pode evidenciar também na resposta do Chefe 11. Para o Familiar 3, tornou-se importante destacar as iniciativas do **movimento de regeneração da juventude**, e a emoção que sentiu em participar dessas ações.

Aos Familiares também foi perguntado: Quais as suas impressões pessoais sobre o Movimento em relação à educação de sua criança? Eles assim se posicionaram:

> Muito importante pois cuida da disciplina e responsabilidade das crianças ensinando respeito e obrigações. **Familiar 1**
>
> Achei bacana, a postura deles em relação a ensinar obediência, respeito, hierarquia, honestidade. **Familiar 2**

> Me impressionei, me encantei pela maneira em estudos e possibilidades de uma relação entre o ensino formal e não formal, no âmbito do movimento escoteiro. **Familiar 3**
> Eu acho que funciona muito bem na área dos costumes, do aprendizado, melhora a disciplina da criança e funciona como uma espécie de regra, de conduta, eu acho que é muito bom se os pais botassem seus filhos hoje, melhoraria muito o relacionamento deles em casa. **Familiar 4**
> Excelente, muitos valores foram construídos com a ajuda, com a influência da cultura escoteira, porque, essa coisa mesmo de dizer a verdade, era fácil eu chegar para minha filha e querer descobrir alguma coisa que eu pedia para ela a palavra de escoteiro. Depois até eu esqueci disso, que eu deveria ter continuado até a vida adulta dela, que ela iria continuar dizendo sempre a verdade. **Familiar 5**

Podemos observar que os familiares reconhecem e aprovam os valores trabalhados pela cultura escoteira. Quando analisamos a Cultura Escoteira, observamos, por exemplo, uma forte referência aos **atos de heroísmo escoteiro** em algumas ocasiões de maior tensão, mitificados no imaginário da população do estado. Por exemplo, em Campinas, no estado de São Paulo, durante o período da chamada Revolução Constitucionalista de 1932, os escoteiros foram encarregados de organizar o correio de guerra. No conflito, despontou como herói o nome do lobinho Aldo Chioratto, que morreu durante um bombardeio à Estação da Paulista, enquanto entregava a correspondência de guerra. Outro escoteiro de destaque e mitificado dentro do movimento é Caio Vianna Martins, que após um acidente no trem em que estava com seus companheiros de tropa, mesmo debilitado, ajudou no socorro e transporte de feridos, não suportando a gravidade dos ferimentos, veio a falecer em 1938.

Figura 198 e 209- Estátua de Caio Vianna Martins, em Juiz de Fora/MG e fotografia de Aldo Chioratto



Fonte: Internet, 2021.

Há referências de lobinhos em 1942 que iam com os seus chefes até a Estação da Barra Funda em São Paulo e se distribuíam em pequenos grupos, montavam as suas barracas e as suas fogueiras e, munidos de binóculos, ficavam por vários dias à espreita de navios inimigos, especialmente submarinos alemães, que pudessem aparecer no litoral. Todos esses relatos de heroísmo e honra no cumprimento do dever, mesmo em tenra idade (os lobinhos tem menos de onze anos), traz no imaginário do escotismo o chamado à honra e ao dever, presentes na essência do movimento escoteiro apregoado por BP.

Figura 50 - Fotografia feita na escada da passarela da estação ferroviária da Barra Funda, em São Paulo, em 1942.



Fonte: Internet, 2021

Outro aspecto presente na Cultura Escoteira do estado é a honra pela palavra dada, ou, a popularmente conhecida "**palavra de escoteiro**". A dinâmica do escotismo deixa implícito o caráter de seriedade da instituição escoteira. Sobre isso versa o artigo 1, da Lei do Escoteiro: "O escoteiro tem uma só palavra, sua honra vale mais que sua própria vida", sendo princípio base do movimento criado por BP. Ele mesmo em seu livro Escotismo para Rapazes explica a inclusão e a força da palavra dada por um escoteiro:

> Quando um Escoteiro diz: - “Palavra de honra, isto é assim”. – significa que isto é assim mesmo, tal como se houvesse feito o mais solene dos juramentos. Da mesma forma, quando um Escotista diz a um Escoteiro: - “Confio à sua honra a execução disto”. – a obrigação do Escoteiro é executar a ordem com a melhor habilidade possível, e não deixando que nada interfira com a sua execução. Se um Escoteiro destruir sua honra, dizendo uma mentira, ou não cumprindo exatamente uma ordem cuja execução foi confiada a sua honra, pode lhe ser ordenado que devolva o Distintivo Escoteiro e que nunca mais volte a usá-lo. Pode também lhe ser ordenado que deixe de ser Escoteiro. (BADEN-POWELL, 2006, p. 22 e 23)

Houve uma Assembleia Nacional em 2019, porém, que alterou a redação do artigo devido o conceito de honra estar descrito acima da própria vida, mas na Cultura Escoteira ainda persiste a ênfase de uma palavra tão honrada que para que haja confiança naquele que a proferiu, seja suficiente a própria palavra dada.

Cada um desses aspectos referentes à cultura escoteira é similar em todo mundo, com pequenas adequações regionais. Por exemplo, no Piauí, quem participa do movimento é facilmente identificado pela uniformização do escoteiro piauiense. Na Cultura Escoteira Piauiense, a utilização correta do vestuário é vista não somente como identificação, mas se traduz em autonomia e cuidado, afinal o uniforme limpo, organizado, completo demonstra o interesse do participante e o seu grau de comprometimento. A UEB traz em sua legislação, precisamente na Resolução 05/2016 a caracterização do uniforme escoteiro para todas as modalidades, porém no Piauí se optou pelo uso do **vestuário escoteiro**. Na Regra 045 da resolução 05/2016, artigo III, versa sobre o vestuário escoteiro:

> III – É de decisão da Unidade Escoteira Local o uso das distintas maneiras de compor o vestuário escoteiro, considerando sua realidade geográfica, econômica e social, sendo obrigatório o uso de peças que compõem as partes superior e inferior. a) Parte superior: camiseta básica, camisa polo, camisa de manga curta ou camisa de manga longa, jaqueta e eventuais outras peças, na cor azul marinho para membros juvenis, na cor verde garrafa para escotistas e dirigentes. b) Parte inferior: bermuda e calça para uso masculino e feminino, e saia para uso feminino, na cor cáqui, para membros juvenis, escotistas e dirigentes.

Há tolerância no caso de o participante não possuir o vestuário ou ser um membro carente, que pode receber o uniforme ou vestuário doado de outro membro mais antigo. Ainda assim, mesmo com o que chamamos de camisa de atividade (camisas utilizadas para as atividades quando não se possui uniforme ou quando este não é exigido), é determinado que o participante esteja à altura de um escoteiro, utilizando calça ou bermuda, sapato fechado e meias (para melhor

movimentação no campo), lenço e arganelo, tudo precisamente organizado, arrumado e limpo.

Em anos anteriores à atualização imposta pela resolução supracitada, os grupos utilizavam o antigo traje escoteiro ou uniforme padrão, sendo que a maioria dos grupos optava por utilizar o uniforme que era brim cáqui (para tropa escoteira e acima) e brim azul para lobinhos. Sabemos que em nosso estado é, como muitos do nordeste, predominante as altas temperaturas. A média anual chega à 30ºc aproximadamente, considerando os 219 municípios (MEDEIROS; CAVALCANTI e DUARTE, 2020). Os tecidos utilizados são quentes e pesados e o Brasil é tido como "país tropical", o que torna difícil a utilização do uniforme, em especial nos dias de pico das temperaturas. Porém, ainda assim havia preferência no seu uso. Atualmente a vestimenta é padrão de escolha em quase todos os grupos do estado. O "amor à farda" é algo tão forte na Cultura Escoteira local que, caso o participante a tenha adquirido, são poucas as dispensas em utilizá-la. Nas atividades, que geralmente exigem muito movimento, a vestimenta pode ser retirada, o que é chamado de "descansar uniforme", mas deve estar presente nas solenidades de abertura e encerramento de cada reunião.

Caso o participante não esteja uniformizado por qualquer dos motivos já descritos (porque não tem a vestimenta ou não quis utilizá-la), ele participa das solenidades, porém não pode ter participação ativa (hastear ou arriar bandeiras, entregar distintivos e etc). Fica livre aos Grupos Escoteiros, no entanto, a escolha pelo uniforme ou pela vestimenta escoteira e mesmo que determinado grupo tenha optado pelo uso da vestimenta, o participante que assim desejar pode adquirir o uniforme e utilizá-lo.

Figura 51 e 52 - Lobinhos do 1º GE Visconde de Cairú em reunião em 2019 e em 1996 – Vestimentas e uniformes.

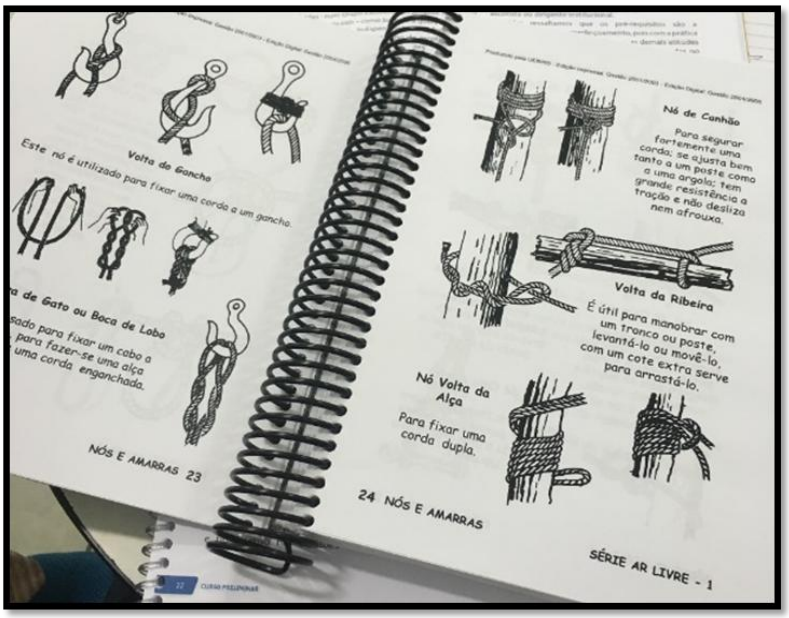


Fonte: Acervo da autora, 2020

Além disso, se observa no indivíduo a **higiene**, percebida e vista como um fator importante na Cultura Escoteira Piauiense, demonstrativo de autocuidado, sendo explicitado, inclusive, no artigo 10 da Lei Escoteira: “O escoteiro é limpo de corpo e alma”.

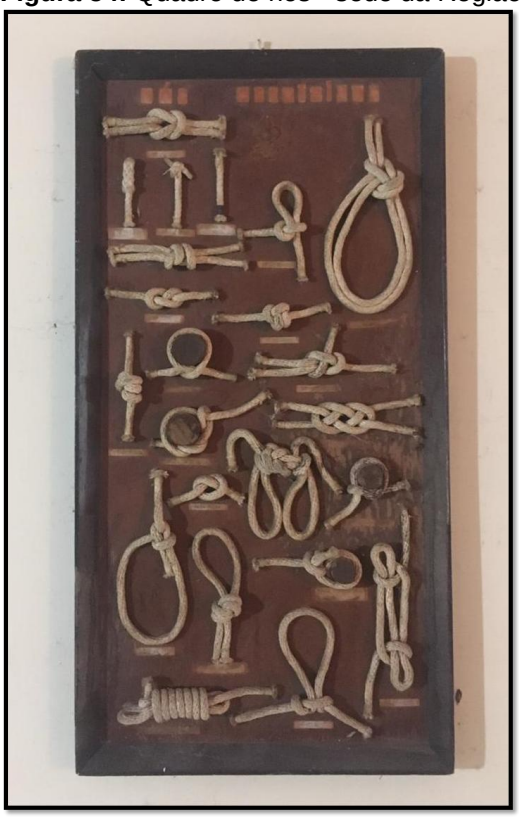
Outro fator que merece destaque dentro da Cultura Escoteira Piauiense é o treinamento das **técnicas de nós e amarras**, com uso deles na construção das chamadas pioneirias, que são utilizações que facilitam a vida do escoteiro nos acampamentos e no caso de não haver uma estrutura de apoio à disposição em determinadas estadas, como no caso de um acidente ou em alguma situação em que o indivíduo se veja com poucos recursos além dos naturais à disposição. São técnicas úteis das mais variadas maneiras, o que torna o escoteiro apto a resolver problemas que pessoas comuns normalmente não são habilitadas.

Figura 213 - Detalhe do livro "Nós e Amarras" com ensinamentos e usos para diferentes nós e amarras



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Figura 54: Quadro de nós - sede da Região escoteira do Piauí



Fonte: Acervo da autora, 2019.

A **culinária mateira** é outro elemento de destaque dentro da Cultura Escoteira Piauiense. Mateira, de acordo com dicionário Aurélio (1999) “*adj fem sing* Relativo extensão coberta de mato, de bosque extenso e cerrada.” Ou seja, a

culinária relativa ao escoteiro em acampamento, com a utilização daquilo que a natureza puser à disposição e os poucos recursos disponíveis. De acordo com Baden-Powell no Guia Sênior (2001, p. 112):

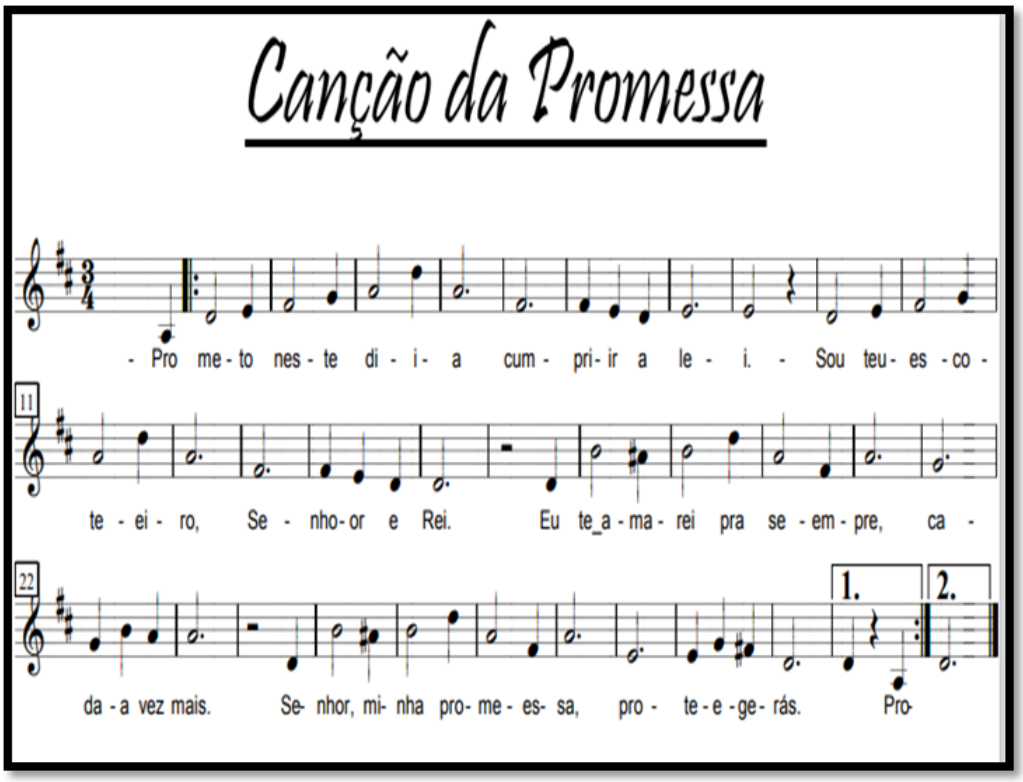
> A cozinha mateira atrai fortemente os jovens, e é uma excelente atividade de Patrulha, com os jovens trabalhando aos pares. Não precisa ser desperdiçadora, se feita adequadamente, mas é geralmente um processo vagaroso, é preciso mais tempo raro para preparar uma refeição do que pelos métodos ortodoxos. O fogo é de grande importância. Os rapazes devem ser treinados para diferenciar entre fogos de madeiras duras e moles (isto liga este assunto com técnicas mateiras e o reconhecimento de árvores).

Além desses aspectos já citados, podemos citar a importância do **percurso** e **sinais de pista** dentro da Cultura Escoteira Piauiense. O percurso é uma atividade de reconhecimento de campo onde o escoteiro utiliza técnicas de localização espacial, aprende a usar a bússola, a se guiar pelos astros, a medir o tempo com aquilo que a natureza põe a disposição. A observação atenta gera representações do espaço através de signos convencionados e chamados de sinais de pista. Os sinais de pista são dispostos em uma localidade onde um escoteiro fez o reconhecimento (ou percurso) e ali sinaliza detalhes do caminho. Os escoteiros do Piauí levam esta atividade muito a sério e é um treinamento importante em cada GE que é praticado nos acampamentos ou em atividades próprias para este fim. O treinamento trabalha no indivíduo a atenção e aguça os sentidos.

Por fim, as **canções escoteiras**, outro elemento importante a ser destacado dentro da Cultura Escoteira Piauiense. Elas são aprendidas durante as atividades de sede ou de campo e trazem ensinamentos ou representações das situações que envolvem a vida escoteira. Algumas das canções são elos de ligação com momentos vividos nos acampamentos, histórias antigas e passadas desde a fundação do escotismo em traduções livres, outras são músicas divertidas e de domínio público, usadas para divertir e socializar os membros do movimento durante o momento reservado a cantar. A apostila do Curso Preliminar de formação de escotistas, elaborada pela UEB traz um cancioneiro que contem o Hino Alerta (hino dos escoteiros), a Canção da Promessa (que contem a promessa escoteira cantada de forma poética), a Canção da despedida (tradicionamente cantada durante cerimônia do Fogo de Conselho, que ocorre ao final dos acampamentos), o Hino da Modalidade do Mar, o Rataplan do Mar (são hinos dos escoteiros do mar), além de

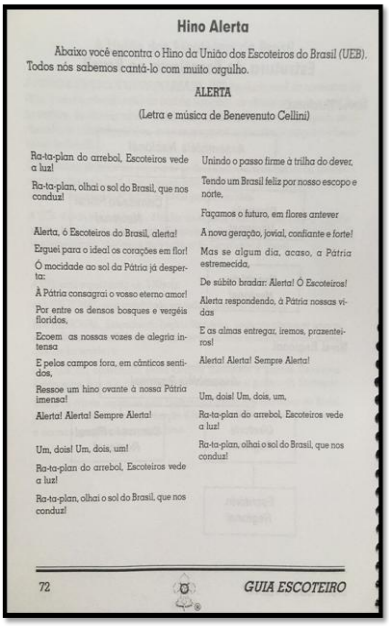
canções divertidas e tradicionais do movimento, como Para ser lobinho, O espírito de BP, Hum, Guin gan guli, Bravo/Grato e Flor de Lis. No Guia Sênior, a canção sênior, que embala a Tropa Sênior/Guia, ramo destinado aos jovens acima de 15 anos.

Figura 55 - Detalhe de partitura com o Hino da Promessa



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 56 – Hino Alerta em publicação oficial da UEB.



Hino Alerta

Abaixo você encontra o Hino da União dos Escoteiros do Brasil (UEB). Todos nós sabemos cantá-lo com muito orgulho.

ALERTA

(Letra e música de Benevenuto Cellini)

Ra-ta-plan do arrebol, Escoteiros vede a luz!
Ra-ta-plan, olhai o sol do Brasil, que nos conduz!

Alerta, ó Escoteiros do Brasil, alerta!
Erguei para o ideal os corações em flor!
Ó mocidade ao sol da Pátria já desperta:
À Pátria consagrai o vosso eterno amor!
Por entre os densos bosques e vergéis floridos,
Ecoem as nossas vozes de alegria intensa
E pelos campos fora, em cânticos sentidos,
Ressoe um hino ovante à nossa Pátria imensa!
Alerta! Alerta! Sempre Alerta!

Um, dois! Um, dois, um!
Ra-ta-plan do arrebol, Escoteiros vede a luz!
Ra-ta-plan, olhai o sol do Brasil, que nos conduz!

Unindo o passo firme à trilha do dever,
Tendo um Brasil feliz por nosso escopo e norte,
Façamos o futuro, em flores antever
A nova geração, jovial, confiante e forte!
Mas se algum dia, acaso, a Pátria estremecida,
De súbito bradar: Alerta! Ó Escoteiros!
Alerta respondendo, à Pátria nossas vidas
E as almas entregar, iremos, prazenteiros!
Alerta! Alerta! Sempre Alerta!

Um, dois! Um, dois, um,
Ra-ta-plan do arrebol, Escoteiros vede a luz!
Ra-ta-plan, olhai o sol do Brasil, que nos conduz!

72 GUIA ESCOTEIRO

Fonte: Acervo da autora, 2016.

Perguntamos, também, aos interlocutores da pesquisa sobre se eles acham que existe relação entre o ME e a Educação Escolar. Eles demonstraram ter uma imagem muito positiva do ME no que se refere a educação que oferecem. Inclusive destacando que a Educação Escolar só tem a ganhar com o engajamento dos alunos no movimento:

> É muito bom, meus filhos foram bem encaminhados e a educação no movimento não deixou a desejar. **Chefe 1**
>
> O movimento é um complemento na educação, não pode substituir o ensino da família. Se eu tivesse dez filhos eu colocaria todos no movimento. **Chefe 2**
>
> São as melhores possíveis. Para trabalhar com essas crianças temos o método escoteiro, as literaturas escoteiras, procuramos fazer nosso melhor possível para estar/acompanhar a criança tanto quanto ao jovem. **Chefe 3**
>
> É um movimento que forma cidadãos melhores e no mundo de hoje tem bastante violência, o movimento escoteiro serve de bom exemplo para a formação de pessoas para o bem. **Chefe 4**
>
> Uma proposta que poderia dar bastante impacto para melhorar a complementação escolar. **Chefe 5**
>
> A educação brasileira tem muito a aprender com o movimento escoteiro. **Chefe 6**
>
> É um movimento que pode contribuir, e muito, para a educação de nosso país, colocando na nossa sociedade pessoas úteis e comprometidas com o próximo e com o país. **Chefe 7**
>
> Promover uma educação saudável, livre de violência, onde as pessoas se respeitem mais. **Chefe 8**
>
> Impressões de confiança e honra. **Chefe 9**
>
> Uma das normativas para auxiliar na educação de nosso país. **Chefe 10**
>
> A prática pode melhorar o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos, pode ser reconhecida como atividade extracurricular também, até mesmo porque um dos princípios do escotismo é ajudar na formação do cidadão. **Chefe 11**

Quanto às memórias que os Familiares guardam da participação de seus filhos no movimento, suas lembranças demonstram a satisfação em ter inscrito seus filhos para serem escoteiros:

> Eles falam sobre pedir permissão e sobre aprender algumas coisas sobre sobrevivência. **Familiar 1**
>
> Sim, o desfile do sete de setembro, eles tirando os distintivos, bem felizes, orgulhosos do uniforme, vendo o interesse deles em fazer as atividades aqui em

> casa, saindo mais do celular e computador. Fico feliz em vê-los interessados em alguma coisa. **Familiar 2**
>
> São muitas lembranças [...] mais a mais importante foi o primeiro acampamento. **Familiar 3**
>
> Tenho uma memória de desfile do sete de setembro, quando eles participaram do desfile de sete de setembro. Eu fui participar com eles, acompanhei, tirei fotos, levei água, e eles estavam todos a caráter, fardados, todos muito bem direcionados, educados para aquele momento e eu achei muito importante porque também eles estão pregando o civismo que o nosso país já esqueceu o que é isso. O movimento de escotismo nunca esqueceu o civismo, eles sempre estão ladeados. Eu acho que falta assim, no movimento, pessoas que sejam... Quem sabe assim, uma participação do movimento em escolas cívicas-militar, né? Pode ser uma boa ideia, porque eles já são muito próximos, muito parecidos com o militarismo, né? E poderia ter uma aliança ali, seria interessante, né? E o movimento também ele precisava levar um caráter de conhecimento maior para sociedade através de propaganda ate mesmo pela televisão ou então pelos meios da mídia social para que pais pudessem reconhecer esse movimento como importante. Porque, na verdade, a maioria pensa que é simplesmente uma brincadeira para as crianças se divertirem durante um final de semana ou então durante um dia que eles vão deixar no movimento. Então, esse movimento, ele deveria ter uma divulgação maior para que os pais pudessem ver a importância desse movimento na vida dos seus filhos. **Familiar 4**
>
> Acho que o principal foi ver a minha filha já, como mãe, envolvendo os filhos no movimento escoteiro. Eu acho que, quando uma coisa é boa a gente quer repassar pros nossos filhos. Muito me surpreendeu os conhecimentos que eu adquiri sobre a história do movimento escoteiro, as contribuições do Baden Powell com o movimento de forma bem ampla, internacionalmente, e aqui no Brasil também. Então, isso, fortalece muito o movimento e dá conhecimento às outras pessoas, acho que deveria ter mais pesquisa nessa área pra comprovar, pra demonstrar cientificamente as contribuições. Eu não conheci ainda um ex-escoteiro que não lembre com carinho do período que participou do movimento escoteiro. **Familiar 5**

3.3 PRÁTICAS EDUCATIVAS DO MOVIMENTO ESCOTEIRO NO PIAUÍ E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DOS SUJEITOS PARTÍCIPES DESSE MOVIMENTO

Magalhães (2004, p.124) traz uma preocupação com as conexões epistemológicas entre a educação, a instituição educativa e a história da educação. Ele tenta perceber melhor cada processo e aos fatos educativos para que seja elaborado uma discussão teórico-metodológica, como suporte à pesquisa histórico-educacional. Isso significa para o autor que:

> As instituições educativas são organismos vivos, cuja integração numa política normativa e numa estrutura educativa de dimensão nacional e internacional é fator de conflito entre os campos da liberdade, criatividade, sentido crítico e autonomização dos atores e o normativismo burocrático e político-ideológico estruturante (MAGALHÃES, 2004, p. 124)

É perceptível a preocupação de Baden Powell, enquanto fundador do Movimento Escoteiro que esta sua criação fosse algo que pudesse agregar valores socialmente apreciados ao caráter dos jovens em questão. Para ele não deveriam ser desconsiderados os gostos e habilidades que os jovens já possuíam e que faziam parte de sua bagagem, ou de suas vivências, mas que era papel da educação direcionar, conforme se evidencia na palestra dele 1922.

> É preciso saber servir-se de todos esses atrativos para “dourar a pílula” da educação. A educação, tal como a entendo, não consiste em introduzir no cérebro da criança uma certa dose de conhecimentos, mas sim, em despertar-lhe o desejo de conhecer e indicar-lhe o método de estudo. Além da formação puramente escolar, a educação moderna procura desenvolver o caráter, a habilidade técnica e a saúde do corpo. Esse desenvolvimento poderá ser alcançado por meio das atividades enumeradas acima, desde que se elabore um sistema inteligente e hábil. (BADEN-POWELL, 1923, p. 5)

Com base nesse pensamento, se criaram os fundamentos, elementos básicos do Escotismo, que se constituem na **definição**, **propósito**, **princípios** e o chamado **Método Escoteiro**. Com exceção apenas da definição, que não tem precedência hierárquica, os demais estão em ordem de prioridade para quem faz parte do Movimento. Vamos ver cada ponto especificamente. O escotismo, segundo o site oficial dos escoteiros do Brasil, se **define** como:

> [...] um movimento educacional de jovens, com a colaboração de adultos, voluntário, sem vínculos político-partidários, que valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, raças e crenças, de acordo com o propósito, os princípios e o Método Escoteiro concebido pelo fundador, Baden-Powell. (BRASIL, 2019)

Ou seja, dentro do conceito anteriormente visto sobre o que seriam as Instituições Educativas, conforme nossa escolha de nomenclatura e por oferecer a educação extraescolar, sendo mais abrangente e englobar a educação sistematizada não apenas restrita à escola, o escotismo se encaixa e assim se firma como pertencente a esse conceito, com base em sua própria definição.

Ainda dentro da percepção dos elementos básicos do escotismo, agora seguindo a ordem de prioridade, percebemos como **propósito** a sua contribuição para a juventude, a fim de que os jovens sejam responsáveis pelo próprio desenvolvimento, tanto de caráter como físico, estimulando que eles busquem

realizar as possibilidades físicas, descobrir as aptidões intelectuais, guiar as condutas sociais, afetivas e espirituais com base nas vivências individuais destes, para que sejam cidadãos responsáveis, participantes e de utilidade reconhecida em suas comunidades, conforme se define no projeto educativo dos escoteiros do Brasil. Além disso, o escotismo tem como **princípios** definidos os três deveres: para com Deus, o próximo e consigo mesmo. Estes princípios estão dentro das chamadas místicas das cerimônias escoteiras, a começar do primeiro – e considerado por alguns – principal distintivo do jovem que se identifica como escoteiro: a promessa escoteira, já mencionada neste trabalho. Nela o jovem recebe o distintivo que representa sua escolha pública em cumprir esses princípios, localizado no uniforme, não por acaso, sobre o coração do jovem, já representando que estes princípios devem estar no coração do escoteiro.

Explicitando melhor, o dever para com Deus não é a imposição de uma religião, mas o estímulo à espiritualidade individual, respeitando-se a vivência pessoal de cada jovem e incutindo nele o respeito à outras crenças diferentes que possam coexistir em um mesmo grupo/tropa/patrulha. Já o dever para com o próximo inclui mais que apenas respeito, mas a questão da lealdade à pátria, a promoção da paz, a cooperação dentro da comunidade e sociedade em todas as esferas (nacional, internacional e local), dentro da chamada fraternidade escoteira e fora dela. No jovem é incutido o conceito de respeito à dignidade do homem e, claro, amor e busca pelo equilíbrio da natureza. O terceiro princípio, o amor para consigo mesmo é a inclusão da auto responsabilidade ao seu próprio desenvolvimento, à busca pessoal por esse crescimento.

Por fim, o chamado **Método Escoteiro** é um conjunto de cinco elementos que respeitam os níveis de maturidade dos indivíduos e se classificam conforme o quadro:

Quadro F – Elementos do Método Escoteiro

Elementos do Método Escoteiro	
Aceitação da Promessa e da Lei Escoteira	Todos os membros assumem, voluntariamente, um compromisso de vivência da Promessa e da Lei Escoteira.
Aprender fazendo	O escotismo valoriza o aprendizado pela prática; o treinamento para a autonomia, baseado na autoconfiança e iniciativa e os hábitos de observação, indução e dedução.

Vida em equipe	Que se denomina nas Tropas “Sistema de Patrulhas”, que inclui a descoberta e a aceitação progressiva de responsabilidade; a disciplina assumida voluntariamente e a capacidade tanto para cooperar como para liderar.
Atividades progressivas, atraentes e variadas	Se dá através de jogos; treinamento de habilidades e técnicas úteis, com reforço positivo através do sistema de distintivos, da vida ao ar livre e em contato com a natureza, da interação com a comunidade e da mística e ambiente fraterno.
Desenvolvimento pessoal com orientação individual	Isso leva em consideração a realidade e o ponto de vista dos jovens; a confiança nas potencialidades de cada jovem; o exemplo pessoal do escotista e se faz em seções com número limitado de jovens e divisão por faixa etária própria.

Fonte: Apostila de Curso Preliminar fornecida aos escotistas em formação pela UEB, presente nos anexos da pesquisa.

Assim, ao analisar o quadro destacamos que uma das características presentes nas práticas educativas e pedagógica escotistas é o ensino e aprendizagem por meio da prática; do treinamento para a autonomia, baseado na autoconfiança e iniciativa e os hábitos de observação, indução e dedução.

Nesse sentido, em busca de conhecer essas práticas investigamos a família sobre a participação em alguma atividade no grupo, junto com as crianças/jovens. Observamos que dos cinco familiares apenas um familiar participou de atividades:

> Não, essa atividade era feita quando passavam os finais de semana com os avós e não nunca fui convidada a participar. **Familiar 1**
>
> Sim, do desfile no sete de setembro. Achei bom, interessante, filmei tudo, o uniforme a marcha e tal. Teve a investidura do lenço deles, que fui eu que entreguei, me senti orgulhoso de saber que eles estão participando de algo que vai trazer um benefício pra eles, um movimento sério que vai trazer algo positivo pra vida deles. **Familiar 2**
>
> Não lembro se participei diretamente de alguma atividade, mas sempre estive junto com eles em todas as tardes de sábado. Achei perfeito a cada experiência. **Familiar 3**
>
> Não, nunca participei. **Familiar 4**
>
> Participei logo no início. Assisti a uma apresentação deles no bairro onde eu morava, mas depois não acompanhei mais. Eles iam sozinhos, independentes, participavam e sempre foi muito bom ver o retorno disso. **Familiar 5**

Outra questão importante no escotismo é sobre ser um membro voluntário, observando-se na investigação com o familiar que apenas um não gostaria de participar como voluntários, sendo colocado por ele a seguinte justificativa:

> Os voluntários são ex-participantes. Creio que esses enquanto forem jovens, após saírem do movimento, eles devem participar. Já pessoas que nunca participaram do movimento, eles não têm, digamos assim, um conhecimento específico do movimento para que ele possa participar incentivando outros, outras crianças a participarem, outras pessoas a participarem. Eu acho que quem participou do movimento está mais indicado para ser voluntário dentro do movimento. **Familiar 4**

O depoente anterior coloca a necessidade do conhecimento, portanto para ele é necessário ser uma pessoa que já tenha sido escoteiro. O que também se observou como impedimento, apesar de alguns investigados quererem participar, foi a falta de tempo, o fato de que essas atividades exigem dedicação por parte dos voluntários, observado na fala do familiar 5, entre outros.

> Se eu pudesse, sim, mas me falta tempo e coragem, acho que a pessoa tem que ter uma dedicação grande, assumir um compromisso quando se diz que é voluntário. **Familiar 2**
>
> Sim, seria com muito orgulho e amor ao movimento e a pátria. **Familiar 3**
>
> Há uns trinta anos atrás acho que sim, hoje mais não porque as minhas atribuições, o trabalho, até mesmo a idade já impede um pouco de estar envolvida e logo também eu coordeno há dezessete anos uma organização não governamental, que trabalha com crianças em situação de vulnerabilidade e risco e isso já toma bastante tempo da gente. **Familiar 5**

Portanto, fica bem claro nas falas/depoimentos dos familiares que as práticas educativas desenvolvidas pelo Movimento Escoteiro pode contribuir para a educação da criança e do jovem, segundo os investigados, destacamos promover a responsabilidade, valores como honestidade, integridade, respeito, honra, o que auxilia na construção de um ser humano integro e um cidadão de bem

> Contribui com a educação em relação a eles entender sobre suas responsabilidades e também de aprender muitas coisas que para ele foi super empolgados e sobre sobrevivência. **Familiar 1**
>
> Ele contribui, pois ensina a responsabilidade, passa valores de honestidade, integridade, respeito, honra, o que auxilia na construção de um ser humano integro e um cidadão de bem. Ele já contribui de uma maneira tão significativa que não consigo pensar em que mais poderia contribuir, pois são muito completos. Só lamento que na minha época eles não conseguiram me alcançar, não foi acessível pra mim, talvez não tenha tido informação suficiente e felizmente hoje fazem por meus filhos o que eu não pude ter, porque eu tinha um colega que poderia ter

> falado pra mim, mas ele não falava, acho que deveriam contribuir nisso, de fazer a propaganda pra quem não conhece. **Familiar 2**
>
> O movimento contribuiu para a vida toda dos meus filhos na obediência no respeito, na educação geral e pra escolha dos seus ideais. Hoje um filho sênior e outro chefe. **Familiar 3**
>
> Acho que poderia ser mais propagandeado para que ele pudesse contribuir com muitas outras crianças que não, não ouvem falar ou então que só ouvem falar e nunca participam. Eu digo, deveria ter uma propaganda maior dentro das escolas para que pudesse arrastar esse movimento de dentro das escolas para o escotismo, essas crianças. Porque as crianças tinham o conhecimento sem a vontade, sem eles verem eles não vão sentir vontade de participar. **Familiar 4**
>
> Bom, quando você se torna um voluntário, como no caso da minha filha que ela voltou pro movimento para dar uma instrução voluntária para os grupos de escoteiros. Então, isso ajuda na formação humana de um modo geral, faz a gente se sentir mais próximo das crianças, principalmente aquelas que passam por problemas de ordem econômica, social, cultural, e aí você, como um membro voluntário, você sempre está, de certa forma, vestindo a camisa da responsabilidade social que todo ser humano tem de se envolver com movimentos como esse, que formam valores e que ajudam na formação de um cidadão de bem. **Familiar 5**

Os pais valorizam o movimento escotista, reconhecem a formação de valores fundamentais para a construção da identidade pessoal e profissional de seus filhos, o uso de práticas educativas que possibilitam mudanças de comportamento. Nas falas anteriores pode se percebe a necessidade de divulgação do Movimento, conforme destacado na fala de um dos familiares “deveria ter uma propaganda maior dentro das escolas para que pudesse arrastar esse movimento de dentro das escolas para o escotismo”. Além de divulgação há uma compreensão que a escola deveria trabalhar junto, possibilitando que essas práticas educativas se integrasse às pedagógicas, possibilitando uma educação integral. Segundo os depoentes as práticas educativas desenvolvidas no Movimento promovem significativa mudanças, destacamos que, segundo os familiares:

> [...] eles sempre lembram o que ensinam nos escoteiros e ficam bastante empolgados ao contarem suas experiências em acampamentos, o Arthur coloca mais em pratica em casa ao me ajudar quando solicito, já a Ellen é mais relutante em ajudar não pratica muito o que aprende não. **Familiar 1**
>
> Eles criaram um pouco mais de responsabilidade, não mais por interesse deles mesmos e não do movimento, que lá eles ensinam, melhoraram um pouco o comportamento, acho que isso. **Familiar 2**
>
> [...] Passaram um tempo e passaram à ser mais solidários e respeitadores. **Familiar 3**
>
> [...] sempre há uma mudança, né? E a mudança tem que ser boa. Existe também que os pais tem que dar o apoio para que essas crianças participem de certos movimentos dentro do movimento escoteiro e a disciplina melhorou também escolarmente, né, na área da escola. Notei que o meu filho, que era mais indisciplinado nessa área melhorou um pouco nesse aspecto, até também na

> hiperatividade, ele fez mais movimentações e desenvolveu também áreas que ele talvez não desenvolvesse se não estivesse lá, como o aprendizado de nós, o aprendizado de relacionamentos com outras crianças em acampamento, eu acho que só tem a melhorar. **Familiar 4**
>
> [...] a questão mesmo dessa concepção de trabalho cooperativo, de companheirismo, de práticas de sobrevivência na vida selvagem, algumas técnicas que eles aprenderam e isso foi muito bom para a formação deles. E também o temor a Deus, a questão mesmo dos valores cristãos foram também reforçados. **Familiar 5**

Portanto, as práticas educativas desenvolvidas no Movimento de Escoteiros são promotoras de uma educação voltada para a formação de valores, que segundo os pais, esses valores são necessários para a vida de seus filhos, por possibilitarem maior solidariedade, e melhor comportamento, capacidade de atender a regras, entre outros aspectos que conduzem a um desenvolvimento saudável. Mas, o que são práticas educativas? Segundo Nogueira (2014, p. 9) há "intencionalidade em relação à prática educativa, a educação em geral pode ser intencional ou não, mas a prática educativa tem de forma inerente uma intenção, um objetivo educativo".

> Não se concebe o ensino dissociado da aprendizagem, da mesma forma as ações educativas (as práticas educativas), enquanto integrantes de um processo intencional, constituem as inter-relações que envolvem educador e educando. Considera-se que as práticas educativas, enquanto ações intencionais, institucionalizadas envolvem o agente representado pelo professor e o destinatário, que é o aluno, ou seja, envolve educador/educando em suas inter-relações educativas e socioculturais.

Da mesma forma no Movimento de Escoteiros essas práticas envolve os agentes educativos, o instrutor/professor e o escoteiro aluno. Nesse sentido, o Movimento se desenvolve por meio de suas práticas educativas/pedagógicas. Nesse sentido, destacamos o "Método Escoteiro".

Apresentamos algumas caractérísticas do Movimento que se integra às práticas educativas escolares, possibilitando um ensino e aprendizagem com base na práxis educativa. Ressaltamos que o Método Escoteiro envolve a adesão à promessa e à Lei Escolteira. Assim, seguem algumas das características desse Método, que conduz as práticas educativas, as quaius consideramos ser reconhecidas pela família, são estas:

a) Característica da aprendizagem pela prática – observou-se na fala dos depoentes (familiares) que as ações educativas são voltadas para as atividades teórico-práticas – o aprender fazendo;

No Escotismo, observamos a aquisição de novas competências (conhecimentos, habilidades, atitudes e valores), que são alcançadas por meio da prática educativa que envolve atividades variadas, divertidas e relevantes, que levam os jovens a agir, cometer erros, refletir e descobrir. Esse movimento permite o desenvolvimento das pessoas envolvidas em todas as dimensões de sua personalidade, ao extrair o que é pessoalmente significativo de tudo aquilo que experimentam. (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2021).

b) Trabalho em equipe – outra característica presente na fala foi sobre o resultado do que o Moviemnto Escoteiro chama de “vida em equipe”.

O Método Escoteiro constitui-se na formação de pequenas equipes, como “patrulhas”, buscando que as pessoas participem de uma aprendizagem colaborativa e oportuniza a tomada de decisão pelo escoteiro, “com o objetivo de desenvolver o trabalho em equipe eficaz, as habilidades interpessoais, a liderança, e criar um senso de responsabilidade e pertencimento”. (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2021, p. 1).

c) Práticas educativas progressivas – como o método proporciona desenvolver atividades atraentes e variadas, observamos que os participantes e os familiares se sentem estimulados.

Essas práticas compõem-se por uma jornada de aprendizagem progressiva, focada em motivar e desafiar os participantes a se desenvolverem continuamente, gerando uma ampla variedade de oportunidades. Essa abordagem metodológica permite desenvolver práticas educativas em que as crianças e jovens possam progredir em seu próprio desenvolvimento, de acordo com sua maneira, em um ritmo próprio, em busca de atender aos objetivos educacionais apropriados a cada faixa etária, usando um sistema de reconhecimento progressivo, que permite e auxilia o ganho de confiança e crescimento em sua autonomia. Portanto há uma progressão pessoal autônoma, mediada pelos adultos, por meio do incentivo e apoio. Nesse sentido, os participantes estabelecem seus próprios desafios, e podem exerce sua liberdade de escolha e é possível o desenvolvimento de autorreflexão. Promove o desenvolvimento pessoal com orientação individual (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2021, p. 1).

d) Desenvolvimento de valores - está bem presente nos depoimentos essa característica, que se reafirma no Movimento Escoteiro, apresentado a seguir:

Valores

- **Diversidade** – Respeito às diferenças, em suas várias dimensões, e defesa permanente dos direitos humanos.
- **Honestidade** – Respeito aos preceitos legais, morais, justos e éticos em todas as ações e relações.
- **Excelência** – Busca pela eficácia, qualidade e melhoria contínua em todas as ações.
- **Democracia** – Promoção do engajamento de todos e compartilhamento de opiniões, na busca de posições e decisões resultantes da reflexão coletiva.
- **Inclusão** – Adequação para acolher as diferentes características e necessidades das pessoas que compõem a sociedade.
- **Inovação** – Capacidade de implementar novas ideias e buscar soluções criativas para êxito e permanente atualização da organização.
- **Compromisso** – Empenho com a transformação social, com a educação infanto-juvenil e impacto gerado nas comunidades.
- **Sustentabilidade** – Responsabilidade com o meio ambiente, os recursos e a sociedade, e adoção de práticas sustentáveis.
- **Cooperação** – Disposição em compartilhar experiências, valorizar o trabalho coletivo e manter relacionamentos com outras instituições.
- **Transparência** – Ações visíveis e claras na gestão da organização e dos recursos em todos os níveis.
- **Unidade** – Harmonia nas ações, em todos os níveis, fortalecendo a identidade unificada e a presença dos Escoteiros do Brasil na sociedade. (ESCOTEIROS DO BRASIL, 2021).

Dentre esses valores destacamos nas falas, maior intensidade nas mudanças de comportamento observadas, voltadas para o respeito, compromisso, honestidade, cooperação (solidariedade), busca por fazer o melhor (excelência). Para os pais essas práticas educativas, representadas nas atividades dos escoteiros, fortalecem o relacionamento familiar e com a sociedade. Consideramos, também, que são fundamentais para o exercício da cidadania.



Fortalece-nos para que possamos ser homens honrados e leais,
Atentos às necessidades de nosso próximo,
Amigo e irmão de todos,
Formando uma só família em todo o orbe.
Que o convívio com a Mãe natureza nos ensine a ciência do viver harmônico Com ordem e disciplina.
Que a alegria seja o nosso cotidiano,
E o respeito à chave do nosso bem viver.
Envolve-nos na tua luz,
Para que purificados e fortalecidos no Teu amor,
Possamos viver a cada instante,
Em todos os níveis, esferas e dimensões,
A renovação de nossa promessa!
Amem
(Oração da Lei e Promessa)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ter conseguido, dentro dos limites da pesquisa histórica, reconstituir o conhecimento histórico do Movimento Escoteiro do Piauí. Uma história de beleza singular, incrustrada na memória de todos os seus protagonistas. Ouvir os depoimentos de chefes, escoteiros e familiares, registrar suas experiências dentro do movimento, analisar documentos escritos e registros fotográficos constitui uma experiência inenarrável.

A história do Movimento Escoteiro é uma história de serviço e dedicação a infância e juventude brasileira. Um trabalho voluntário que parece apaixonar seus dirigentes, ao ponto de permanecerem na ativa, em muitos casos, até a velhice. Muitos ingressam no movimento como escoteiros, mas depois se voluntariam para ser escotista, num nítido sentimento de gratidão e desejo de proporcionar a outras crianças a oportunidade de conhecer o movimento que faz parte de sua própria história.

A educação extraescolar do movimento escoteiro no Piauí (1930 – 2020) foi retratada neste trabalho, buscando a rigorosidade exigida pela ciência, entretanto, sem perder a leveza necessária ao historiador que pretende captar a beleza da história humana.

Nesse percurso, conseguimos identificar aspectos importantes da cultura escoteira, através da (re)construção das memórias de dirigentes, escotistas, escoteiros e familiares sobre o passado e presente do Movimento. Para tanto, revisitamos a trajetória do escotismo desde sua fundação na Inglaterra em 1908, sua chegada ao Brasil em 1910, e no estado do Piauí em 1930.

Entretanto, compreendemos que para entender melhor sobre a Cultura Escoteira, precisávamos refletir sobre Cultura Escolar, no momento em que reconhecemos o caráter educativo do movimento no âmbito da educação extraescolar. Como na Cultura Escolar, a formação da Cultura Escoteira é ensinada através de práticas educativas e pedagógicas. Com a mesma responsabilidade de professores, os escotistas atuam como os facilitadores da aprendizagem, planejando sua prática educativas e utilizando métodos de ensino dos mais criativos.

Os componentes de ensino no ME são as normas e práticas que definem o caráter do movimento, transmitidas e incorporadas ao longo dos anos. Uma tradição que, entretanto, não é engessada e inflexível. As diferenças culturais de cada país,

cidade e comunidade foram reconhecidas e respeitadas por BP, tanto que as práticas no ME podem ser ajustadas, de acordo com a cultura local e com o cenário climático e geográfico.

Todavia, independentemente da nacionalidade dos grupos escoteiros, os princípios e valores defendidos por BP essenciais na construção de uma sociedade mais justa e solidária permaneceram os mesmos. O modelo criado por BP foi mundialmente difundido com o mínimo possível de variações. Mantiveram-se os mesmos, inclusive, os materiais utilizados para fortalecimento da identidade escoteira.

BP unificou diversos conceitos que puderam ser difundidos como parte da cultura escoteira dentro do movimento em todas as partes do mundo. Um desses conceitos se traduz no lema escoteiro “Sempre Alerta!”. Os três dedos levantados representam os três pilares da Promessa Escoteira: o amor a Deus, a Pátria e a si mesmo; e os dedos dobrados representam que o escoteiro maior sempre protege o menor e também que os escoteiros dos locais mais distantes sempre se encontram.

Ao analisar suas práticas educativas/pedagógicas no Piauí, pudemos destacar muitas das contribuições do Movimento Escoteiro para a formação dos sujeitos partícipes do movimento. Uma dessas contribuições é a formação de valores morais, éticos e estéticos. Valores como: honra, moral, ética e bondade. O valor da “palavra dada”, por exemplo, algo que foi se perdendo no mundo moderno.

Podemos dizer que, atualmente, vivemos uma época de inversão de valores. O respeito aos pais e aos mais velhos, o respeito aos professores e autoridades, foram sendo substituídos pela desobediência familiar e civil. O patriotismo tem sido atacado e a identidade nacional tem se perdido. A juventude de hoje tem sido bombardeada por ideias que estimulam a rebeldia e a contravenção. Nesse contexto, o ME ganha especial importância por ter como objetivo forjar positivamente o caráter de jovens aprendizes. Num mundo marcado pelo individualismo, pela competição desregrada, pela supervalorização do capital, muitos valores foram se perdendo.

O ME propicia às crianças a oportunidade de, através das práticas educativas/pedagógicas, vivenciarem ações de planejamento, organização, autodefesa, companheirismo, solidariedade, cooperação, espírito de equipe, entre outras.

Nos depoimentos dos representantes de 8 (oito) Grupos Escoteiros do Piauí, as contribuições para a formação dos meninos e meninas escoteiros são similares, pois o ME mantém firmemente seus princípios e valores defendidos. Desde 1930 até os dias de hoje, o ME pouco mudou em relação às suas práticas.

Podemos dizer que a relevância da pesquisa se confirmou com a reconstituição do conhecimento histórico e da memória do Escotismo no Piauí, com foco nos processos de organização, estruturação e funcionamento.

O valor histórico dessa reconstituição é que, a partir da presente investigação, os escoteiros das próximas gerações terão o registro científico do Movimento Escoteiro do Piauí, contada por aqueles que fazem parte dessa história.



"Nós nos encontramos ao redor da fogueira. Trocamos experiências e aprendizagens. Aprendemos que a felicidade se encontra em momentos de companheirismo, amizade e amor. Sempre alerta! Nos sentimos parte de um grupo que decidiu ser diferente nesse mundo frio e insensível. Somos escoteiros. Uma vez escoteiro, sempre escoteiro!"

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Maria Fernandes. **A reforma da instrução pública do Ceará de 1922: as diretrizes da política educacional do governo Justiniano de Serpa.** Dissertação. UECE, 2009.

ANTIPOFF, Helena. **A escola e o escotismo.** Revista de educação física.Rio de Janeiroano 4. Nº 25, ago 1935.

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smith. **Guia Sênior.** União dos Escoteiros do Brasil. 4. ed. Porto Alegre: Rosthill Artes Gráficas Ltda, 2001.

_____. **A educação pelo amor.** Palestra de Robert Baden-Powell apresentada em 1o de agosto de 1922 ao 3 o Congresso Internacional de Educação Moral, em Genebra - Suíça, e publicada na revista JAMBOREE: The World-wide Scout Journal - n o 9, em janeiro de 1923.

_____. **Guidismo II.** União dos Escoteiros do Brasil. 2. ed. 1993

_____. **Anuários do Ensino do Estado de São Paulo (1923)**, 1907-1908; 1909-1910; 1911-1912; 1917, 1918, 1922-23, 1936-37.

_____. **Escotismo para rapazes**: um manual de instrução em boa cidadania por meio das artes mateiras - Edição da Fraternidade Mundial. Curitiba: Escritório Nacional da União dos Escoteiros do Brasil, reedição 2006, reimpressão 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**, vol.I - Princípios e Conceitos Fundamentais. Petrópolis: Editora Vozes, 2011

BENCOSTTA, Marcos Levy Albino. **Grupos escolares no Brasil**: um novo modelo de escola primária. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). Histórias e memórias da educação no Brasil, Vol. III: Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BILAC. Olavo. **Olavo Bilac e o Escotismo**: trecho da conferencia realizada em Bello Horisonte em 26 de agosto de 1916. Officinas Graphicas do Jornal do Brasil: Rio de Janeiro, 1929.

BOMENY, Helena. Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional. **Estudos Históricos***,* Rio de Janeiro, vol. 6, n.º 11, 1993, p. 24-39.

BOM MEYHI, José Carlos Sebe. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 1998.

BOULANGER, Antônio. **O Chapelão**. Histórias da vida de Baden Powell. Rio de Janeiro: Letra capital, 2000.

BRASIL, **Decreto Nº 19.398.** de 11/11/1930. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19398.htm#:~:text=DECRETA%3A,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico.> Acesso em 20 dez. 2020.

BRASIL, **Decreto-Lei Nº 8.828.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del8828.htm> Acesso em 16 out. 2019.

BRASIL**. Decreto 5.884**, de 21/4/1933. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1933/decreto-5884-21.04.1933.html. Acesso em 23 jan. 2019.

BRASIL, União dos Escoteiros. **Estatuto** (2011). Disponível em: <http://www.Escoteiros.org.br/arquivos/documentos_oficiais/estatuto_UEB_2011.pdf > Acesso em :22 out. 2019.

BRASIL, **Método Escoteiro.** Disponível em < http://www.Escoteiros.org.br/metodo-Escoteiro/>. Acesso em 27 jan. 2019. Site oficial da União dos Escoteiros do Brasil

BRITO, Itamar de Sousa. **História da educação no Piauí**. Teresina: EDUFPI, 1996.

BUFFA, Ester. **História e filosofia das instituições escolares**. In: ARAUJO, José Carlos Souza. Campinas/SP: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **A Escola dos Annales**: 1929/1989 – a revolução francesa da História Geográfica. 2. ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CANABARRO, Ivo. **Fotografia, história e cultura fotográfica**: aproximações. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dezembro 2005

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república e outros ensaios.** Bragança Paulista, São Paulo, 2003

CATARINO, Giselle Faur de Castro; QUEIROZ, Glória Regina Pessôa Campello e BARBOSA-LIMA, Maria da Conceição de Almeida. O formal, o não formal e as outras formas: a aula de física como gênero discursivo. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2017, vol.22, n.69, pp.499-517. ISSN 1809-449X. http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782017226925.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Lopes. Petrópolis: Vozes, 1994

CURITIBA. Escritório Nacional da União dos Escoteiros do Brasil. **Manual do Escotista Ramo Sênior**: um método de educação não-formal para jovens de 15 a 17 anos. Curitiba, 2010. Páginas 242-249.

_____. Escritório Nacional da União dos Escoteiros do Brasil. **Programa de jovens**: objetivos finais e intermediários. Curitiba. Páginas 3-7, 30-33.

DISTRITO FEDERAL. **Lei nº 1.267**, de 21 de novembro de 1996.

DRUCKER, Peter. **Sociedade pós-capitalista**. 4ed. São Paulo: Pioneira, 1993. São Paulo. Folhetim de divulgação do Movimento Escoteiro. 13º GE, São Paulo

ESCOTEIROS DO BRASIL. Disponível em: < https://www.escoteiros.org.br/>. Acesso em: 12 set. 2019

ESCOTEIROS DO BRASIL. Nota de esclarecimento - Alteração do 1° Artigo da Lei Escoteira dos Escoteiros do Brasil - Escoteiros do Brasil. Disponível em: <https://www.escoteiros.org.br/noticias/nota-de-esclarecimento-alteracao-do-1-artigo-da-lei-escoteira/> 2019. Acesso em 01/02/2021.

ESCOTEIROS DO BRASIL. Disponível em: https://www.escoteiros.org.br/metodo-escoteiro/#:~:text=Aprendizagem%20pela%20pr%C3%A1tica,aprendizado%20e%20o%20desenvolvimento%20cont%C3%ADnuos.&text=Baseia%2Dse%20no%20aprendizado%20atrav%C3%A9s,lidar%20com%20a%20vida%20cotidiana. Acesso em: 10 maio 2021.

ESCOTEIROS DO BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 05/2016. Regulamenta o Vestuário e o Uniforme Escoteiros <https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-05.2016-Regulamenta-o-Vestu%C3%A1rio-e-o-Uniforme-Escoteiros.pdf> Acessado em 01/02/2021

FARIA FILHO, Luciano Mendes de et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004

FARIAS, Vanessa Soares Negreiros. **As transformações na educação piauiense na Era Vargas.** XXVII Simpósio Nacional de História – Anpuh, 2013, Natal. In: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, Anpuh, 2013.

FAVERO, Osmar; VALLA, Victor Vincent. **Educação extra-escolar no Brasil**: revisão de conceitos básicos. Fórum Educacional, v. 1, n. 1, 1977.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Cazuza e sonho da escola ideal.** São Luís: EDUFMA, 2010.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí Republicano**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GABRIEL, Yara Cristina. **Prescrições cívico morais e a formação do cidadão:** um estudo sobre a introdução do escotismo nas escola públicas de São Paulo (1917 – 1922). Dissertação. Mestrado em Educação. São Paulo: Pontifica Universidade Católica de São Paulo, 2003.

GATTI JR, Décio. **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campina (SP): Autores Associados, 2002. p. 25-38.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUTIERREZ, Luis Alberto Linzmayer**. Espaço extra-escolar**: fundamentação acadêmica e importância do professor de Educação Física. Campinas, SP, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2001, jan/jun, nº 1.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. **A História Nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, São Paulo, 2003.

LIMA, Maria do Socorro. **República, política e direito**: representações do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto (1918-1921). São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denise Bárbara (Orgs.). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente.** São Paulo: Escrituras, 1998, p.51-69.

_____. **Tecendo nexos:** história das instituições educativas. Editora Universitária São Francisco, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Cientifica em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, O. **Fisionomia moderna de Teresina**. Diário Oficial, Teresina, ano XI, n. 266, p. 2, 1 de dez. de 1941.

MASETTO, Marcos Tarciso (Org.) **Docência na universidade**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.

MEDEIROS, Raimundo Mainar de; CAVALCANTI, Enilson Palmeira; DUARTE, Jaqueline Fernandes de Medeiros. **Classificação climática de Köppen para o estado do Piauí – Brasil.** Revista Equador (UFPI), Vol. 9, Nº 3, p.82 – 99 Teresina, 2020.

MELO, Salânia Maria Barbosa. **A construção da memória cívica**: as festas escolares de civilidade no Piauí (1940-1945). 2009. 224f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira Fortaleza-CE, 2009.

MOREIRA, Marcos Antônio. Teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget. In: Moreira, M.A. **Teorias de Aprendizagem.** São Paulo: EPU, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** São Paulo. E.P.U. 1974.

NAGY, Laszlo. **250 milhões de escoteiros.** Porto Alegre: União dos Escoteiros do Brasil, 1987

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell**: cultura escoteira. Associação Voluntária e Escotismo de Estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

NERY, Ana Clara Bortoleto. **Práticas escolares em revista:** o escotismo. XXII Simpósio Nacional de História – Anpuh, 2003, João Pessoa. In: Anais do XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa, Anpuh, 2003.

PALMA FILHO, João Cardoso. **Política Educacional Brasileira** Cte Editora, São Paulo, 2005.

PIAGET, Jean. Os procedimentos de educação moral. In: MACEDO, Lino. (Org.) **Cinco estudos de educação moral.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PIAUHY. Decreto nº 1.438, 31 de janeiro de 1933. Revê e altera disposições do Regulamento Geral do Ensino. **Imprensa Oficial do Piauí**, Teresina: Imprensa Oficial, 1933.

PIAUHY. Decreto nº. 1.068, 27 de janeiro de 1930. **Imprensa Oficial do Piauí**, Teresina: Imprensa Oficial, 1930.

QUEIROZ, Teresinha. de Jesus Mesquita. **Os literatos e a república**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as Tiranias do Tempo. Teresina: EDUFPI, 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RIOS, Teresinha Azeredo. **Ética e Competência**. São Paulo: Cortez, 1995.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil***:* 1930/1973. 8a ed. Petrópolis: Vozes, 1986. [Cf. p. 33-46.]

REBELLO FILHO, Moacyr Mallemont. **Grupos Escoteiros:** Piauí. Disponível em: <https://grupos-escoteiros.webnode.com/pi/> Site Grupos Escoteiros. 2019.

ROSA, Andre Torricelli F. da. **B-P e o escotismo do mar.** 2010. Disponível em <https://grupoescoteiroalbatroz.webnode.com.br/bp-e-o-escotismo-do-mar/> Centro cultural do Movimento Escoteiro http://www.ccme.org.br/artigos/1409/

SAVIANI, Demerval. Instituições escolares: conceito, história, historiografia e práticas. **Cadernos de história da educação** - nº. 4 - jan./dez. 2005
São Paulo Movimento de Bandeirantes

Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos. Disponível em: http://spb.org.br/gostas-de-historia-correio-paulistano-de-7-de-setembro-de-1922/ Acesso em: 12 fev. 2019.

SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. **A fotografia como fonte histórica**. Historiæ, Rio Grande, 1 (2): 113-120, 2010

SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Caderno CEDES** [online], Campinas, vol. 20, ano XX, nº 52, nov 2000.

THOMÉ, N. **Movimento Escoteiro**: projeto educativo extra-escolar. Universidade do Contestado (UnC), Campus de Caçador (SC). Revista HISTEDBR On-line. Páginas 171-194. Campinas, 2006.

WEBER, Eugen Joseph, **França fin-de-siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ZUQUIM, Judith; CYTRYNOWICZ, Roney. Notas para uma história do Escotismo no Brasil: a ‘psicologia escoteira’ e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914-1937). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 35, pp. 43-58, jul. 2002.